



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ISAAC CARLOS DE FREITAS

**O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO NA AULA DE LÍNGUA MATERNA: UMA
PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MOSSORÓ

2025

ISAAC CARLOS DE FREITAS

**O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO NA AULA DE LÍNGUA MATERNA: UMA
PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem e Letramentos.

**Orientador: Prof. Dr. José Roberto
Alves Barbosa.**

**MOSSORÓ
2025**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F866g Freitas, Isaac Carlos de Freitas
O gênero artigo de opinião na aula de língua materna: uma prática de letramento crítico no ensino fundamental. / Isaac Carlos de Freitas Freitas. - Mossoró/RN, 2025.
136p.

Orientador(a): Prof. Dr. José Roberto Alves Babosa Barbosa.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Mestrado Profissional em Letras. 2. Letramento. 3. Crítico. 4. Artigo. 5. Aluno. I. Barbosa, José Roberto Alves Babosa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ISAAC CARLOS DE FREITAS

**O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO NA AULA DE LÍNGUA MATERNA: UMA
PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa.

Aprovado em: 29 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



JOSE ROBERTO ALVES BARBOSA

Data: 12/06/2025 08:28:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa

(Presidente – UERN)

Documento assinado digitalmente



CID IVAN DA COSTA CARVALHO

Data: 12/06/2025 09:11:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cid Ivan da Costa Carvalho
(1º Examinador Externo – UFERSA)

Documento assinado digitalmente



GILSON CHICON ALVES

Data: 12/06/2025 09:54:25-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gilson Chicon Alves
(2º Examinador Interno – UERN)

A todos que acreditam no poder transformador da educação e lutam com todas as suas forças pelo bem da sociedade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças para ingressar nesse mestrado e agora concluí-lo, delineando os melhores passos a seguir, provendo as oportunidades, resolvendo todos os conflitos que apareceram e colocando as pessoas certas em meu caminho.

Aos meus pais, Aparício Dantas de Freitas e Maria das Graças Carlos de Freitas, pela incansável dedicação comigo, sempre apoiando os meus projetos de vida.

Aos meus irmãos, Ítalo Romeu Carlos de Freitas e Josué Sizenando Neto, que sempre foram solícitos quando precisei, ajudando-me e compreendendo-me nos momentos em que não pude estar presente.

As minhas duas filhas, Alice Gabrielle Gurgel de Sousa e Ester Gurgel de Freitas, motivo maior de todas as minhas lutas, sempre buscando o melhor para elas.

A minha esposa, Priscila Mirelli Gurgel Maia, pelos momentos de ausência e de estresse, às vezes.

Ao meu orientador, o professor Dr. José Roberto Barbosa, pela dedicação e disponibilidade desde o início. Detentor de uma calma impressionante e inteligência ímpar, souber tirar minhas dúvidas e me orientar a trilhar os melhores caminhos.

Aos meus alunos do 9º ano pela presença ativa nesta pesquisa.

À gestão e aos professores da escola em que trabalho por compreenderem o que esse momento significava para mim e me ajudarem sempre que foi preciso.

Aos meus colegas de curso do Profletras: Allyson, Edmilson, Fabíola, Felipe, Irlane, Janete, Josivânia, Karla e Patrícia, sempre cirúrgicos na solução dos problemas. E, principalmente, ao trio - que na verdade era um quarteto (Allyson, Edmilson, Isaac e Josivânia) – o qual fazia todas as atividades com dedicação, compromisso e bastante alegria.

À coordenação, à secretaria e ao corpo docente do PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - Campus Mossoró, pela constante e eficiente instrução.

À banca examinadora: Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa (Presidente), Prof. Dr. Cid Ivan da Costa Carvalho (1º Examinador) e Prof. Dr. Gilson Chicon Alves (2º Examinador).

Ao brilhante advogado Ravardierison Noronha por garantir um direito que inicialmente me foi retirado (acesso ao mestrado), mas, graças ao seu grande talento, conseguiu com que fosse feita a justiça, e assim pude ingressar no mestrado Proletras.

Aos amigos e às amigas por compreenderem minha ausência nas farras e resenhas nesse período.

A todos... muitíssimo obrigado pelas orações e pela torcida!

“Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
naqueles, cujas vidas tocamos.” (Alves,
1994)

RESUMO

Um dos múltiplos desafios da escola no contexto atual é o acesso ao aprendizado através da leitura e da produção de textos, considerado como fator que possibilita o desenvolvimento cognitivo do indivíduo e da sua inserção nas sociedades letradas. Neste cenário, o papel de ensino de produção textual passa a ser bastante discutido entre os teóricos da linguagem, no intuito de melhorar a qualidade da educação. Vale ressaltar que no mundo contemporâneo existe uma infinidade de informações, e muitas delas chegam até nós de forma distorcida e equivocada, sendo assim, é preciso desenvolver no aluno não apenas um estudo de codificação e decodificação de símbolos, mas algo que desenvolva sua capacidade crítica para intervir na sociedade, questionando as atuais estruturas de poder e refletindo sobre os diversos discursos produzidos pelos falantes. É dever da escola e daqueles que a constituem, desenvolver práticas que estimulem a criticidade dos discentes, ou seja, desenvolver um Letramento Crítico. Uma das mais eficientes formas de incentivo ao Letramento Crítico através da produção textual em sala de aula é o uso do Gênero Artigo de Opinião, pois este faz com que o aluno pesquise e estude sobre várias temáticas sociais, assim como, incentiva o debate durante as aulas e exercitando sua capacidade de persuasão. Com base nessa perspectiva, buscou-se desenvolver o presente trabalho intitulado “O Gênero Artigo de Opinião na aula de Língua Materna: uma prática de Letramento Crítico no Ensino Fundamental”, que foi construído com o objetivo de fornecer base teórica àqueles que participam do processo de Letramento Crítico e contribuir decisivamente para a formação do aluno. Este estudo apoiou-se em informações teóricas de grandes estudiosos como: (Kleiman, 2008); (Freire, 2011); (Barbosa, 2015); (Janks, 2010); (Soares, 2009); (Marcuschi, 2008); (Bronckart, 2015); (Schneuwly; Dolz, 2004); (Thiollent, 2004); (Tripp, 2005); entre outros. É importante mencionar que a pesquisa em questão também contou com uma intervenção em sala de aula, onde o professor através do Artigo de Opinião, desenvolveu o Letramento Crítico dos alunos, mediante exposições orais, discussões e produções textuais.

Palavras-chaves: Letramento. Crítico. Práticas. Artigo. Opinião. Aluno. Gênero.

ABSTRACT

One of severe challenges of school in the current context is the access to leaning through the reading and the text production, considered as the factor that enables the cognitive development for the individual and his insertion in the literate societies. In this scenario, the hole of the teaching textual production pass to be strongly discussed among the language theorists, in order to improve the quality of education. It must be emphasized that in the contemporary world there are a endless amount of information, and lots of them, reach us in a distorted and mistaken way, thus, it is necessary to develop in the student, not only a study of symbol encoding and decoding, but also something to develop their critical capacity to intervene in society, questioning current power structures and reflecting on the various discourses produced by speakers. It is the duty of the school and those who make it up, develop practices that stimulates student' criticality, in other words, develop a critical literacy. One of the most effective ways of encouraging Critical Literacy through textual production in the classroom is to use the Opinion Article genre, because it makes the student research and study various social issues, as well as encouraging debate during classes and exercising their capacity for persuasion. From this perspective, aimed to develop the present academic paper entitled: "The Article Opinion Genre in the Mother Tongue Class: A Critical Literacy Practice in the Middle School", which was written with the aim of providing a theoretical basis for those involved in the Critical Literacy process and making a decisive contribution to the student's education. This research was based on theoretical information from great scholars such as: (Kleiman, 2008); (Freire, 2011); (Barbosa, 2015); (Janks, 2010); (Soares, 2009); (Marcuschi, 2008); (Bronckart, 2015); (Schneuwly; Dolz, 2004); (Thiollent, 2004); (Tripp, 2005); among others. It is important to mention that the study in question also included an intervention in the classroom, where the teacher by the Opinion Article developed the students' critical literacy through oral presentations, discussions and textual productions.

Keywords: Literacy. Critical. Practices. Article. Opinion. Student. Genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ciclo básico da investigação-ação	58
Figura 2 - Registro da explicação sobre artigo de opinião	63
Figura 3 - Explicação do professor sobre as características do artigo de opinião.....	64
Figura 4 - Reprodução do <i>slide</i> com os conceitos, características e a estrutura do artigo de opinião.....	65
Figura 5 - Slide inicial da aula sobre letramento crítico e os argumentos	66
Figura 6 - Reprodução do slide inicial usado durante o debate sobre preconceito racial.....	67
Figura 7 - Registro de momento durante o debate sobre o preconceito racial e a participação de uma aluna em exposição de slide	68
Figura 8 – Reprodução da imagem ilustrativa do filme “Mãos talentosas”	69
Figura 9 – Registro de momento durante o debate sobre o preconceito racial	70
Figura 10 - Momento da produção do artigo de opinião sobre o preconceito racial ..	71
Figura 11 - Professor orientando aluna durante produção do artigo de opinião (Temática - preconceito racial).....	72
Figura 12 - Professor pesquisador com os alunos durante o debate sobre <i>bullying</i> ..	73
Figura 13 – Tela de <i>slide</i> usado durante o debate sobre <i>bullying</i>	75
Figura 14 – Reprodução do <i>slide</i> inicial usado durante o debate sobre <i>bullying</i>	76
Figura 15 - Professor orientando os alunos durante a produção do artigo de opinião (Temática – <i>bullying</i>)	77
Figura 16 - Produção do artigo de opinião pelos alunos. (Temática – <i>bullying</i>)	78
Figura 17 - Sala de aula do professor responsável e os alunos durante o debate sobre inclusão social	79
Figura 18 - Professor organizando os slides que foram usados durante debate sobre inclusão social.....	81
Figura 19 - Debate sobre inclusão social e participação ativa dos alunos	82
Figura 20 - Parte dos alunos produzindo o artigo de opinião sobre inclusão social ..	83
Figura 21 - Alunos concentrados produzindo o artigo de opinião sobre inclusão social	84
Figura 22 - Trecho do artigo de opinião sobre preconceito racial (aluno 01, linhas 17 a 28).....	87
Figura 23 - Trecho do artigo de opinião sobre preconceito racial (aluno 13, linhas 11 a 22).....	87

Figura 24 - Trecho do artigo de opinião sobre preconceito racial (aluno 02, linhas 1 a 11).....	88
Figura 25 - Trecho do artigo de opinião sobre o preconceito racial/racismo (aluno 02, linhas 12 a 17).....	89
Figura 26 - Excerto do artigo de opinião sobre <i>bullying</i> (aluno 07, linhas 11 a 25) ...	90
Figura 27 - Trecho do artigo de opinião sobre <i>bullying</i> (aluno 09, linhas 13 a 22)	92
Figura 28 - Trecho artigo de opinião sobre inclusão social (aluno 02, linhas 18 a 23)	93
Figura 29 - Excerto do artigo de opinião sobre inclusão social (aluno 12, linhas 15 a 19).....	94
Figura 30 - trecho do artigo de opinião sobre inclusão social (aluno 05, linhas 5 a 11)	94

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
2 LETRAMENTOS E LETRAMENTO CRÍTICO	19
2.1 Letramento: origens e evolução	19
2.2 Letramento: análise e reflexão.....	21
2.3 Distinção entre letramento e alfabetização.....	23
2.4 Tipos de letramentos	26
2.4.1 Letramento Científico	26
2.4.2 Letramento Digital	27
2.4.3 Letramento Matemático.....	29
2.4.4 Letramento Literário	30
2.4.5 Letramento Linguístico	31
2.4.6 Letramento Acadêmico.....	31
2.4.7 Letramento Crítico.....	32
3 O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO.....	38
3.1 Gêneros Textuais: análise e reflexão	38
3.2 Gêneros Textuais na escola	42
3.3 Artigo de Opinião: contextualização e análise	46
3.4 Artigo de opinião em sala de aula	52
4 A PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO EM SALA DE AULA	57
4.1 Contextualização da pesquisa	57
4.1.1 Abordagem Teórica.....	57
4.1.2 Aspectos Metodológicos.....	59
4.2 Experiências do letramento crítico com o artigo de opinião em sala de aula.	61
4.2.1 Contato inicial com turma.....	61
4.2.2 Contextualização na sala de aula sobre o artigo de opinião	62
4.3 Construção do artigo de opinião/intervenção - temática: preconceito racial.	66
4.3.1 Debate/intervenção sobre a temática: preconceito racial	66

4.3.2 Produção do artigo de opinião sobre preconceito racial.....	70
4.4 Construção do artigo de opinião/intervenção – temática: bullying.....	73
4.4.1 Debate/intervenção sobre a temática: bullying.....	73
4.4.2 Produção do artigo de opinião sobre bullying.....	76
4.5 Construção do artigo de opinião/intervenção – temática: inclusão social..	79
4.5.1 Debate/intervenção sobre a temática: inclusão social.....	79
4.5.2 Produção do artigo de opinião sobre inclusão social.....	82
4.6 Análise dos letramentos críticos nos textos produzidos pelos alunos na sala de aula.....	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXO A - DECLARAÇÃO DE CADEIRANTE NA ESCOLA.....	104
ANEXO B - FOLHA DE PRODUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO EM BRANCO ..	105
ANEXO C - ARTIGO DE OPINIÃO - TEMÁTICA: PRECONCEITO RACIAL	106
ANEXO D - ARTIGO DE OPINIÃO - TEMÁTICA: BULLYING.....	116
ANEXO E - ARTIGO DE OPINIÃO – TEMÁTICA: INCLUSÃO SOCIAL	126

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O processo de letramento e, principalmente, o letramento crítico nas escolas públicas brasileiras têm sido motivo de bastante preocupação e de diversos debates no que diz respeito à sua eficiência e eficácia. Em consequência disso, são significativas as possibilidades criadas como potenciais soluções para ajudar nesta questão. A título de ilustração, vale mencionar, os inúmeros exames que aparecem cotidianamente como forma de avaliação da qualidade de ensino, realizados nos estabelecimentos de ensinos com os alunos, em especial, os do ensino fundamental.

Da mesma forma, recentemente, o ensino de produção textual vem passando por diversas transformações no sentido de melhorar o ensino-aprendizagem, isso graças às contribuições da LDB nº 5692/71. A partir daí, os docentes passaram a utilizar textos de leitura para incentivar o processo educativo, diferente do que era feito antes, e melhorando significativamente a qualidade da educação pública brasileira. No mesmo sentido, várias universidades do país passaram a incluir a prova de redação em Língua Portuguesa como requisito obrigatório para seu acesso, estimulando o ensino de produção de textos.

Apesar do avanço da educação com relação ao ensino do letramento crítico e da produção de textos, ainda tem muito a evoluir, e, sendo assim, muitas são as críticas e os questionamentos acerca das práticas de ensino usadas no ambiente escolar. É neste cenário de cobranças e insegurança que se destacam três peças fundamentais no processo de letramento das escolas públicas do Brasil: primeiramente um professor preparado, excelentes e empolgantes estratégias de ensino e, finalmente, um aluno motivado a estudar, pesquisar, debater e produzir textos.

A garantia do aprendizado do discente depende de vários fatores, e perdeu-se a conta das diversas vezes em que o professor planejou sua aula com toda dedicação possível, mas, mesmo assim, deparou-se com uma aula frustrada, em razão, por exemplo: de um evento na escola ou na própria comunidade, da violência, da indisciplina, do desinteresse, da falta de estrutura das salas de aula ou da desmotivação apenas. A figura do docente é essencial dentro desse trabalho, principalmente o de Língua Portuguesa, tendo em vista que atua no sentido de facilitador, ajudando no processo de aprendizagem. Vale salientar que sua atuação

também ocorre no sentido de despertar a criticidade do aluno, diante das problemáticas sociais, estimulando-o a agir ativamente na sociedade. Nessa perspectiva, merece destaque, agora, o Letramento Crítico e o uso frequente do artigo de opinião como estratégia de ensino.

O objetivo principal desse trabalho é intervir na sala de aula de língua materna, no ensino fundamental, com o gênero artigo de opinião a fim de favorecer o letramento crítico. Todavia, nesta pesquisa também serão abordados alguns objetivos secundários, por exemplo: discorrer a respeito dos diferentes tipos de letramentos, com ênfase no letramento crítico, em relação ao artigo de opinião; verificar o nível de conhecimento dos discentes em relação ao gênero artigo de opinião, enquanto recurso para a produção textual crítica; favorecer o letramento crítico, através da utilização do gênero artigo de opinião na sala de aula, com socialização dos resultados.

Para desenvolver este trabalho, aplicou-se uma metodologia específica, esta consiste em uma explicação detalhada e exata de toda ação desenvolvida na pesquisa. É essencial a metodologia no trabalho científico para que se possa organizar de forma concisa a linha de raciocínio da pesquisa, explicando o tipo de pesquisa, os instrumentos técnicos, os métodos de procedimentos, as técnicas de abordagem e as técnicas de pesquisa. Desenvolveu-se, na presente pesquisa, uma prática de Letramento Crítico, tendo como referência o gênero artigo de opinião, fazendo uso de temáticas que fazem parte do dia a dia escolar: preconceito racial, *bullying* e inclusão. Estas também foram escolhidas porque são bastante flexíveis ao debate, ricas em acervo bibliográfico e de grande necessidade a aprendizagem dos nossos discentes, enriquecendo ainda mais nosso trabalho.

Diante disso, o tipo de pesquisa usada será uma pesquisa-ação, que possui base empírica e qualitativa e que, na área educacional, mostra-se como uma estratégia capaz de auxiliar os docentes na melhoria de suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, intervir de modo eficaz no aprendizado dos alunos. Assim como já foi mencionado, o foco será o letramento crítico e o conseqüente uso do artigo de opinião como gênero textual escolhido para intervenção.

As etapas da pesquisa, a descrição dos participantes da pesquisa, o local no qual será realizada, os meios de realização e os resultados serão apresentados na parte dos aspectos metodológicos. Os dados serão armazenados em *pendrive* e em um HD externo, como forma de garantir a integridade e a confidencialidade dos

dados coletados, e apenas terá acesso o professor pesquisador, o professor orientador e a equipe pedagógica da escola na qual se realizou a pesquisa.

Aqui vale uma reflexão para saber se os métodos e as técnicas empregadas nas aulas foram satisfatórios e atenderam às expectativas de todos. Ao término, espera-se contribuir, de alguma forma, para melhorar o processo ensino-aprendizagem e incentivar outros trabalhos dentro dessa mesma perspectiva. Sendo assim, buscou-se realizar, durante a intervenção em sala de aula de língua materna, no ensino fundamental, uma atividade de produção textual, com o gênero artigo de opinião, a fim de favorecer o letramento crítico. O próximo passo foi avaliar se esses textos, após corrigidos e avaliados pelo professor, e conseqüentemente, reescritos pelos alunos, progrediram ou não em sua qualidade e eficiência enquanto instrumentos de interação por meio da escrita.

Alguns teóricos fundamentaram este trabalho de pesquisa, dentre eles: Kleiman (2008), Freire (2011), Motta (2008), Barbosa (2015), Fairclough (2001), Janks (2010), Soares (2009), Ferreiro (1999), Teberosky (1999), Marcuschi (2008), Swales (1990), Bronckart (2015), Schneuwly e Dolz (2004), Rojo e Barbosa (2015), Casseb-Galvão (2018), Duarte (2018), Koch (2006), Thiollent (2004) e Tripp (2005).

Os estudos do Letramento, fazendo uso de técnicas de produção textual, tendo como referência o artigo de opinião, têm contribuído significativamente para compreensão dos processos que envolvem a prática da leitura e da escrita, despertando, assim, o interesse do alunado. Dentro desta perspectiva, construiu-se um trabalho intitulado “O gênero artigo de opinião na aula de Língua Materna: uma prática de Letramento Crítico no Ensino Fundamental”. A dissertação em questão foi dividida em três (03) capítulos, de modo que os dois primeiros constituem o referencial teórico e o último aborda a pesquisa em si e o processo interventivo em sala de aula.

Nos capítulos que trazem a fundamentação teórica, busca-se analisar alguns pontos que são de grande importância no meio educacional, tendo em vista que este é um trabalho voltado para o estudo da linguagem. Assim, no primeiro capítulo, foram abordados o Letramento e o Letramento Crítico, depois foram elencados alguns pontos pertinentes ao estudo descrito pelo presente pesquisador.

Inicialmente, foi mencionado sobre a origem e a evolução do letramento, pois entendemos que, para se compreender melhor o Letramento, é preciso realizar um relato histórico sobre o surgimento da escrita e sua crescente evolução até os dias atuais. Também foi mencionado sobre as primeiras formas de comunicação, pas-

sando pela Pré-história, incluindo civilizações como a egípcia e a mesopotâmica, entre outras, até o advento da internet e suas várias facetas.

Posteriormente, foi feita uma análise e uma reflexão sobre o Letramento, destacando seu conceito, pois este é imprescindível para que se tenha um melhor entendimento desta temática, apesar de seu conceito não ser unânime. Mas, foram diagnosticados diversos conceitos que fundamentam este assunto. Igualmente, foi necessário fazer uma distinção entre Alfabetização e Letramento, pois costuma-se confundir esses dois termos, inclusive alguns teóricos do assunto. O primeiro termo se relaciona ao alfabeto, um ensino de codificação e decodificação de símbolos (ler e escrever); e o segundo termo é o uso efetivo da linguagem no contexto social, resolvendo as demandas sociais que se apresentam de forma ativa.

Ainda no primeiro capítulo, serão abordados os tipos de letramentos (os principais ao nosso estudo), porque partimos do pressuposto de que, para uma melhor compreensão sobre o Letramento Crítico (destaque maior do nosso estudo), é preciso conhecer um pouco sobre os outros tipos de letramento. Entretanto, a ênfase maior foi dada ao Letramento Crítico, é claro, já que de todos é o que consideramos mais significativo para o ensino.

No segundo capítulo, será abordado o gênero textual artigo de opinião. Antes de falarmos sobre ele, consideramos conveniente falar sobre os gêneros textuais em geral para enriquecer ainda mais este trabalho. Primeiramente, foi feita uma análise e uma reflexão sobre os gêneros textuais, tomando por base que a comunicação ocorre através dos gêneros textuais e que estes surgem da necessidade que o homem possui de interagir com o outro e que são fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social.

Um segundo ponto são os gêneros textuais na escola, mostrando que o trabalho realizado, apesar de alguns avanços, ainda ocorre de forma tradicional, vendo o texto de forma isolada e descontextualizada. Destacamos aqui o papel da escola, e em especial o professor, que percebeu que são muitos os benefícios proporcionados à educação quando fazemos o uso correto dos gêneros textuais. Vale destacar aqui o papel dos PCNs que ampliaram os estudos dos gêneros textuais, dando as orientações de como trabalhar corretamente em sala de aula.

Ainda no segundo capítulo, falamos sobre o artigo de opinião propriamente dito, fazendo uma análise e uma contextualização em relação a esse gênero textual, pois este é um veículo de informação de grande circulação e relevância na socieda-

de contemporânea. Trata-se de um gênero argumentativo, e independente da situação, em um dado momento de nossas vidas, seremos estimulados a argumentar sobre algo. Nos últimos anos, o artigo de opinião vem sendo bastante requisitado, porque, ao se trabalhar o gênero com os alunos, estes pesquisam e estudam sobre determinados assuntos que são alvo de discussão/debate (Letramento Crítico). Vale frisar que as características do artigo de opinião serão analisadas de forma organizada e contextualizada.

Dando continuidade ao segundo capítulo, tratou-se do artigo de opinião em sala de aula, levando em consideração que a vida humana é uma luta contínua de tentar convencer as pessoas de fazerem algo que desejamos, e o artigo de opinião, além de possibilitar isso, ainda trabalha com temas da atualidade e do cotidiano dos alunos. Destacamos mais uma vez o papel da escola em motivar o aluno em meio ao uso inadequado e ratificamos que seu uso correto provoca no discente uma disposição em olhar e analisar o ponto de vista do outro de forma crítica.

No terceiro capítulo, momento final da pesquisa, o leitor terá contato direto com o universo de pesquisa proposto e a realidade da temática escolhida para realização desse trabalho. Conforme já foi mencionado acima, será falado sobre o tipo de pesquisa que foi utilizada e o processo de intervenção etapa por etapa, até o diagnóstico definitivo e exposição dos trabalhos produzidos.

É de grande relevância ressaltar a aprovação desse trabalho no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UERN, que contou com financiamento próprio deste pesquisador, com CAAE: 84495024.1.0000.5294. Esta aprovação possui muito respaldo, pois, foi concedida por uma instituição que goza de bastante prestígio no cenário acadêmico nacional. Vale ressaltar que nem todos os trabalhos que são submetidos ao Comitê de Ética conseguem a aprovação, confirmando a relevância acadêmica deste trabalho. E, para fins de constatação, estas informações estão descritas no Parecer Consubstanciado sob o número: 7.442.534, da Plataforma Brasil.

2 LETRAMENTOS E LETRAMENTO CRÍTICO

2.1 Letramento: origens e evolução

Para se entender melhor o letramento, faz-se necessário um breve relato histórico sobre o surgimento da escrita e sua evolução até os dias atuais, pois as relações sociais de cada época influenciaram os modos de vários pesquisadores conceberem essa temática. Dessa forma, vale frisar o surgimento da escrita. Esta originou-se através do sistema contagem feito com marcas de pedras, cajados ou ossos, que surgiu na Suméria por volta de 3300 a. C (Cagliari, 1998).

Essas primeiras formas de comunicação surgiram na Pré-história, quando os homens faziam desenhos nas paredes das cavernas como uma forma de se comunicarem. Esses desenhos expressavam os desejos e as necessidades dos indivíduos da época, o que recebeu o nome de arte rupestre. Obviamente, não se trata de um tipo de escrita, pois não existia uma padronização e uma sistematização desses códigos, todavia foi o início da comunicação entre os seres humanos.

Segundo os principais historiadores, os sistemas de escrita de que se têm conhecimento surgiram de forma independente, em épocas distintas, por civilizações diferentes, entre elas a Mesopotâmia, a China, o Egito e a América Central. (Fischer, 2009). Assim como as línguas, o processo da escrita está em constante mudança, a prova disso é que os textos produzidos há cem anos atrás, por exemplo, possuem palavras que não são mais tão usadas hoje em dia. Nessa época, a escrita era primitiva, e ser alfabetizado era saber entender o que os símbolos diziam e ser capaz de escrevê-los, usando o mesmo esquema. Todo o desenrolar da história da escrita foi um passo importante para a humanidade, não somente por comprovar os registros históricos, mas também por representar uma outra forma de ler e interpretar o mundo.

A mudança da escrita é tão evidente que atualmente, em razão da evolução da tecnologia, a caligrafia que tinha tanta importância, acabou perdendo o primor por conta do acesso aos computadores e *smartphones*. O uso de aparelhos tecnológicos facilita o uso de letras digitais e, além disso, a internet tem possibilitado uma escrita nova, principalmente por conta do uso da abreviação das palavras, gírias, etc.

[...] o internetês é a linguagem utilizada no meio virtual, mais precisamente nas salas de bate papo como Messenger, blogs e outros. Como foi se tornando uma prática na vida de todos, as pessoas que utilizam esses recursos passaram a abreviar as palavras de forma que essas tornaram-se uma configuração padronizada. É uma prática comum entre os adolescentes que, acostumados com a rapidez dos mundos instantâneos e dos descartáveis, utilizam como meio de agilizar e dinamizar as conversas. Como senão bastasse, criaram os bichinhos e palavras que piscam o tempo todo, chamados gifs, para os bate-papos tornarem-se mais atrativos (Oliveira; Santana, 2015, p. 7-8).

Após os símbolos (desenhos), o sistema de escrita ampliou-se, e começaram a se formar as sílabas. Os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo escrito e depois copiando, bastava decorar a lista dos nomes das letras. Na Idade Média, aprendia-se o valor fonético das letras, a forma ortográfica e a interpretação da forma gráfica das letras e suas variações. Tudo isso com forte influência da religiosidade católica e uso frequente do latim. Sob influência do Renascimento e do avanço da imprensa, surgiram as primeiras cartilhas e gramáticas, e especificamente, com a Revolução Francesa, a escola passou a ser encarregada da alfabetização (Cagliari, 1998).

Até a década de 1950, no Brasil, as cartilhas escolares destacavam a leitura mediante exercícios de decifração e de identificação de palavras. As práticas escolares foram evoluindo e começaram a aparecer inúmeros problemas, como a evasão escolar, a falta de didática dos professores, entre outros. Porém, foi somente a partir da década de 80, principalmente através das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, mudando o eixo da questão de “como se ensina” para “como se aprende” a ler e escrever. Aqui passam a ser levados em consideração estímulos a aspectos motores, cognitivos e afetivos relacionados ao contexto da realidade socioeconômica dos alunos. A partir dos anos 90, com as publicações de Ângela Kleiman e Magda Soares, começaram a surgir diversas discussões e reflexões teóricas e metodológicas acerca do fenômeno letramento.

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (Kleiman, 2008, p. 19).

Foi a partir das pesquisas desses estudiosos no assunto que as práticas de letramento foram evoluindo e se modernizando. A prática pedagógica ganha uma nova dimensão, o contexto social do alunado foi levado em consideração a partir desse momento como nunca tinha sido, melhorando, conseqüentemente, o ensino-aprendizagem dos alunos.

2.2 Letramento: análise e reflexão

É imprescindível a compreensão do conceito de letramento para um melhor entendimento desta temática, haja vista que ela é alvo de muitos debates e questionamentos. Vários são os estudos desenvolvidos no intuito de proporcionar técnicas que facilitam o ensino-aprendizagem nas escolas. Apesar de não haver uma definição unânime para letramento, diversos pesquisadores ousaram conceituar, dando os seus pareceres, todavia as ideias sempre apresentaram algumas características afins. Por isso, faz-se necessário deixar claro, nesta pesquisa, o que se entende por letramento.

Na Língua Portuguesa, a expressão letramento foi introduzida muito recentemente e começou a ser utilizada nos meios acadêmicos para diferenciar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização. A necessidade do surgimento desse novo conceito (letramento) é justificada em decorrência dos novos fatos, de novas ideias, novas maneiras que surgem para compreender os fenômenos linguísticos.

Segundo Soares (2009), a palavra letramento é uma tradução para o português do termo inglês *literacy* (“condição de ser letrado”), ou *literate*, adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita. Assim, letramento é o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou a condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita.

Vale destacar alguns conceitos sobre letramento. Para Kleiman (2005), “letramento é o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos que tem como objeto de reflexão, de ensino, ou de aprendizagem os aspectos sociais da língua escrita”. Segundo Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e

escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”.

Para Kleiman (1995), letramento é

[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (Kleiman, 1995, p. 19).

A leitura e a escrita são concebidas como práticas comunicativas, que possuem grande importância no processo educativo, com diversas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. Isso pressupõe que as pessoas e os grupos sociais em que estão inseridos são heterogêneos e que muitas atividades entre as pessoas ocorrem de formas muito diversas (Kleiman, 1995). O letramento é um sistema que permite a inclusão do indivíduo na sociedade, fazendo este uso da linguagem, ele constitui e se desenvolve através da interação, da comunicação e atuação no meio.

Sendo a linguagem um recurso em constante movimento e de representação, também é uma prática sociocultural que proporciona a atuação sobre o meio e produz significados diversos, transformando a sociedade por intermédio da leitura e escrita. Isso ocorre porque os leitores são “construtores sociais”, personagens que constroem e são construídos pelo texto, pois a leitura usando do seu dinamismo estabelece uma relação de diálogo entre livro e leitor, de modo que dessa relação se constrói o sentido do texto.

Cabe à escola disponibilizar e debater os textos que circulam na sociedade, assim como produzir e interpretar esses textos no intuito de fazer com que o leitor seja capaz de compreender os mais diversos conceitos, assimilar informações novas, descrever problemas, distinguir diferentes pontos de vista e argumentar sobre todo e qualquer temática da sociedade, utilizando de forma crítica a leitura e a escrita.

[...] o espaço escolar precisa preparar as pessoas a viverem na instabilidade dos significados, na incerteza das verdades, na complexidade do mundo e na riqueza dos inúmeros e simultâneos procedimentos de construção de

sentidos. Esse caos produtivo instaurado pela visão de que o mundo é plural, múltiplo e móvel só leva à inação aqueles que desejam um mundo único e estático; reconhecer o movimento dos sentidos e o hibridismo dos sujeitos é valorizar a agência humana diante do mundo, uma vez que se somos plurais podemos ser várias coisas, e se essas coisas se transformam, podemos nós também transformá-las (Jordão, 2014, p. 78).

Como o processo de letramento é basicamente realizado em sala de aula, um personagem fundamental ganha destaque, o professor, ele é quem apresenta o material usado e auxilia na aprendizagem dos significados presentes nos mais diversos contextos, seja um livro, um texto, uma imagem, uma paisagem, entre outros.

Nesse contexto, cabe ao professor criar possibilidades, promovendo práticas pedagógicas que vão além das paredes da sala de aula, buscando sempre compreender as dimensões de todo o processo educacional. Sua prática é capaz de formar sujeitos com autonomia e criticidade. Freire (2011). Sendo assim, torna-se imprescindível que o professor tenha uma boa formação e uma consequente valorização profissional condizente com sua função.

2.3 Distinção entre letramento e alfabetização

O processo de inserção no mundo da leitura e da escrita é muito importante, pois saber se comunicar através da escrita e da oralidade é essencial para viver em sociedade. Partindo dessa premissa, faz-se necessário distinguir letramento de alfabetização. Quando se fala em aprendizagem, esses termos sempre vêm à tona, e algumas dúvidas passam a existir, gerando perguntas do tipo: “é possível uma pessoa ser alfabetizada, mas não letrada? e vice-versa?”. A resposta, para esses questionamentos, é sim.

A alfabetização está relacionada com escrita alfabética, ou seja, o ensino que tem por finalidade o domínio do alfabeto, seja na escrita, seja na leitura. De acordo com Albuquerque (2007, p. 11-22) “a alfabetização considerada como o ensino de habilidades de ‘codificação’ e ‘decodificação’ foi transposta para sala da aula, no final do século XIX, mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização [...]”. Nessa ótica, alfabetizar significa decifrar o código(alfabeto), esse conceito abrange a capacidade de decodificar (uma palavra escrita num som) e de codificar (um som em uma palavra escrita).

[...] os estudos sobre letramento reconfiguram a conotação política de uma conquista – a alfabetização – que não necessariamente se coloca a serviço da libertação humana. Muito pelo contrário, a história do ensino no Brasil, a despeito de eventuais boas intenções e das “ilhas de excelência” tem deixado rastros de um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento (COLLELO, 2004, n.p.).

Percebe-se, muitas vezes, que a escola, uma das mais importantes instituições de letramento, preocupa-se não com o letramento amplo, como prática social, mas apenas como um tipo de prática, isto é, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo normalmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e a promoção escolar.

A alfabetização normalmente se inicia nas séries iniciais, de modo que, por si só, não prepara o indivíduo para o mundo letrado. O sujeito alfabetizado apresenta condições de ler e escrever dentro dos parâmetros impostos pela sociedade. Nesse mesmo contexto, compreende-se por analfabetismo aquele que não pode exercer, em toda sua plenitude, os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas, (Soares, 2001).

Já o letramento é um pouco mais intenso, é um processo contínuo, isto é, ele nunca termina de fato. O letramento, segundo Soares (2003, p. 50), caracteriza-se como um “conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidas no uso da língua em práticas sociais e necessárias para uma participação ativa e competente na cultura e escrita”. Neste contexto, o letramento caracteriza-se como prática social, extrapolando a leitura e a escrita como requisito limitado à alfabetização, isto é, é necessário saber ler e escrever para atuar no mundo.

O letramento está diretamente relacionado ao ensino da leitura e escrita: algumas pessoas até podem ser alfabetizadas – aprendem a ler e escrever – todavia não obrigatoriamente assimilam a prática da leitura e da escrita em seu sentido mais amplo, com toda a sua funcionalidade prática e teórica. Letramento é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: é a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita (Soares, 2001). Nessa perspectiva, o letramento é um conceito que surgiu para ampliar o termo analfabetismo.

A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto. Não é um sistema monolítico e transparente, para “fotografar” a realidade, mas é heterogênea e sempre funciona situadamente na relação dialógica, como ensina Bakhtin (1979). Não pode ser vista e tratada simplesmente como um código. Assim, a produção textual não é uma simples atividade de codificação e a leitura não é um processo de mera decodificação (Marcuschi, 2008, p. 40).

A aquisição do sistema da escrita e a efetiva possibilidade de uso no contexto social são mais do que conhecer signos linguísticos, regras ortográficas ou gramaticais; o ensino da língua escrita requer que os nativos de língua materna façam o uso correto dela em sua totalidade. Observa-se, que anteriormente, o problema estava na palavra analfabetismo, porém recentemente se enfrenta uma nova realidade social (o letramento).

Segundo Soares (2001, p. 36), quem “aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição”. Aqui o indivíduo passa a ser letrado, no sentido de viver em condição de letramento (usando socialmente a leitura e a escrita e respondendo adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita da sociedade em que está inserido).

A aprendizagem é estabelecida situacionalmente por meio das formas com que o professor e alunos constroem os padrões e as práticas de vida na sala de aula. Dessa forma, os membros produzem maneiras de agir, interagir e interpretar a vida cotidiana, utilizam práticas e processos culturais como instrumentos para a construção de oportunidades de aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula. A construção do conhecimento na sala de aula nos eventos de letramento está em constante transformação e reflete a natureza complexa e multifacetada das decisões e dos processos articulados pelos professores e alunos (Gomes, 2003).

É através do letramento que o indivíduo de fato se insere na sociedade, fazendo uso da linguagem e atuando sobre o meio em que vive; transformando-o. Em síntese, uma pessoa que sabe ler e escrever é, sem dúvida, alfabetizada. No entanto, uma pessoa letrada sabe usar a leitura e a escrita de acordo com o contexto e as demandas sociais.

2.4 Tipos de letramentos

Entendendo o letramento como algo amplo e contínuo e, conseqüentemente, complexo, é conveniente um estudo elaborado sobre os principais tipos de letramento. Este envolve diversos aspectos: pessoais, sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, entre outros. Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), Délia Lerner (2002) e Marie Clay (1966).

Entre os tipos de letramento, destacamos:

2.4.1 Letramento Científico

Este tipo de letramento refere-se ao uso de conhecimentos científicos para aquisição de novos saberes e utilizá-los nas tarefas do cotidiano, por exemplo: a leitura de informações em uma conta de energia ou compreensão de uma bula de remédio. Também faz parte do conceito de letramento científico a compreensão das características que distinguem a ciência como uma forma de conhecimento e investigação, explica como a ciência e a tecnologia modificam nosso meio; incentivando o interesse em engajar-se em questões científicas.

Letramento científico ou alfabetização científica são os conhecimentos básicos que possibilitam a um indivíduo compreender acontecimentos de seu cotidiano e, de forma mais ampla, acontecimentos do mundo em que vive. Ele é importante porque possibilita ao indivíduo se tornar uma pessoa capaz de desenvolver habilidades como o espírito crítico/questionador e lhe confere a capacidade de investigar, buscar soluções e resolver problemas (Alves, 2011).

Considerando a sala de aula, constata-se que uma pequena parcela de alunos tem acesso aos conhecimentos científicos de fato (principalmente a educação básica). A grande maioria dos estímulos fica no ensino superior, exatamente pela maior quantidade de recursos disponíveis, mas, ainda assim, os recursos utilizados aqui ainda são insuficientes para atender a todas as demandas da sociedade.

A falta de um maior investimento na educação básica de modo geral, e em especial na educação em ciências, diz muito sobre a desvalorização dessa área, de modo geral, por parte dos governantes, que pouco, ou quase nada, investem na perspectiva de letramento. Sendo assim, poucos recursos financeiros são investidos

em ações para aquisição de materiais pedagógicos que possam ser usados nas aprendizagens relacionadas à promoção do letramento científico dos estudantes; da mesma forma, ocorre uma escassez de formação continuada para os professores com relação a essa temática.

A principal função de estudar ciências na escola é fazer com que as pessoas tenham uma vida melhor, aproveitando o seu conhecimento científico para utilizar melhor os recursos, ficar menos doentes, correr menos riscos. “treinar futuros cientistas, ainda que para isso possa contribuir. Objetiva sim, que os assuntos científicos sejam cuidadosamente apresentados, discutidos, compreendendo seus significados e aplicados para o entendimento do mundo” (Lorenzetti; Delizoicov, 2001).

2.4.2 Letramento Digital

O letramento digital está em evidência, pois, com a popularização das tecnologias, a sociedade contemporânea está em transformação constante, exigindo cada vez mais habilidades novas. Grande parte dos conhecimentos e das informações são encontradas na internet. Uma pessoa que não faz uso dessa ferramenta vai ser excluída de muitas coisas, e, para que isto não ocorra, é fundamental fazer o uso correto do letramento digital, ou seja, desenvolver a habilidade de usar as ferramentas tecnológicas para compreender e interagir no meio digital de forma consciente e crítica, com qualidade e segurança.

Com advento da tecnologia, intensifica-se o conhecimento e as diversas formas de comunicação propagam-se em uma velocidade gigantesca, e isso ocorre pelo surgimento de novas ferramentas midiáticas que condicionam esse processo. Nesse sentido, há, constantemente um aumento significativo de gêneros textuais, tanto orais como escritos.

Assim, a tecnologia digital, na sociedade contemporânea, desempenha papel importante no processo comunicativo. Gêneros como o *e-mail*, videoconferência, memes, bate-papo virtual, aula virtual, charges, entre outros, passam a fazer parte da rotina dos adolescentes e dos adultos. Portanto, a escola precisa abrir mais espaço para esses novos gêneros e usá-los a favor da aprendizagem das educandas e dos educandos (Dionísio, 2005).

Atualmente, é impossível imaginar a vida das pessoas sem o uso da tecnologia. Cada vez mais, o digital está presente no cotidiano, principalmente pelo uso da internet, através das redes sociais e dos diversos aplicativos, com infinitas possibilidades, tais como: acesso a banco, facilidades no trabalho, lazer, criação de vídeos, entre outros. As novas tecnologias trouxeram diversas mudanças para a sociedade, principalmente no que se refere às formas de comunicação e, em especial, aos comportamentos e valores que se relacionam a essa nova cultura digital.

com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentido dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa (Dionísio, 2005, p. 159).

Nesse cenário, a escola enquanto principal responsável pelo letramento, não pode se eximir da responsabilidade de inserir esses novos conhecimentos na grade curricular, mesmo sabendo que é um grande desafio pedagógico, principalmente porque grande parte dos professores ainda precisa passar por um processo de formação para contribuir com o letramento digital dos estudantes em sala de aula.

Os professores precisam encarar o desafio de se preparar para essa nova realidade emergente, aprendendo a usar minimamente esses novos recursos em prol da melhoria da aprendizagem dos seus alunos. Assim, o professor amplia as possibilidades de práticas de ensino, fazendo uso de um repertório tecnológico, desenvolvendo o pensamento crítico e a autonomia do alunado, diante dessas diferentes linguagens. Vale destacar que essas ferramentas tecnológicas devem ser encaradas como aliadas do professor na produção das aulas, tornando-as mais atrativas aos alunos. Com isso, a aula torna-se mais dinâmica e interativa, conforme orienta a BNCC em um de seus objetivos:

compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes

linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2017, p. 63).

Diante de tudo que foi exposto até aqui sobre letramento digital, constatou-se que se inserir no meio tecnológico é essencial atualmente, tendo em vista que o ser humano não pode viver sem o auxílio da tecnologia no seu dia a dia, principalmente, no espaço escolar. Vale ressaltar que o avanço da tecnologia também traz pontos negativos, porém, se forem utilizados da forma correta para o benefício da população, as vantagens são infinitamente superiores. Enfim, é preciso perceber a tecnologia como uma grande aliada no processo de desenvolvimento social, cultural e educacional.

2.4.3 Letramento Matemático

O letramento matemático refere-se à capacidade de identificar e compreender a função da matemática no mundo moderno, atendendo às necessidades do indivíduo no cumprimento do seu papel de cidadão crítico e consciente, isto é, usar o raciocínio lógico de forma concreta para solucionar problemas do cotidiano.

A Matemática não se restringe apenas à quantificação de fenômenos determinísticos – contagem, medição de objetos, grandezas – e das técnicas de cálculo com os números e com as grandezas, pois também estuda a incerteza proveniente de fenômenos de caráter aleatório. A Matemática cria sistemas abstratos, que organizam e inter-relacionam fenômenos do espaço, do movimento, das formas e dos números, associados ou não a fenômenos do mundo físico. Esses sistemas contêm ideias e objetos que são fundamentais para a compreensão de fenômenos, a construção de representações significativas e argumentações consistentes nos mais variados contextos (BRASIL, 2017 p. 265).

Conhecer os símbolos matemáticos é fundamental, pois eles regem grande parte dos nossos processos diários. Sendo assim, é preciso transformar o ensino em sala de aula em algo mais prático e interessante para os alunos, destacando sua importância social e sua aplicabilidade no dia a dia. Quando o indivíduo consegue compreender assimilar bem a linguagem matemática, ele tem facilidade para entender as outras linguagens. D'Ambrósio (1999, p. 97) comenta: “Acredito que um dos maiores erros que se pratica em educação, em particular Educação Matemática, é desvincular a Matemática das outras atividades humanas”.

2.4.4 Letramento Literário

O letramento literário envolve o processo da literatura enquanto linguagem, fazendo uso de histórias descritas nos livros, ampliando a consciência e conhecendo novas possibilidades, mediante interação do leitor e obra, isto requer habilidades de interpretação e compreensão. Destaca-se no campo da formação do leitor, através da literatura, utilizando esta, de forma crítica, tornando-a parte do cotidiano. Consiste em trazer a literatura para dentro da escola, pois, com a literatura entra-se em contato com outros mundos, outras opiniões, etc. O conhecimento é maximizado a cada livro, e é papel da escola difundir esse conhecimento.

Para Cosson (2018), o letramento literário consiste em escolarizar a literatura, ou seja, trazer a literatura para dentro da escola de forma que esta não perca o verdadeiro sentido, que é humanizar, não a tomar somente como uma disciplina, sem contextualização e discussão. Também aponta o letramento literário como forma de garantir o domínio e o uso de textos literários na escola a fim de formar maior número de leitores.

O ensino de literatura nas escolas não é menos ou mais importante que as outras disciplinas, porém vemos nela uma esperança de resgate da humanização do ensino por meio de sua intelectualização. O indivíduo intelectualizado adquire sua própria liberdade através da arte como literatura (Cosson, 2011).

Cabe à escola, e em especial ao professor, desenvolver estratégias para fazer com que a literatura esteja mais presente na vida do alunado. Segundo Cosson (2011, p. 35), “o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro [...], crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas”. Faz-se necessário aumentar e qualificar os textos literários a serem trabalhados na sala de aula, no intuito de maximizar o número de leitores no ambiente escolar, tornando-os mais “humanos”.

Devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, [...] mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (Cosson, 2011, p. 23).

Concebendo o letramento literário como uma prática social, fica claro, dessa forma, a responsabilidade da escola perante as questões que envolvem os aspectos literários, merecendo destaque, a influência que a literatura exerce no cotidiano dos discentes. Dessa forma, a escola deve atuar de uma forma que permita que a literatura não perca a sua verdadeira essência e o seu poder de humanização.

2.4.5 Letramento Linguístico

Consiste na habilidade de dominar a linguagem em todas as suas dimensões, usando conhecimentos linguísticos no dia a dia dos cidadãos. Além de ler e escrever, é claro, o letramento linguístico proporciona a habilidade de interpretar, compreender e dá sentido ao mundo, transformando o meio em que vive, graças ao conhecimento adquirido mediante a literatura.

O letramento linguístico acarreta uma conscientização, por parte da pessoa, de sua identidade linguística particular, um corolário do que é o reconhecimento de outras identidades linguísticas, acarretando a conscientização dos fatores que constituem a diferença entre o seu próprio sistema linguístico e os dos outros (Ravid; Tolchinsky, 2002, p. 421).

O letramento linguístico está ligado à escolarização, pois inclui saberes cujo aprendizado está intimamente relacionado ao ambiente escolar (gramática, escrita, leitura), o que o identifica dentro do universo do letramento escolar. No entanto, ao contrário da visão restrita que normalmente se tem desse conceito, aqui se busca mostrar a possibilidade, através de uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento metalinguístico e metacognitivo dos alunos, de oferecer-lhes instrumentos para pensarem suas condições sociais atreladas ao seu conhecimento e uso da língua (Soares, 2003).

2.4.6 Letramento Acadêmico

Trata-se do conhecimento adquirido no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, são as habilidades obtidas durante a socialização do ambiente escolar. O conhecimento produzido na educação formal, conteudista, que ocorre dentro da escola através da relação professor/aluno.

Os letramentos acadêmicos se constituirão, essencialmente, como sinônimo de letramentos em gêneros textuais próprios do meio acadêmico, considerando-se não só o processo de aquisição de habilidades de leitura e escrita, nem a mera socialização na cultura universitária, mas fundamentalmente a negociação e a construção da identidade do aluno como membro e participante autorizado dessa/nessa cultura (Bezerra, 2012, p. 258).

Dentro dessa perspectiva, não podemos desprezar o papel que é exercido pelo aluno, pois é ele que através do Letramento Acadêmico adquire as informações necessárias ao processo de escolarização, construindo sua própria identidade enquanto participante do processo educativo.

2.4.7 Letramento Crítico

De todos os tipos de letramento, este é o mais importante para a presente pesquisa que será realizada aqui, sendo assim o letramento crítico será objeto de estudo e será a este dada uma atenção especial, haja vista que é de fundamental relevância para a sociedade a compreensão e a reflexão deste tipo de letramento. Ensinar Língua Portuguesa não é uma tarefa simples, principalmente quando a compreensão dela vai muito além da decodificação de símbolos, fonemas e letras, que representam a realidade. Ela é uma prática social, e está inserida na história e nos discursos da sociedade, tornando-se um mecanismo usado para influenciar as pessoas e transformar a sociedade. Esse é um pensamento de Freire (1987, 1996).

É nessa lógica de pensamento que o letramento crítico cresce em importância, pois é uma área de estudos que luta pelo engajamento do aluno como sujeito ativo e crítico em suas práticas de leitura e escrita. Assim, letramento crítico pode ser compreendido como o ensino de língua materna que vai além das regras e dos códigos linguísticos, direcionando o aluno a entender e refletir sobre o contexto social, político e ideológico no qual está inserido.

A abordagem do Letramento Crítico na aula de línguas pode trazer contribuições significativas para o empoderamento dos estudantes. Isso acontece porque os sujeitos são posicionados em categorias sociais, tais como gênero, raça, classe, sexualidade, etnicidade, religião e habilidade. Ao refletir a respeito dessas categorias em sala de aula, professores e estudantes se envolvem em um processo identitário dinâmico, no qual se questiona determinadas atribuições sociais (Barbosa, 2015).

É conveniente ressaltar um outro fator relevante para formação do leitor crítico no momento atual: as transformações que vêm ocorrendo na sociedade no tocante ao acesso às informações e à produção do conhecimento. Anteriormente, a escola era o único local que fornecia conhecimentos precisos, hoje, depara-se com uma sociedade em que o conhecimento (aprendizagem) está em todo lugar, de uma forma simples e, na maioria das vezes, sem nenhum empecilho, chamando cada vez mais a atenção do alunado. Nesse cenário, Monte Mor (2007, p. 35) afirma: "... a escola não mais representa o único local privilegiado para o aluno. Deduz que, durante longo tempo, as propostas educacionais priorizaram o modelo, o singular e a homogeneidade, sendo muito recente a abertura para a diversidade, a heterogeneidade e as formas plurais de conhecimento".

Daí a importância do trabalho realizado na escola, através de um letramento crítico, condizente com as novas práticas educativas que surgem na sociedade, conduzindo o ensino de língua materna, adequando-o às novas realidades que afloram atualmente. Dessa forma, conclui-se que as escolas têm papel essencial na formação de cidadãos conscientes de suas responsabilidades com a sociedade na qual eles estão inseridos. É preciso refletir sobre as relações de poder estabelecidas e sobre as representações presentes nos discursos e das implicações que isto pode trazer para o indivíduo e sua vida em sociedade (Motta, 2008).

[...] Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. A escola é também um espaço de organização política das classes populares. A escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de idéias, XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas - 2012 Junqueira&Marin Editores Livro 3 - p.000397 soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. O filho do trabalhador deve encontrar nessa escola os meios de auto-emancipação intelectual independentemente dos valores da classe dominante [...] (Freire, 1991, p. 16).

É importante frisar que os letramentos institucionalizados são extremamente valorizados pela comunidade escolar, em detrimento do letramento cultural (crítico), prática esta que acaba distanciando o aluno de suas vivências culturais. Dessa

forma, o letramento crítico não pode se restringir ao ensino apenas dos códigos linguísticos, precisa entender a realidade social e cultural do aluno. O letramento crítico enxerga o aluno como um ser social, capaz de modificar o meio em que vive, através da reflexão crítica da sua realidade.

Vale ressaltar que essa perspectiva de educação crítica, que deve ser desenvolvida em sala de aula pelos docentes, está ligada à pedagogia crítica, defendida no seu início por Freire (2011). Segundo Barbosa (2015), o professor crítico, consciente de seu papel na sociedade, se interessa pelos vários gêneros de textos, sejam eles escritos ou orais, a fim de problematizá-los em sala de aula, com vistas ao empoderamento dos estudantes.

O letramento crítico tem como objetivo a mudança social (Fairclough, 2001), e partindo dessa premissa, os professores devem atuar decisivamente na mudança de postura dos alunos, despertando neles o senso crítico diante das injustiças a que são submetidos, incentivando o engajamento na luta por melhorias sociais.

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência (Freire, 1996, p. 133).

No contexto atual da democratização da internet, no qual há grande propagação de notícias falsas (*fake news*) e manipulação de ideias, existem discursos poderosos que chegam até nós, e, muitas vezes, atuamos como agentes inconscientes para sua disseminação. As informações recebidas pelas mais diferentes mídias exercem grande influência nos hábitos e costumes da população, ditando regras de conduta e consumo; caracterizando-se como um importante veículo de comunicação como também de formação de opinião.

O importante nesse caso é que se tenha a consciência de que a internet traz muitos benefícios à sociedade, porém, como já foi citado, algumas inverdades, muitas vezes, são lançadas na mídia com interesses diversos e cabe a cada cidadão fazer essa reflexão. Por isso, é fundamental entender os efeitos sociais dos textos orais ou escritos, o que é incentivado pelo letramento crítico, já que ele habilita o leitor a questionar os diversos discursos presentes nos textos, refletindo sobre eles e se posicionando de forma crítica.

Neste cenário, constata-se que os textos exercem forte influência na sociedade, por isso, cada vez mais, a criticidade deve ser estimulada, no intuito de não se deixar influenciar por qualquer informação veiculada, pois as ações cidadãos implicam profundas mudanças na sociedade.

Apesar da melhora nos últimos anos, um grande obstáculo ao letramento crítico é a padronização linguística, realizada através de regras gramaticais, utilizando métodos tradicionais de avaliação e não levando em consideração os contextos sociais. Agindo assim, os educadores praticam a exclusão social, pois deixam de fora do processo educativo aquele aluno que por diversos motivos não participou do processo de letramento da forma correta.

Existem professores que estão a serviço dessa ideologia, por isso não reconhecem a diversidade linguística. Nesse contexto, os estudantes que escrevem de maneira diferente são tratados com desprezo pela sociedade. Existe uma prática discursiva que valida esse posicionamento, fundamentado, inclusive, na produção e na distribuição de materiais didáticos.

Vale ressaltar que nem todos os professores podem escolher seu material didático, porque muitas vezes lhe é imposto pelo sistema esse material, e quando o fazem, são limitados por catálogos previamente escolhidos. O uso dogmático de um material didático qualquer na aula pode ocasionar a sustentação de determinadas ideologias. Por essa razão, a análise dos materiais didáticos deverá partir de um posicionamento crítico, direcionando a prática educativa e melhorando, conseqüentemente, a qualidade do ensino.

O letramento crítico favorece e aperfeiçoa a leitura dos textos disponibilizados nos próprios livros didáticos, possibilitando um posicionamento crítico e reflexivo dos estudantes, que também poderão produzir textos diversos a partir das análises dentro e fora da sala de aula. Portanto, esse trabalho de mudança de postura no tocante ao desenvolvimento de um letramento crítico é fundamental à compreensão dos fenômenos sociais que se apresentam atualmente na sociedade, e, assim, é crucial a escola atuar como agente transformador da sua realidade.

O letramento crítico necessariamente implica em operacionalizar sobre nível da linguagem como prática social; ela envolve identificar o que é problemático, não aceitando a versão tida como garantida. Ela envolve perguntar “por quê?”. Isto também quer dizer que, como prática social, o letramento crítico não existe em um *vacuum* mas é expresso ou realizado no processo social (Baynham, 1995, p. 24).

O letramento crítico é concebido como fator de mudança social do ponto de vista da leitura, porque, ao assimilar as informações dos mais diversos textos de forma crítica, o leitor passa a exercer o papel de sujeito ativo, interferindo nas relações sociais; transformando a realidade na qual está inserido. Freire (1977) lembra ainda que a leitura das palavras é antecedida pela leitura do mundo, por meio do qual o leitor age para transformar as situações sociais nas quais se encontram. Essa é uma prática que envolve ação e reflexão sobre o mundo, a fim de transformá-lo.

Mudam-se os tempos, mudam-se os espaços, mudam-se as pessoas, muda-se a ciência, muda-se o mundo, mas as mudanças na escola são muito lentas e requerem um enorme esforço de cada um de nós e de todos nós juntos para pensarmos com criticidade o que estamos ensinando, para quem, por que, para que, que alunos queremos formar, que metas temos para a escola e para a vida (Oliveira; Tinoco; Santos, 2014).

Uma abordagem crítica visa a desvendar as categorias da sociedade que temos como naturalizadas. Adotando-se essa perspectiva (crítica), espera-se que os leitores enfrentem os problemas sociais e, assim, atuem sobre eles de forma ética, posicionando-se contra as relações de opressão, de domínio, de exploração, entre outros.

Portanto, unir a perspectiva crítica ao letramento torna-se importante, no sentido de permitir aos leitores questionar e atuar sobre as relações de poder estabelecidas na sociedade. Essa união contribui para atuarmos de maneira proativa, através da consciência social e ética, nos diferentes conflitos nos quais podemos nos ver diariamente. Ser crítico consiste em não se resignar com o mundo simplesmente como a nós é imposto, e sim questioná-lo sempre que possível.

A dimensão social do letramento tem alto potencial “revolucionário”, proativo, crítico e questionador, pois busca, a partir da leitura e escrita, perceber, atuar, mitigar e/ou transformar as situações sociais injustas em mais justas e igualitárias entre todos. Por isso, o modelo ideológico pode ser tomado como embasado nas teorias do Letramento somadas às contribuições das teorias críticas (Abreu-Silva, 2018, p. 58).

Vale salientar que a interação entre o leitor e os diversos tipos de texto é de suma importância para o efetivo letramento crítico, pois o processo de se letrar criticamente tem início a partir da conscientização dos sujeitos de que os sentidos

não estão apenas nos textos e nas linguagens que os constituem, mas, também, nas significações que transcendem a leitura oral e escrita (Fairclough, 2001).

É a partir dessa conscientização dos sujeitos sobre os vários sentidos e significados expressos nos textos que o leitor passa a compreender as relações ideológicas presentes nos discursos. Segundo Janks (2010), em qualquer relação desigual de poder, há opressores e oprimidos. O modo como as pessoas chegam a ter destaque em uma sociedade tem a ver com os valores dessa sociedade. Partindo do princípio de que os textos são perpassados pelos discursos e estes veiculam ideologias, concluímos, assim, que os textos são instrumentos de divulgação das relações de domínio e poder.

Sendo assim, atuar criticamente contra as instituições dominantes e detentoras de poder que impõem seus interesses à sociedade, torna-se fundamental, e a leitura, desta forma, transforma-se em um espaço de autonomia, independência, transgressão, luta e transformação.

É imprescindível destacar a grande contribuição de Paulo Freire para o letramento crítico, pois ele forneceu grande referencial teórico sobre esta temática, por exemplo: Pedagogia da autonomia, Pedagogia do oprimido, entre outros. Dentre suas ideias, pode-se destacar o fato de ele ter defendido a inseparabilidade entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, contribuindo assim para uma abordagem social e política da alfabetização e do letramento em uma perspectiva crítica.

3 O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO

3.1 Gêneros Textuais: análise e reflexão

Nos últimos anos, o ensino de produção textual vem passando por muitas mudanças. A partir das décadas de 1960 e 1970, juntamente com as contribuições da LDB nº 5692/71, é que os professores começaram a introduzir textos de leitura para incentivar o processo de construção textual. Vale destacar que, no ano de 1978, os vestibulares de todo o país incluíram obrigatoriamente a prova de redação em Língua Portuguesa, estimulando, cada vez mais, a produção de textos por parte dos professores em sala de aula. Até então, este ensino era voltado apenas para constatar se o aluno aprendeu, nas aulas de gramática, as regras gramaticais, técnicas de leitura e escrita, em uma estratégia tipicamente formal.

Neste cenário, ganha imensa importância o papel do professor, principalmente, nas aulas de Língua Portuguesa, pois é este o responsável por intermediar a relação entre aluno e texto, haja vista que a interpretação textual é fundamental para compreensão de todas as outras disciplinas, assim como o entendimento das principais necessidades da vida cotidiana. Isso fica bem claro, ao analisarmos a importância da prova de redação do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) para o acesso dos alunos ao ensino médio, já que é esta, praticamente, que define o ingresso do candidato nas vagas.

Portanto, antes de fazermos um estudo acerca do gênero artigo de opinião, que é nossa temática principal, faz-se necessária uma breve análise sobre os gêneros textuais e suas implicações na sociedade e no processo de ensino-aprendizagem, no intuito de enriquecer ainda mais nosso trabalho.

O estudo com gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova versão do mesmo tema. Seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais. Portanto, uma dificuldade natural no tratamento desse tema acha-se na abundância e diversidade das fontes e perspectivas de análise. Não é possível realizar aqui um levantamento sequer das perspectivas teórico atuais (Marcuschi, 2008, p. 147).

O estudo sobre os gêneros textuais vem desde a época de Platão e Aristóteles. Conforme Marcuschi (2008), eles desenvolveram um estudo

sistematizado sobre a natureza dos gêneros e do discurso, buscavam entender como um discurso era criado (retórica) e de que aspectos sociodiscursivos eram formados. Dessa forma, nota-se que estudar gêneros textuais não é algo recente e que vem sendo objeto de estudo e discussão por vários estudiosos no assunto, como: Bakhtin (2003), Fiorin (2003), Swales (1990), Bronckart (2015), entre outros.

Os gêneros textuais são classificações utilizadas para designar os textos de acordo com suas especificidades em relação a um determinado contexto e identificado com base no seu objetivo, na sua função e no contexto do texto, sendo suas características que determinam à qual gênero pertencem. Portanto, os gêneros textuais são:

Realizações linguísticas concretas, definidas por propriedades sócio comunicativas; constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas; sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função (Marcuschi, 2002, p. 23).

Os gêneros textuais desempenham uma função social dentro de um processo de comunicação, e este se dá mediante os próprios gêneros, porque estão intimamente ligados à história da comunicação e da linguagem. São formados com características próprias e de acordo com a necessidade de uso e no ambiente propício. Isto é, a comunicação ocorre através dos gêneros textuais. Estes surgem exatamente da necessidade que o homem possui de interagir e comunicar-se com o outro, e são constituídos nas práticas sociais e culturais da vida cotidiana. Para Marcuschi (2003), os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social, fruto de um trabalho coletivo, os quais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades cotidianas

Os gêneros textuais apresentam uma função social em uma determinada situação comunicativa, isto é, a cada a situação comunicativa produzida, surge ainda que inconscientemente, um gênero textual em função daquilo que desejo comunicar e em função do efeito que espero produzir em meu interlocutor, seja no e-mail que enviamos no nosso trabalho, nos comentários feitos nas redes sociais ou até nas histórias que contamos para nossos amigos. São exemplos de gêneros textuais: receitas de bolo, bulas de remédio, notícias, diários, biografia, resenha, ofícios, piadas, cartas, quadrinhos, etc. Cada um desses gêneros tem sua função social, o

emissor que produz tem um objetivo para passar a mensagem, seja informar, ajudar, entreter ou convencer o seu interlocutor.

[...] uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (Marcuschi, 2002, p. 22-23, grifo do autor).

A linguagem é um dos mais antigos e eficientes meios de comunicação, pois ela nos permite interagir com o outro, assim como modificar nosso discurso de acordo com as necessidades de cada situação comunicativa. Da mesma forma, são os gêneros textuais, pois estes também surgem da necessidade humana de interagir e comunicar-se.

Vale destacar que os gêneros textuais possuem peculiaridades que nos permitem identificá-los e reconhecê-los entre tantos outros gêneros. Entre as características dos gêneros textuais, estão a apresentação de tipos estáveis de enunciados, além de estruturas e conteúdos temáticos que facilitam sua distinção.

É necessário ficar atento, no entanto, ao fato de que, muitas vezes, dar nome aos gêneros é uma tarefa difícil, uma vez que eles costumam se imbricam, formando novos outros (Bakhtin, 1979). Isso acontece com frequência na publicidade, quando um gênero assume a função de outro:

Tome-se o caso da epígrafe que aparece em múltiplos lugares, mas de modo particular nos livros didáticos. Uma epígrafe é constituída de um poema, uma frase, um conto breve, uma máxima ou qualquer outro gênero e não tem uma característica específica, a não ser um determinado local no texto, que nos sugere se tratar de uma epígrafe. Assim, em muitos casos, apenas o local em que um texto aparece permite que determinemos com alguma precisão de que gênero se trata (Marcuschi, 2008, p. 164).

Essa “hibridização” pode provocar problemas na designação do gênero por causa de percepções distintas acerca do propósito comunicativo presente no texto (Marcuschi, 2008).

É importante ressaltar que, atualmente, o gênero digital vem conquistando cada vez mais espaço e modificando a forma de se comunicar dos falantes, principalmente dos jovens. Tal esfera linguística apresenta predicativos de grande importância ao letramento do aluno, vale destacar o letramento crítico em especial. Tudo isso é fruto do avanço da internet que se faz mais presente na vida

das pessoas, fato este que requer muita atenção e análise nas aulas de língua materna.

Abrem-se possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso; ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém; ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler. Novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais (Chartier, 1994, p. 100-101).

Diante do crescente avanço das tecnologias e da crescente necessidade humana de ser adequar a essa nova realidade comunicativa, surgiram diversos gêneros textuais, cada um com sua especificidade e propósito comunicativo. Não é possível afirmar uma quantidade exata de gêneros, haja vista eles apresentarem características próprias e serem ligados a várias formas comunicação (Bronckart, 2003). Da mesma forma que a língua está em constante transformação e sofrendo alterações linguísticas, os gêneros também são variáveis e vão surgindo de acordo com a necessidade de comunicação social. É bem verdade que muitos gêneros já caíram em desuso com o passar do tempo e outros sofreram uma espécie de evolução, como a substituição do gênero carta pelo e-mail e mensagens.

É importante frisar que muitas pessoas, inclusive linguistas, costumam confundir gênero textual e tipo textual. Esta é uma questão polêmica que afeta todos, visto que não é uma tarefa fácil fazer uma distinção entre eles, o que se sabe é que ambos estão intrinsecamente ligados, participando do processo comunicativo. Sendo assim, mesmo diante dessa dificuldade de diferenciação, vale a pena destacar algumas particularidades de cada um.

Os gêneros textuais são aqueles que encontramos na nossa vida diária, inclusive quando nos comunicamos verbalmente. Eles são passíveis de modificação, uma vez que atendem às situações do cotidiano e privilegiam a função da língua, isto é, a maneira como os falantes fazem uso dela, atendendo a necessidades específicas: que vão desde a elaboração de um cardápio à confecção de um *e-mail*. O gênero textual prioriza aspectos comunicativos, contextuais e sociais, considerando além da estrutura linguística, os aspectos extralinguísticos.

Os tipos textuais referem-se aos aspectos sequenciais e composicionais dos textos, levando em consideração suas características sintáticas, lexicais e estruturais. Há, nesse ponto, uma preocupação meramente linguística, e estas são limitadas, abrangendo categorias conhecidas, como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Segundo Marcuschi (2002), a expressão tipologia textual deve ser utilizada para determinar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição.

Uma classificação interessante que vale a pena mencionar é a dos gêneros primários e secundários, segundo Bakhtin (2003). Os gêneros primários levam em consideração as situações comunicativas do dia a dia (cotidiano) não elaboradas, ou seja, informais, relacionadas à oralidade, que sugerem uma comunicação imediata, a exemplo do bilhete, da carta, do diálogo cotidiano, etc. Já os gêneros secundários são regulados pela escrita, surgem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, ou seja, formais, por exemplo: teatro, romance, palestra, tese científica, entre outros.

3.2 Gêneros Textuais na escola

Nos últimos tempos, o trabalho com os gêneros textuais têm sido uma das técnicas mais utilizadas nas escolas no tocante a atividades de produção de texto, com destaque todo especial, em Língua Portuguesa. Grande parte dos professores preocupam-se, hoje, em discutir o uso dos gêneros em sala de aula, pois perceberam os benefícios proporcionados ao ensino-aprendizagem quando se faz o uso correto na sala de aula.

Nesse contexto, a escola adquiriu um importante papel na socialização do saber porque é nela que o aluno aprende o uso e o contexto em que cada gênero é usado socialmente, tanto na escrita quanto na oralidade. Sendo assim, o professor deve trabalhar a diversidade de gêneros textuais, nas suas práticas pedagógicas, na sala de aula, fazendo com que o aluno entre em contato com os gêneros textuais que são construídos fora dos muros da escola em diferentes áreas do conhecimento, como também com aqueles que são trabalhados cotidianamente nas aulas de Língua Materna. Com isso, pode-se preparar para usá-los de forma coerente nas diversas situações comunicativas, assim como é apregoado pelos PCNs da Língua Portuguesa (Brasil, 1998).

Nesse cenário, torna-se fundamental a intervenção do professor como mediador entre o conhecimento já adquirido e o novo conhecimento por parte do aluno, fazendo com que este seja capaz de se manter atualizado e evoluir juntamente com as mudanças linguísticas, sociais e culturais da sociedade. Cabe ao professor intermediar o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, propondo e aplicando alternativas que facilitem a aquisição do saber por parte do corpo discente.

Mesmo se constatando a eficaz função social e a importância do estudo dos gêneros textuais no contexto da aprendizagem, todavia ainda é restrito o trabalho com os gêneros em sala de aula Marcuschi (2008). A análise do gênero é importante por auxiliar tanto na compreensão sobre a funcionalidade social do discurso – materializado nos enunciados –, como na apreensão das ideologias expressas pelos sujeitos (Rojo; Barbosa, 2015). No contexto escolar, ocorrem algumas situações que dificultam o trabalho com os gêneros textuais, que vão além da falta de recursos físicos e materiais.

[...] herdeiros que somos de uma tradição de estudo do ensino do texto como categoria abstrata e difusa, centrada no conceito de tipos ou sequências textuais, depois de quase duas décadas de discussões mais intensas sobre gêneros, ainda deparamos com certas confusões em sua conceituação (Bezerra, 2012. p. 35).

Tal afirmação é comprovada partindo-se do pressuposto de que muitos profissionais da área da educação ainda compreendem o estudo dos gêneros textuais como algo superficial e, na maioria das vezes, até equivocada. Em geral, tal compreensão se centra em práticas tradicionais de ensino, não partindo dos gêneros textuais, mas sim apenas fazendo uso de textos, quase sempre abordando-os de maneira isolada e sem nenhuma contextualização.

É como se o ensino de gêneros textuais fosse sempre a mesma coisa em todas as situações, aplicando-se técnicas repetitivas e enfadonhas e não se explorando verdadeiramente o potencial presente nos diversos textos, visto que cada gênero apresenta suas especificidades e pode modificar-se, adaptar-se conforme as necessidades de comunicação humana. Os gêneros textuais, na forma como conhecemos hoje, são derivados de todo um trabalho executado ao longo do tempo, sejam eles, orais ou escritos.

Atualmente, a noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990:33), ao dizer que “hoje o gênero é facilmente usado para refletir uma categoria distinta de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. É assim que se usa a noção de gênero textual em etnografia, sociologia, antropologia, retórica e na linguística... (Marcuschi, 2008, p. 147).

Com a finalidade de minimizar os problemas da falta de compreensão sobre os gêneros textuais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), documento que tem grande relevância na formação dos profissionais que atuam na educação, ampliaram os estudos dos gêneros, no Brasil, nos últimos tempos. Essa interferência didático-pedagógico trouxe muitos benefícios no sentido de introduzir, em materiais didáticos, o estudo dos gêneros, fazendo uso de uma série de textos utilizados nas mais diversas esferas da comunicação. No entanto, vale ressaltar que, embora essa introdução fosse positiva, havia poucos estudos teóricos naquele momento sobre o trabalho de gêneros textuais em sala de aula, o que fez com que os estudos iniciais destes não fossem tão eficientes inicialmente.

Com o passar do tempo, os estudos foram aperfeiçoando-se e melhoraram tanto em quantidade quanto em qualidade. Atualmente, temos a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), um documento que determina os conhecimentos e as habilidades fundamentais que todos os alunos e alunas têm o direito de aprender, também nos orienta sobre as metodologias de ensino de forma específica a cada área do conhecimento. Vale frisar que, na presente pesquisa, foram destacadas as aulas de produção textual (artigo de opinião), que, nesse documento, evidenciam-se orientações para se trabalhar os gêneros em sala de aula.

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares, Esta ideia foi defendida de maneira similar também por Carolyn Miller (1984). Como afirmou Bronckart (1990:103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que permite dizer que os gêneros textuais, operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual (Marcuschi, 2008, p. 154).

A garantia da apropriação por parte dos alunos das práticas comunicativas presentes na sociedade é imprescindível e só será possível a partir de um trabalho contínuo, sistematizado e aprofundado com os gêneros, tanto com os que os alunos estão familiarizados, isto é, aqueles que fazem parte do cotidiano escolar, quanto

com os novos, porque os gêneros estão em crescente evolução e cada vez mais vão surgindo novos gêneros à medida que as necessidades humanas vão evoluindo.

O trabalho com textos em sala de aula ganhou enfoque especial no momento em que os PCNs de Língua Portuguesa evidenciaram a sua importância. Concomitantemente com a proposta de leitura e produção de textos, surge a necessidade de se trabalhar os gêneros discursivos e textuais (Caldas, 2024, p. 3).

No Brasil, Rojo e Cordeiro (2004) mencionam que essa preocupação em formalizar esses estudos acerca dos gêneros vai se afirmar, de forma oficial, com a Publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - PCNs, elaborados e distribuídos pelo Ministério da Educação - MEC, como pontos de orientação a serem seguidos pelos professores de todo o país. Ainda segundo Rojo e Cordeiro (2004), diversas partes desse documento remetem à necessidade de se entender o gênero como objeto de ensino da língua materna, principalmente em atividade de leitura e produção de textos.

Dando sequência ao trabalho, vale mencionar as contribuições de estudiosos como Schneuwly e Dolz (2004) que defendem o posicionamento de que o trabalho com textos, nas aulas de língua materna, deve ser pautado sobretudo no trabalho com os diversos gêneros textuais. Esse pensamento ratifica a ideia de que o trabalho realizado por professores em sala de aula, com diferentes gêneros textuais, aproxima a realidade da escola com o dia a dia do aluno, pois os gêneros estão presentes em todos os campos que fazem uso do processo comunicativo, por isso são mais fáceis de serem identificados pelo alunado. Ainda de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), para formar verdadeiros leitores e escritores, é necessário trabalhar a diversidade de gêneros, permitindo, assim, articular capacidades sociodiscursivas e linguísticas, além da apropriação de diversas práticas de letramento e aprendizado.

[...] se veja o gênero como um constituinte específico e importante da sociedade, um aspecto maior de sua estrutura comunicativa, uma de suas estruturas de poder que as instituições controlam. Podemos entender gênero especificamente como aquele aspecto da comunicação situada que é capaz de reprodução que pode se manifestar em mais de uma situação e mais de um espaço-tempo concreto (Miller, 1994 *apud* Bonini, 2005, p. 24).

Para credenciar ainda mais a importância do trabalho com os gêneros sob o ponto de vista de aproximar a realidade dos discentes com o seu cotidiano, tem-se o

posicionamento de Bazerman (2005, p. 106) “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com o que está se comunicando”.

[...] é devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas. Disso decorre um princípio que funda o conjunto de nosso enfoque: o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queiram ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda a estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esse objeto de aprendizagem requer (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 97).

Para se intensificar ainda mais a necessidade de se utilizar os gêneros textuais em sala de aula, os Parâmetros Curriculares Nacionais dizem o seguinte:

Aprender a pensar e a falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise linguística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pelos quais tais recursos refletem as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelos gêneros e pelo suporte (Brasil, 1999, p. 27-28).

A partir das afirmações expressas até então, torna-se imprescindível o uso mais intensivo dos gêneros textuais no ambiente escolar, porque é inegável o potencial construído quando se faz o uso adequado dessas ferramentas de construção do conhecimento.

Trataremos, a seguir, sobre o gênero artigo de opinião.

3.3 Artigo de Opinião: contextualização e análise

Após uma breve análise realizada sobre os gêneros textuais no tópico anterior, segue-se, nesta subseção, uma explanação sobre o artigo de opinião e sua importância na vida cotidiana dos alunos, abordando suas características, seus objetivos, sua relevância social, como se dá sua produção, entre outros. Dentre os vários gêneros textuais, o artigo de opinião será o objeto de nosso estudo, tendo em

vista, sua influência no contexto educacional, mas igualmente por ser um veículo de comunicação de grande circulação na sociedade contemporânea.

Ao se observar as propostas dos PCNs que priorizam as atividades de leituras e produção textual, observa-se que estas conduzem o aluno a trabalhar com a linguagem em uma perspectiva interdisciplinar e interacionista. Tal perspectiva orienta a se trabalhar gêneros de circulação social em sala de aula, assim como a proposta de Schneuwly e Dolz (2004) de que, em uma sequência didática, seja explorado um gênero que os educandos desconheçam, seja que ainda não dominem, fortalecendo ainda mais nossa escolha por esse tema.

Antes da análise do artigo de opinião propriamente dito, vale frisar que este é um gênero argumentativo e faz parte dos gêneros que têm como princípios interagir e defender determinado ponto de vista ou convencer alguém a adotar certas atitudes, por meio do uso da argumentação. No cotidiano dos seres humanos, a argumentação é fundamental em todas as instâncias comunicativas, pois, independente de qual seja a condição social, nível de escolaridade ou formação profissional, por exemplo, em um dado momento de nossas vidas, seremos estimulados a argumentar sobre alguma coisa.

A vida em sociedade exige dos seres humanos um posicionamento em relação ao mundo em que vivem. Isso envolve cotidianamente, o uso da argumentação. A criança que deseja um brinquedo novo já procura novas formas de persuadir seus pais, assim como o profissional que procura uma colocação no mercado de trabalho a namorada que quer convencer o companheiro a viajar, etc. Usando o raciocínio lógico e articulando conhecimento de diversas áreas do saber, o discurso argumentativo defende um ponto de vista, lançando mão de argumentos que procuram levar o interlocutor a concordar com a posição defendida (Ramos, 2013, p. 361).

O artigo de opinião é um gênero que pertence à esfera jornalística, que está presente normalmente em seções de opinião de jornais, revistas, editoriais, tendo neste caso, não somente a função de informar, mas também formar opiniões, desenvolvendo o senso crítico (Rodrigues, 2000).

Desta forma, o artigo de opinião está muito presente tanto no jornalismo impresso como no midiático difundido na Internet, em redes sociais, *blogs*, ou ainda em outros veículos de propagação de informações. A linguagem deve ser simples, direta, incisiva, enérgica e convincente, para conseguir expressar melhor aquilo que

se deseja. Ainda sobre esse ponto de vista afirma Casseb-Galvão e Duarte (2018, p. 38).

Os autores dos artigos de opinião cumprem papéis sociais básicos, a saber: informar, colocar em discussão, criticar, polemizar, denunciar, despertar questionamentos etc. O artigo de opinião circula em diferentes mídias e suportes. Circula tanto em suporte físico (revistas de divulgação científica, de cunho político, econômico, jornais etc.) 30 quanto em suporte virtual (sites, páginas institucionais e pessoais na web), enfim está disponível nos principais canais de leitura acessados pelos brasileiros, nas mais diferentes plataformas (Casseb-Galvão; Duarte, 2018, p. 38).

O artigo de opinião, nos últimos anos, vem sendo muito requisitado nas aulas de Língua Portuguesa em todo o Brasil, já que tem característica de texto argumentativo e que circula com facilidade na sociedade atual. Ao trabalhar este assunto, ocorre um enriquecimento do conhecimento dos alunos, uma vez que faz com que se pesquise e se estude sobre determinados assuntos que serão objeto de discussão. Da mesma forma, desenvolve a prática de leitura e, principalmente, produção escrita (Boff; Koche; Marinello, 2009).

O gênero analisado surge da necessidade de opinar sobre um determinado fato polêmico e que está presente na sociedade, levando em questão as diversas vozes presentes nos textos. Segundo Cunha (2002, p. 179), “o artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito”.

Esse embate entre as diversas vozes favorece a argumentação na defesa de um ponto de vista, visto que o produtor do artigo de opinião fica em meio a um constante diálogo de vozes que podem ser favoráveis ao seu posicionamento ou contrários a ele. Isso prova que o produtor não está debatendo um assunto sem nenhuma relevância, mas que realmente existe uma problemática envolvendo o lugar no qual ele está inserido e que por isso merece ser debatido.

Por se tratar de base dissertativa, o artigo de opinião tem como estrutura três componentes mínimos: situação-problema, discussão e solução-avaliação segundo Köche, Boff e Marinello (2014).

- a) Situação-problema: coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto a ser abordado por meio de afirmações gerais e/ou específicas. É comum, nesse momento, evidenciar o objetivo da argumentação que

será sustentada ao longo do artigo, bom como a importância de discutir o tema.

- b) Discussão: expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relação entre conceitos e fatos.
- c) Situação-avaliação: evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver a reafirmação da posição assumida ou a apreciação do assunto abordado. Nessa parte, não se faz a apresentação de um simples resumo e mera paráfrase das afirmações anteriores (Koche; Boff; Marinello, 2014, p. 34-35).

O artigo de opinião é um gênero textual argumentativo, ou seja, é um tipo de texto que defende um ponto de vista por meio de argumentos. Segundo Olbrechts-Tyteca e Perelman (2005, p. 61): “a argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente”. Seu objetivo é convencer e persuadir o interlocutor, na intenção de que este compartilhe a opinião ou realize uma determinada ação. Levando em consideração o propósito do convencimento Bräkling (2000, p. 4) afirma que

O artigo de opinião é um gênero de discurso onde se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes.

Nesse aspecto, o ensino deste gênero e a consequente produção de textos escritos em sala de aula favorece o conhecimento e o domínio de um instrumento social que muitas vezes está distante das classes menos favorecidas. Essa é uma excepcional estratégia para o aluno dos anos finais do Ensino Fundamental (especialmente), visto que lhe coloca como produtor de textos que abordam temáticas delicadas e que muitas vezes causam polêmicas. O aluno expressa seu ponto de vista sobre um tema de relevância social, reunindo argumentos para sua defesa.

O gênero textual “artigo de opinião” desempenha importante papel na sociedade, pois é um meio de interação entre autor e os leitores de jornais e revistas impressas e de circulação online. Utilizar, portanto, esse gênero nas aulas de Língua Portuguesa pode ser um caminho para alcançar com maior eficácia os objetivos do ensino de língua materna. É com o uso do texto que se estabelece a comunicação, ampliam-se ideias e pontos de vista, garantindo-se um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem (Boff; Koche; Marinello, 2009, p. 1).

Ainda tomando por base os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, concluímos que o estudo e a produção do artigo de opinião é fundamental, porque, além de aprender sobre este gênero, eles se apropriam das informações de outros gêneros textuais que serão estudados no Ensino Médio, por exemplo: a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que é tipologia textual argumentativo-dissertativo. O exercício da argumentação vai fazer parte da vida diária do alunado para sempre, podendo ser usado em todas as circunstâncias, posto que, durante toda a nossa vida, somos motivados a opinar sobre determinado assunto. Para ratificar esse pensamento, Ramos (2013, p. 361) afirma que “argumentar também é fundamental para o exercício da cidadania”.

É preciso ressaltar que, ao usar o artigo de opinião em sala de aula, o professor contribui para a formação da criticidade dos seus alunos. Dentro desse contexto, afirmamos que o aluno que consegue construir sentidos a partir da leitura e produção desses textos, leva a sua formação leitora crítica para além da sala de aula (Casseb-Galvão; Duarte, 2018). Sua finalidade não é tratar de assuntos pessoais, mas discutir questões que afetam a coletividade, levando os leitores e produtores de texto a tomar decisões sobre diversos assuntos.

O artigo de opinião na perspectiva de Schneuwly e Dolz (2004) discute sobre problemas sociais controversos, usando de sustentação, refutação, negociação e tomada de posição. Aquele que produz um texto, ao produzi-lo precisa conhecer o seu interlocutor, ou seja, a quem se dirige o texto, traçando o perfil e os seus valores e estabelecendo uma relação de confiança e receptividade entre os envolvidos no processo comunicativo. Vale ressaltar, ainda, que o artigo de opinião contém os seguintes elementos: título, introdução, desenvolvimento e conclusão.

A escolha dos argumentos, no artigo de opinião, é fundamental para a eficácia de um texto porque estes é que vão caracterizar o texto argumentativo, confirmando o propósito comunicativo do gênero que é “convencer e persuadir o interlocutor”. Segundo Olbrechts-Tyteca e Perelman (2002, p. 61), “a argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente”. Sendo assim, a proposta dos artigos de opinião, cuja essência é argumentativa, é a partir do discurso modificar o modo de pensar das pessoas, convencê-las de que o autor tem ampla razão naquilo que fala e, finalmente, proporcionar uma mudança na ordem social dos fatos.

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo; pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa (Koch, 2006, p. 29).

Especificamente, os argumentos que vão ser citados e discutidos, nesse ponto, são encontrados no livro de Cereja e Magalhães (2013) e em Figueiredo, Balthazar e Goulart (2012). Tais autores trabalham particularmente com livros didáticos, pois, são livros de fácil acesso pelos alunos. Desta forma, baseando-se nos autores citados acima e na convicção de que diversos tipos de argumentos podem ser utilizados pelo autor do texto, tecemos as considerações abaixo:

a) Argumentos consensuais ou do senso comum: são verdades aceitas por todos e que não necessitam de comprovação científica. Faz parte de um consenso geral, isto é, conhecido de forma universal.

b) Argumentos de autoridade ou citação: é quando o autor do texto utiliza de falas, declarações de alguém conhecido, bem conceituado na sociedade quando se fala no assunto tratado, e que por isso estabelece maior credibilidade ao texto produzido.

c) Argumentos de exemplificação: é a apresentação de fatos que servem de exemplo para facilitar a opinião do autor.

d) Argumento baseado em princípios: são baseados em “valores”, normas e leis que são amplamente aceitos na comunidade na qual estão inseridos os interlocutores.

e) Argumentos baseados em provas e dados concretos: é o uso de determinados dados científicos, resultados de pesquisas oficiais, percentuais e outras informações técnicas que evidenciam que o autor está familiarizado com o assunto discutido.

f) Argumento de causa e consequência: servem para montar ações e posicionamentos de autor que apresenta causas e consequências concretas (reais).

g) Argumentos de retorção ou refutação: servem para contestar argumentos contrários ao aluno autor, os chamados contra-argumentos.

h) Argumentos por comparação ou analogia: é a relação de semelhança entre dois ou mais fatos ocorridos, tendo essas a mesma interpretação ou tratamento.

i) Argumentos de alusão histórica: fazem referência a datas, acontecimentos importantes que mantenham relação com a opinião defendida pelo autor do texto.

Permitir que os alunos tenham acesso a essa tipologia dos argumentos é muito importante, pois propicia aos discentes analisar melhor os diversos textos argumentativos, como também por meio dessas informações adquiridas, organizar melhor suas ideias e saber qual argumento será mais eficaz em cada situação comunicativa.

Portanto, é através do estudo (pesquisa) e da prática, que o aluno irá desenvolver sua capacidade argumentativa, adquirindo subsídios para se tornar um bom produtor de artigos de opinião. Da mesma forma, desenvolver seu senso crítico, não se influenciando por qualquer notícia sem fundamento e se posicionando sobre as problemáticas que estão presentes na sociedade. Logo, artigos de opinião podem, sobretudo, a partir da conscientização, contribuir para a transformação social.

3.4 Artigo de opinião em sala de aula

Em toda e qualquer atividade humana, na qual interagimos no dia a dia, utilizamos sempre a linguagem, e esta é peça importantíssima no processo comunicativo, pois se constitui o principal elo de interação entre os falantes. Quando fazemos uso da linguagem, expressamos nossos sentimentos e emoções, mas também demonstramos nossos desejos e particularidades diante das mais diversas situações da vida cotidiana. Neste mesmo cenário, passamos a exigir do “outro” uma maior participação nos discursos, interagindo ainda mais no processo de comunicação. Desta forma, confirmamos a importância do convívio social para o crescimento individual e coletivo dos falantes.

Nesse contexto, surge um ambiente muito propício para facilitar as relações comunicativas: a sala de aula. Nela, alunos e professores constroem juntos um espaço de diálogo e aprendizagem mútua, em que o conhecimento torna-se essencial para vida em sociedade. A sala de aula caracteriza-se como um espaço

de excelência para transmissão do saber e um lugar extremamente favorável para aprofundar as relações cognitivas.

Partindo desta ótica, será realizado um estudo prático acerca do artigo de opinião dentro do espaço escolar, já que este como prática social está presente nas vidas de todos os indivíduos, uma vez que a vida humana é uma luta contínua para tentar convencer as pessoas a fazerem algo que desejamos. Este gênero textual favorece aos leitores uma variedade de possibilidades, visto que seus temas são assuntos da atualidade e que envolvem situações cotidianas dos indivíduos, e estes, sentem-se estimulados a falar sobre temas polêmicos e contemporâneos, usando como via de regra o debate.

Os artigos de opinião trazem questões polêmicas que dizem respeito a toda sociedade. Seu objetivo, portanto, não é abordar assuntos de cunho pessoal, mas discutir problemas que atingem a coletividade, levando os leitores a refletir e a tomar uma decisão sobre determinado assunto. Como trata de questões polêmicas, o leitor pode concordar ou discordar do que está escrito no artigo de opinião. Portanto, se o autor quer convencer o leitor de sua opinião, é muito importante que ele conheça bem o assunto de que está falando para poder construir uma boa argumentação (Figueiredo; Balthasar, Goulart, 2012, p. 24).

Daí surge a questão: por que levar este gênero à sala de aula? várias são as respostas para essa pergunta, todavia começaremos afirmando que um dos nossos muitos objetivos é trabalhar de uma forma mais próxima do cotidiano escolar do aluno possível, interligando o saber acadêmico do aluno às ações sociais imprescindíveis à vida humana. Trabalhando o artigo de opinião em sala de aula, esse pensamento se amplia, porque as temáticas abordadas exigem uma posição do autor e estimula o leitor a compartilhar do mesmo pensamento. Através dessa interligação, o leitor assume um papel fundamental, já que passa atuar de forma ativa no processo de construção conhecimento.

Outro motivo para a escolha deste gênero para nossa pesquisa, deve-se justamente ao fato de que ele é de grande relevância para o enriquecimento do repertório de conhecimento dos alunos, haja vista que, na grande maioria das vezes, pede-se ao aluno que realize pesquisas e estudem sobre os diversos assuntos a serem discutidos, além de exercitarem a argumentação e o desenvolvimento da prática de escrita de um gênero mais ligado a esfera formal da atividade comunicativa, atividade esta, tão enfatizada como essencial para aulas de língua materna. Para Boff, Koche e Marinello,

O gênero textual “artigo de opinião” desempenha importante papel na sociedade, pois é um meio de interação entre o autor e os leitores de jornais e revistas impressas e de circulação online. Utilizar, portanto, esse gênero nas aulas de Língua Portuguesa pode ser um caminho para alcançar com maior eficácia os objetivos do ensino de língua materna. É com o uso do texto que se estabelece a comunicação, ampliam-se ideias e pontos de vista, garantindo-se um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem (Boff; Koche; Marinello, 2009, p. 1).

Durante muito tempo, significativa parte de nossas aulas de produção textual voltaram-se fundamentalmente para a produção dos tipos textuais descritivos, narrativos e dissertativos. Porém, esta prática configurava-se equivocada, porque limitar os estudos de produção de textos a apenas estes seguimentos deixava clara a lacuna existente na prática de ensino no tocante à produção textual.

É relevante ressaltar que o artigo de opinião se diferencia dos textos nos quais predominam apenas o tipo textual dissertativo, pois este, apesar de se parecer com o artigo de opinião, também permite ao aluno escritor posicionar-se diante das temáticas mais complexas, obedece a um esquema e tende a ser mais objetivo, diferente do artigo de opinião. Geralmente, os textos dissertativos escolares, possuem como objetivo primordial falar objetivamente sobre um determinado tema, para repassar mais informações e conhecimentos do que para expor sua opinião a respeito deles.

Já o artigo de opinião exige do autor seu posicionamento, de uma forma clara e com a exposição de argumentos que consigam explicar o porquê da posição tomada em seu texto. Para Ramos (2013, p. 369), “no artigo de opinião, a argumentação ganha características mais abertas e assumidas. Embora tente seduzir o leitor, expressa uma opinião assinada...”

Essa perspectiva de compreensão nos estimula a entrar em contato com diversos gêneros que circulam no contexto da sociedade, e é papel da escola preparar os alunos para os diversos discursos produzidos no contexto comunicativo. Para que isto aconteça de fato na sala de aula, é necessário, inicialmente, motivar o aluno para que ele sinta o desejo de buscar na leitura e na produção de textos uma atrativa possibilidade de crescimento intelectual.

Tudo isso acontece apenas quando o professor, o responsável direto pela transmissão do saber, faz uso de atividades dinâmicas e estratégias que demonstrem o quanto é importante adquirir conhecimentos, trabalhando com temas

atuais que facilitem o acesso à pesquisa e estimulem a curiosidade. Isso faz com que o aluno queira saber cada vez mais, buscando respostas que antes ele não tinha. Conseqüentemente, isso permite entrar em contato com inúmeros outros gêneros textuais, usando sempre como referência o gênero artigo de opinião. Ainda a respeito da relevância dos artigos de opinião para a realização dos propósitos argumentativos, citam-se Boff, Koche e Marinello quando defendem que

O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores. Conforme Rodrigues, nesse gênero, interessa menos a apresentação dos acontecimentos sociais em si, mas a sua análise e a posição do autor (2007, p. 174). O processo interativo se sustenta pela construção de um ponto de vista. [...] Esse gênero pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende. De acordo com Perelman, a argumentação objetiva provocar ou aumentar a adesão do interlocutor às teses apresentadas ao seu consentimento (1988, p. 23). Assim, a interação ocorre a partir do ponto de vista sustentado pelo autor e aceito pelo leitor. Para Pereira e outros, “a argumentação busca convencer, influenciar, persuadir alguém; defende um ponto de vista sobre determinado assunto. Consiste no emprego de provas, justificativas, a fim de apoiar ou rechaçar uma opinião ou uma tese; é um raciocínio destinado a provar ou a refutar uma dada proposição” (2006, p. 37) (Boff; Koche; Marinello, 2009, p. 3-4).

Partindo do princípio de que o ato de argumentar é inerente às ações humanas, conclui-se que o uso do gênero artigo de opinião em sala de aula faz com que o aluno, de forma mais sistematizada, use seus argumentos no intuito de persuadir o outro sobre suas convicções ideológicas. Durante o processo de construção de argumentos no espaço escolar, o aluno fica estimulado a conhecer melhor o assunto a ser debatido, fazendo com que ele leia sempre mais e, principalmente, aumente suas pesquisas, passando a participar ativamente do processo argumentativo. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 18), “para argumentar é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental”.

Outro ponto que merece atenção é que o discente, ao estudar o gênero em questão, demonstra imensa disposição em olhar e analisar o ponto de vista do “outro” de forma crítica, refletindo sobre o pensamento presente nos discursos persuasivos e buscando perceber a riqueza de detalhes argumentativos utilizada pelos falantes. Agindo assim, um sujeito crítico é construído, moldado através da

capacidade de análise e reflexão dos textos produzidos nas mais diversas situações da vida cotidiana. Reforçando esse pensamento, Ramos (2013, p. 361) vai afirmar que “argumentar também é fundamental para o exercício da cidadania.”

Os artigos de opinião trazem questões polêmicas que dizem respeito a toda sociedade. Seu objetivo, portanto, não é abordar assuntos de cunho pessoal, mas discutir problemas que atingem a coletividade, levando os leitores a refletir e a tomar uma decisão sobre determinado assunto. Como trata de questões polêmicas, o leitor pode concordar ou discordar do que está escrito no artigo de opinião. Portanto, se o autor quer convencer o leitor de sua opinião, é muito importante que ele conheça bem o assunto de que está falando para poder construir uma boa argumentação (Figueiredo; Balthasar;; Goulart , 2012, p. 24).

Esta prática da argumentação vai fazer parte do dia a dia do alunado para sempre e em todas as situações, o que, de certa forma, só ratifica a importância do gênero em questão escolhido. Durante toda a nossa trajetória de vida, somos solicitados a opinar sobre determinado assunto e, na grande maioria das vezes, essa opinião pode e deve vir acompanhada de argumentos que consigam convencer e persuadir nosso interlocutor.

É uma pena que, mesmo diante de um grande acervo bibliográfico disponível sobre o uso do gênero artigo de opinião, muitos educadores ainda se limitem a utilizar métodos e técnicas arcaicos de ensino, não despertando, nos seus alunos, sua habilidade argumentativa e, sobretudo, não desenvolvendo suas capacidades críticas e reflexivas diante dos diversos assuntos polêmicos que afligem a sociedade. Portanto, cabe à escola, e em especial ao professor, desenvolver estratégias que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, é claro que ao professor devem ser dadas todas as condições necessárias para que ele consiga atuar de forma eficaz e, então, possa melhorar a qualidade do ensino.

4 A PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO EM SALA DE AULA

4.1 Contextualização da pesquisa

A metodologia consiste em uma explicação detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no trabalho de pesquisa. É indispensável a metodologia no trabalho científico para que se possa sistematizar, de forma concisa, a linha de raciocínio da pesquisa, explicando o tipo de pesquisa, os instrumentos técnicos, os métodos de procedimentos, as técnicas de abordagem e as técnicas de pesquisa.

Desenvolveu-se, na presente pesquisa, uma prática de Letramento Crítico, tendo como base o gênero artigo de opinião e abordando temáticas que fazem parte do cotidiano escolar e extrassala de aula do aluno (preconceito racial, *bullying* e inclusão). Estas também foram selecionadas porque são bastante propícias ao debate, ricas em acervo bibliográfico e de grande necessidade para a aprendizagem dos nossos discentes, enriquecendo ainda mais nosso trabalho.

4.1.1 Abordagem teórica

O tipo de pesquisa realizada foi uma pesquisa-ação, que apresenta base empírica e qualitativa e que, na área educacional, se configura como uma estratégia capaz de auxiliar os professores no aprimoramento de suas práticas pedagógicas e, por conseguinte, intervir de modo satisfatório no aprendizado dos alunos. “A pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (Thiollent, 2002, p. 4).

Essa perspectiva nos foi apresentada e trabalhada nas aulas do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – visto que, como professores de Língua Portuguesa atuando em turmas do Ensino Fundamental. Nossa obrigação seria a de desenvolver uma proposta intervencionista, a partir da investigação de problemas que afligem o cotidiano da sala de aula, no intuito de transformar tanto os alunos como o professor-pesquisador. Nas palavras de Thiollent (2011, p. 32), essa estratégia é compreendida como um “modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de

finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada”.

A pesquisa possui um caráter interpretativo e de cunho qualitativo, por isso a necessidade de análise de produções de textos (será usado um artigo de opinião), e tem como finalidade compreender e interpretar as informações presentes nos discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A pesquisa-ação aponta novas alternativas que estimulam os alunos a se tornarem eficientes produtores de texto.

Pesquisas como essa, segundo Tripp (2005), consistem no ciclo investigação-ação (figura 1), no qual o pesquisador aprimora seus métodos, devido à flexibilização entre “agir no campo da prática e investigar a respeito dela”

Figura 1 - Ciclo básico da investigação-ação



Fonte: TRIPP (2005, p. 446).

De acordo com Tripp (2005, p. 446), “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais no decorrer do processo, tanto a respeito da prática quando da própria investigação”.

Dessa forma, a pesquisa-ação dá-se através de etapas. Primeiro, há o reconhecimento de um problema, apresentado em práticas desenvolvidas por sujeitos em um determinado contexto social. Depois, o pesquisador (professor) a partir da análise dos fatores que interferem no estabelecimento desse problema, planeja e executa ações que visam proporcionar transformações na situação constatada. Durante todo o processo (etapas), a ação e a reflexão acontecem concomitantemente: o pesquisador avalia os efeitos das medidas realizadas por ele

na resolução desse problema, a fim de que, se necessário, venha a aplicar novas medidas que ocasionem o efeito pretendido. Ao final da pesquisa-ação, ele avalia os resultados alcançados com suas práticas de intervenção, realizando o registro de todas as atividades empreendidas.

4.1.2 Aspectos Metodológicos

No presente trabalho, foi realizada uma pesquisa que estuda aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e do comportamento humano em determinado tempo, lugar e cultura. Devido ao caráter subjetivo desse tipo de pesquisa, foi necessário realizar um trabalho de campo, momento em que o pesquisador se insere no local em que ocorre o fenômeno social e realiza de fato o seu trabalho.

O nosso objeto de estudo foi o aluno em sala de aula, fazendo intervenções pedagógicas nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, a partir da utilização do gênero artigo de opinião. Buscou-se apresentar as características deste, para que os alunos se familiarizassem com o gênero estudado, levando em consideração temáticas relevantes da sociedade, até chegarmos a sua produção, no intuito de favorecer o letramento crítico e reflexivo.

Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública de ensino (turma única), uma escola pertencente à zona rural do município de Apodi/RN, no distrito de Melancias, às margens da BR 405. Trata-se de uma escola estadual, que funciona nos turnos manhã, tarde e noite nas modalidades de ensino fundamental, médio e EJA. O gênero escolhido para intervenção foi o artigo de opinião, tendo em vista que os alunos fazem a prova de seleção do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, que exige como requisito, normalmente, a produção de um artigo de opinião, e a cultura desses alunos e da comunidade concorrerem a uma vaga nesta instituição. Da mesma forma, outro fator que favoreceu a escolha de gênero mencionado foi desenvolver nesses alunos o senso crítico diante de temáticas que se impõem na sociedade.

Vale destacar o nível dos alunos que foram objeto de estudo da nossa pesquisa, esses encontram-se em um nível satisfatório de aprendizagem com relação ao gênero escolhido, posto que a produção de textos dessa natureza fora frequentemente trabalhada em sala de aula em momentos anteriores, facilitando o sucesso desta pesquisa. Os alunos em questão encontram-se na faixa etária entre

13 e 15 anos, portanto, em uma fase excelente para aprendizagem, o que favorece a qualidade das aulas ministradas.

Inicialmente a turma tinha 15 alunos, porém, ao se aproximar o início da intervenção, um dos alunos desistiu de frequentar por motivos particulares e a pesquisa foi realizada apenas com 14 alunos. É fundamental explicar que, mesmo com 14 alunos participando, apenas 10 produções textuais foram analisadas. Esse fato deu-se porque nem todos eles participaram de todas as etapas da intervenção, um ou outro aluno faltou em algum momento, por motivos particulares. Dessa forma, foi conveniente analisar somente os textos daqueles que estiveram presentes em todos os momentos, mas os educandos continuaram a participar mesmo após faltar em alguma etapa, já que eles nunca souberam que artigos de opinião seriam analisados. Vale destacar que essa decisão foi tomada depois de muita calma e reflexão, e contou com a anuência do orientador da pesquisa, que concordou com a decisão.

O nosso trabalho foi composto de quatro (04) momentos e teve duração também de 04 semanas: o primeiro momento foi realizado em uma semana com 04 aulas de 50 minutos, em que foi abordado o gênero artigo de opinião em sala de aula, usando como referência o letramento crítico. Nas duas primeiras aulas (terça-feira), foi apresentado o gênero artigo de opinião, sua estrutura, principais características e pensadores, fazendo uso de exposições orais e escritas. Nas outras duas aulas (quinta-feira), vamos dar ênfase ao letramento crítico e à importância dos argumentos para realização dos nossos objetivos.

O segundo momento foi realizado também em uma semana com 04 aulas de 50 minutos, em que foi discutida uma temática de grande relevância na sociedade: o preconceito racial. Nas duas primeiras aulas (terça-feira), foi debatido sobre esse tema, utilizando-se textos que foram distribuídos para os alunos, bem como o uso de vídeos para enriquecer nosso trabalho. E, nas outras duas aulas da semana (quinta-feira), realizou-se a produção do artigo de opinião, de forma que cada aluno fez sua produção de acordo com o que explicado e proposto pelo professor/pesquisador. É importante mencionar que anteriormente foi trabalhado, com os alunos, o filme “Mãos Talentosas” e que este serviu de apoio, uma vez se enquadrando dentro dessa temática

O terceiro momento foi realizado nos mesmos moldes do segundo momento, sendo que a temática foi o *bullying*, duas aulas para debate em sala e duas aulas

para produção. Também, nesse momento, foi usado como apoio o filme “Mãos Talentosas”, porque apresenta algumas cenas que retratam essa temática. Da mesma forma, ocorreu o quarto momento: cuja temática também foi outra: a inclusão. Em suma, foram 04 semanas, cada semana dessas com 04 aulas de 50 minutos, totalizando 16 aulas em todo o processo. Todos os procedimentos foram seguidos à risca pelo aluno, contando com a intervenção do professor de sala de aula em todas as fases da pesquisa/intervenção.

Vale ressaltar que as temáticas escolhidas para serem trabalhadas em sala de aula são assuntos de significativa importância no meio escolar e necessários para o crescimento pessoal e acadêmico do alunado. Para colocarmos em prática este projeto/pesquisa/intervenção, foi feito um estudo prévio de tudo que foi trabalhado em sala de aula, acompanhado de um planejamento minuciosamente elaborado, a partir do qual se implementaram nossas ideias e pontos de vista, buscando melhorar sempre que possível, de uma semana para outra, de modo que, assim, foram tiradas nossas conclusões.

Vale destacar que, ao final de cada semana, foi feito um relatório semanal acerca de tudo que foi desenvolvido nas aulas nesse período e feitas as avaliações cabíveis, no intuito de registrar todos os acontecimentos e tentar melhorá-los para as semanas seguintes e qualificar ainda mais nosso estudo. Uma vez concluídas as produções textuais (artigo de opinião) por parte dos alunos, foi proposta a eles, à direção e à equipe pedagógica, a exposição desses textos no mural da escola, para que a comunidade escolar pudesse ter acesso e refletir sobre esse trabalho, percebendo que belíssimo trabalho foi feito na escola.

Em torno disso, houve uma reflexão para saber se os métodos e as técnicas empregadas nas aulas foram satisfatórios e atenderam às expectativas de todos. Ao término, enfim esperou-se contribuir de alguma forma para melhorar o processo ensino-aprendizagem e incentivar outros trabalhos dentro dessa mesma perspectiva.

4.2 Experiências do letramento crítico com o artigo de opinião em sala de aula.

4.2.1 Contato inicial com turma

Inicialmente, em um momento anterior à intervenção em sala de aula, conversei com os alunos acerca do nosso trabalho, explicando que se tratava de

uma ação a ser desenvolvida no próprio ambiente escolar, com a minha intervenção e orientação, garantindo aos alunos o sigilo das informações prestadas e que somente eu saberia quem foi o aluno que prestou determinada informação específica, no intuito de motivá-lo a participar da atividade com mais segurança.

Inicia-se explicando que tal intervenção fazia parte de um projeto do meu mestrado profissional PROFLETRAS, de modo que seria necessário eu desenvolver esta atividade em sala de aula, realizando uma pesquisa intitulada: O Gênero Artigo de Opinião na Aula de Língua Materna: Uma Prática de Letramento Crítico no Ensino Fundamental. Expliquei que o processo ocorreria em 04 etapas, isto é, 04 semanas e iríamos trabalhar o gênero artigo de opinião. Falamos também que iríamos fornecer as informações pertinentes ao gênero estudado para facilitar nosso dia a dia, assim como faríamos debates sobre determinadas temáticas e depois escreveríamos produções textuais acerca do que foi debatido.

A princípio eles ficaram muito eufóricos, pois o fato de se realizar esta atividade despertou bastante o interesse do alunado. Concordaram em participar e realizar todas as etapas a que fossem submetidos, colaborando da melhor forma possível para a concretização desta pesquisa/intervenção, até porque esta era uma atividade que fazia parte do processo educacional e iria contribuir para a aprendizagem dos alunos.

4.2.2 Contextualização na sala de aula sobre o artigo de opinião

Nas duas primeiras aulas, conforme já havíamos mencionado, falamos sobre o gênero artigo de opinião, abordando alguns conceitos pertinentes. Já notamos nos alunos o fator entusiasmo, visto que, ao obterem o primeiro contato com a temática a ser estudada, a vontade deles de aprender chamou minha atenção. Dessa forma, tentamos conduzir a aula de forma atrativa, sempre buscando a participação dos alunos na aula desde o primeiro momento (figura 2).

Figura 2 - Registro da explicação sobre artigo de opinião



Fonte: Acervo do autor.

Dando continuidade à aula, abordei as características do artigo de opinião, parte que considero a mais importante desta etapa, porque foi, a partir desse momento, que os alunos iriam saber identificar de fato um texto argumentativo, mais precisamente um artigo de opinião, diante da diversidade de gêneros textuais presentes no cotidiano. Nesse momento, também não poderia ser diferente, o alunado mostrou-se empolgado em aprender e contribuiu em forma de participação na aula (figura 3).

Figura 3 - Explicação do professor sobre as características do artigo de opinião



Fonte: Acervo do autor.

O próximo passo foi abordar a estrutura do artigo de opinião, como ele se organiza, na grande maioria das vezes, mostrando também que isso pode variar muito do próprio produtor do texto, mas que mesmo assim a estrutura prevalece basicamente a mesma. Vale salientar que, para o nosso estudo tomamos com referência o modelo adotado nos principais exames de seleção do país, por exemplo o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a prova de seleção do Instituto Federal (IFRN), porque dessa maneira iríamos chamar ainda mais a atenção do aluno. Isso se configurou porque, em determinado momento, eles iriam fazer uso desta ferramenta que os ajudaria bastante na concretização dos seus objetivos, fosse ingressar em uma universidade, em um instituto federal ou fosse até mesmo para ser aprovado em um concurso público, posto que muitos concursos utilizam como instrumento de medição de conhecimento a produção de um artigo de opinião. A seguir, apresenta-se a reprodução do primeiro *slide* (figura 4), utilizado na sala de aula, apresentando os conceitos, características e a estrutura do artigo de opinião:

Figura 4 - Reprodução do *slide* com os conceitos, características e a estrutura do artigo de opinião

Artigo de opinião

- **Conceito:**
- **Características:**
- **Estrutura:**
- **Modelos/exemplos:**



Fonte: Captura de tela.

Nesse mesmo momento, mostrei exemplos de produções textuais realizadas de fato, para que eles se familiarizem com a forma de produção do gênero estudado, já que não há nada mais interessante do que agregar a teoria à prática. Para minha surpresa, a parte que mais chamou atenção deles foi justamente essa, a prática realizada e demonstrada para eles. Para facilitar a compreensão dos alunos, eu preparei um texto sobre artigo de opinião e distribuí para eles, de maneira que fizemos a leitura juntamente com alunos e debatemos em sala, dessa forma concluímos o primeiro dia de intervenção.

Nas aulas seguintes, foi falado sobre o Letramento Crítico, mostrando aos alunos que, a partir desse momento, eles adquiririam conhecimento teórico sobre essa temática, assim como munidos desse conhecimento, que era de grande relevância para sua formação cidadã, passariam a questionar “o mundo”, ou seja, passariam a questionar as então estruturas de poder construídas ao longo dos anos na sociedade. Nesse momento, o aluno refletiria sobre o fato de ser um ser passivo e poder se tornar um cidadão ativo e consciente dos seus direitos e deveres na sociedade, o que se justifica pelo fato de que esta é uma forma de leitura e escrita que proporciona autonomia e capacita os indivíduos a atuarem ativamente no meio

em que estão inseridos. Na imagem a seguir (figura 5), reproduzimos o *slide* inicial da aula sobre letramento crítico e os argumentos.

Figura 5 - Slide inicial da aula sobre letramento crítico e os argumentos

Aula sobre letramento e os argumentos

- | <u>LETRAMENTO CRÍTICO</u> | <u>ARGUMENTOS</u> |
|--|--|
| • Conceito; | • O que é argumentar: |
| • Princípios do Letramento Crítico; | • Tipos de argumentos; |
| • Benefícios do Letramento Crítico; | • A importância dos argumentos; |
| • Exemplos de textos; | • Conclusão. |
| • Conclusão. | |



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciada em CC BY-NC.



Fonte: Captura de tela.

Ainda na mesma aula, foi dada ênfase aos argumentos, dada sua importância como ferramenta para construção do artigo de opinião e sua função como peça chave no processo comunicativo. Saber argumentar bem é de suma importância, porque fazer uso de recursos consistentes (argumentos) no momento da produção do artigo de opinião ou durante a comunicação permite ao produtor/falante a capacidade de convencer alguém a mudar de ideia a respeito de alguma opinião ou posicionamento. São justamente esses argumentos que caracterizam e legitimam seu ponto de vista sobre determinada temática e deixam explícita ao seu interlocutor qual a tese defendida.

4.3 Construção do artigo de opinião/intervenção - temática: preconceito racial.

4.3.1 Debate/intervenção sobre a temática: preconceito racial

Nesta etapa, foi realizado um debate/discussão com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual, distrito de Melancias, Apodi/RN, e teve como mediador o professor pesquisador e responsável pela sala de aula, acerca de uma grande problemática que aflige a sociedade, a saber, o preconceito racial. Neste momento, o professor conduziu a aula usando *feedback* de filme, vídeos *on-line*, uso de *data show*, com *slides*, leitura de fragmentos de textos sobre a temática alvo da discussão, sempre incentivando a participação dos alunos ao debate, fazendo com que eles se familiarizassem com o assunto debatido. Na imagem seguinte (figura 6), reproduzimos o *slide* inicial que foi usado durante o debate sobre preconceito racial.

Figura 6 - Reprodução do slide inicial usado durante o debate sobre preconceito racial



Fonte: Captura de tela.

Ao participarem do debate, os alunos começam a se empolgar, cada um expressando seu ponto de vista e tentando convencer o outro das suas ideias. Sempre eufóricos, os alunos participavam bastante, e o debate envolveu a maior parte da turma (figura 7). A todo tempo, falavam sem parar, muitas vezes o professor precisava intervir para acalmar os ânimos e manter a ordem. Isso só foi possível, graças principalmente, à escolha desta temática, porque se trata de um assunto de grande relevância social.

Figura 7 - Registro de momento durante o debate sobre o preconceito racial e a participação de uma aluna em exposição de *slide*



Fonte: Acervo do autor.

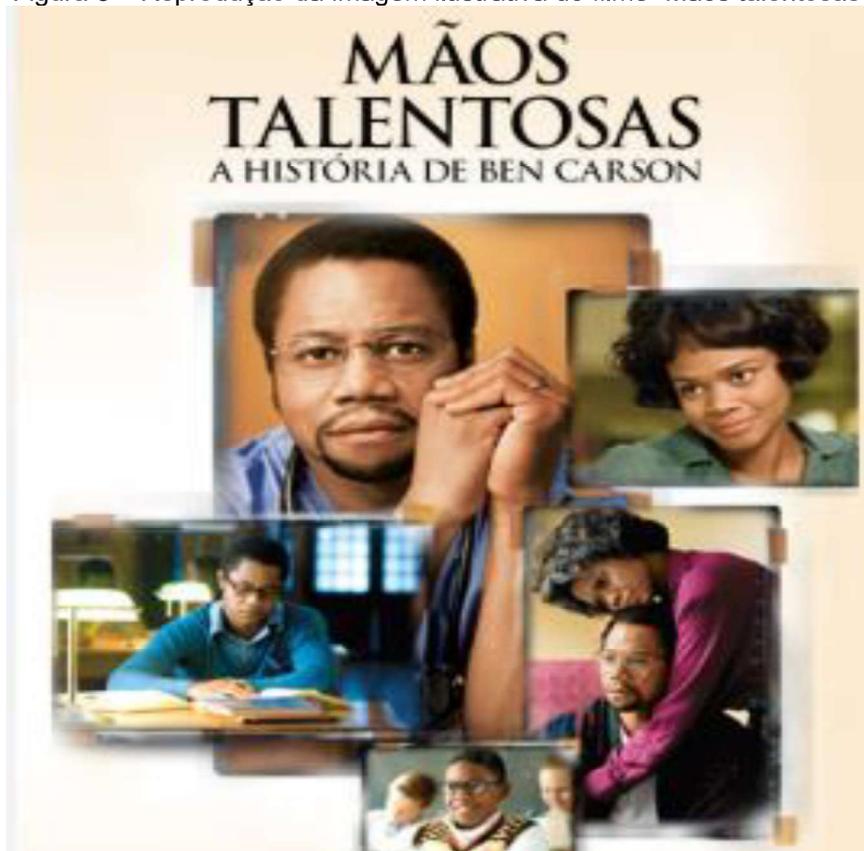
Outro fator que contribuiu para o sucesso dessa discussão foi o fato de que, na comunidade em que se localiza a escola, ocorreu um caso de preconceito racial, e este episódio foi de conhecimento de todos. Como se trata de uma escola localizada na zona rural, todos se conhecem devido ao pequeno tamanho da comunidade, por isso, as notícias facilmente se disseminam. Os alunos, frequentemente, citavam o mencionado acontecimento em suas falas durante o debate, de modo que era necessária a mediação para se apaziguar os ânimos.

Vale frisar que os argumentos utilizados pelos alunos eram quase sempre coerentes e muito bem construídos. Sempre que um aluno argumentava, o outro tinha o que falar a respeito, “um assunto puxava o outro”. Também é importante mencionar que os *slides* apresentados pelo professor responsável pela sala de aula para estimular os alunos foram de grande valia para a condução desse excelente debate.

Também foram levadas para discussão cenas do filme mãos talentosas, pois este também aborda a temática do preconceito racial e já foi passado para os alunos

em momentos anteriores, até porque eles haviam assistido ao filme recentemente e ainda lembravam muito bem dos detalhes. A seguir, reproduzimos a imagem ilustrativa do filme “Mãos talentosas” que serviu de parâmetro para o debate (figura 8).

Figura 8 – Reprodução da imagem ilustrativa do filme “Mãos talentosas”



Fonte: Centro de Divulgação Cultural da USP (CDC-USP)¹.

Portanto, o debate serviu para dotar o aluno de conhecimento teórico sobre a problemática do preconceito racial, informações sobre essa temática foram compartilhadas pelos alunos e pelo professor ao longo de todo o debate. Isso, então, forneceu subsídios para que a etapa seguinte (próxima aula) da pesquisa fosse realizada, que se pautava na produção do artigo de opinião sobre esse tema, alvo da discussão em sala de aula (figura 9).

¹ Disponível em: <https://cdcc.usp.br/maos-talentosas-a-historia-de-ben-carson/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Figura 9 – Registro de momento durante o debate sobre o preconceito racial



Fonte: Acervo do autor.

4.3.2 Produção do artigo de opinião sobre preconceito racial

Após a fase do debate/discussão realizada com os alunos em sala de aula, por meio da qual eles assimilaram diversas informações acerca da temática do preconceito racial, chegou a vez da próxima etapa: a produção do artigo de opinião com a temática debatida. Nesse momento, os alunos colocaram em prática tudo que aprenderam até então durante o processo de intervenção realizado pelo professor/pesquisador.

Os alunos usaram, para essa produção, as informações que foram transmitidas nos dois primeiros encontros, nos quais foi explicado, de forma oral e escrita, sobre o artigo de opinião e suas características, assim como letramento crítico e os argumentos. Da mesma forma, os alunos e as alunas fizeram uso das experiências adquiridas durante o debate/discussão em sala de aula.

Foi pedido que todos os alunos ficassem em seus lugares e que, a partir de então, produzissem o artigo de opinião com base em tudo que foi vivenciado anteriormente. A produção se deu de modo individual, de maneira que eles não

puderam ter nenhum tipo de ajuda externa, nem tampouco dos colegas de sala. Qualquer dúvida, nesse caso, dever ser levada ao professor responsável, pois apenas este poderia auxiliar em alguma coisa. Inicialmente, era explícita a tensão no rosto dos alunos. Todavia, com a entrega da folha a qual eles utilizariam para produzir os seus textos (Anexos B), folha essa semelhante à usada nos concursos e vestibulares do país, e com a entrega de uma folha de ofício em branco para eles fazerem o rascunho, o clima foi melhorando e as coisas começaram a fluir normalmente (figura 10).

Figura 10 - Momento da produção do artigo de opinião sobre o preconceito racial



Fonte: Acervo do autor.

É importante salientar que o tempo destinado à produção do artigo de opinião, conforme expresso na metodologia, eram de duas aulas de 50 minutos, tempo que, no ponto de vista do professor, era suficiente para sua produção, pois, nessa fase em que se encontra o alunado, não era exigido nada excepcional, mas algo que despertasse nos alunos o desejo de aprender mais sobre o assunto. É claro que alguns alunos precisaram de um pouquinho mais de tempo, o que era normal. Porém, nada que chegasse a privilegiar mais um ou outro aluno por causa disso, fato bem administrado pelo professor e pelos alunos.

Figura 11 - Professor orientando aluna durante produção do artigo de opinião (Temática - preconceito racial)



Fonte: Acervo do autor.

Terminada a produção pelos alunos, eles passaram a entregar a folha na qual foi escrito o artigo de opinião. Na medida que iam concluindo individualmente, o professor também recolhia o rascunho utilizado pelos alunos, para que as informações da pesquisa não ficassem expostas para terceiros, a fim de se garantir a integridade das informações e a eficácia da pesquisa. Coube ao professor responsável receber e guardar esses textos, para depois, no momento oportuno, realizar suas análises (figura 11).

Também é importante frisar que os alunos não faziam nenhum tipo de identificação na folha, apenas o professor sabia quem era o autor de determinado texto. Foi usado uma espécie de código pelo professor para identificar o aluno, do tipo: “aluno 1, aluno 2, ...aluno 10, aluno 16, agindo assim seria preservado o anonimato dos textos para o público externo; porque somente o professor sabia identificar os alunos pelos códigos.

4.4 Construção do artigo de opinião/intervenção – temática: bullying.

4.4.1 Debate/intervenção sobre a temática: bullying

Na etapa da intervenção, foi realizado mais um debate/discussão com os alunos e, da mesma forma como ocorreu com o primeiro, houve mediação do professor pesquisador e responsável pela sala de aula, sobre uma outra grande problemática e, principalmente, o ambiente escolar, que é o *bullying*.

Figura 12 - Professor pesquisador com os alunos durante o debate sobre *bullying*



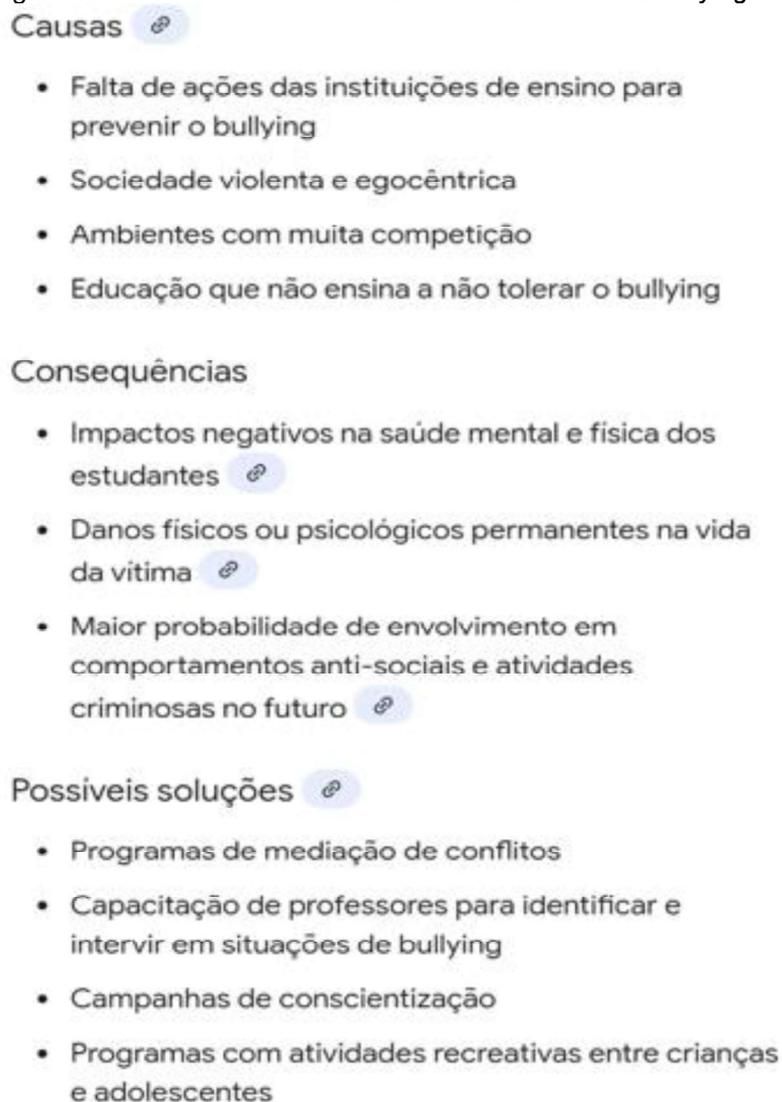
Fonte: Acervo do autor.

Ao iniciar o novo debate, os alunos, mais uma vez, mostraram-se empolgados, só que dessa vez estavam mais soltos, um pouco mais participativos, pois já não era mais a primeira vez (figura 12). Como eles já tinham uma noção do que iria acontecer, melhoraram bastante a qualidade do debate. Os alunos mais cientes da sua função nesta pesquisa, desse modo, elevaram o nível dos argumentos utilizados em suas falas, mostrando um avanço significativo.

Vale destacar o aprendizado que tiveram durante a intervenção realizada sobre Letramento Crítico, despertando e estimulando a criticidade dos educandos. À medida que começou o debate, os alunos iam expressando seus pontos de vista e utilizando bons argumentos para tentar convencer e persuadir seu interlocutor. Mais uma vez, vale destacar a intervenção que foi realizada em sala de aula anteriormente sobre os tipos de argumentos e da importância destes para construção do artigo de opinião.

Demonstrando a mesma alegria do início, os estudantes ampliaram sua participação no debate, e este envolveu praticamente a totalidade dos estudantes da turma. Passaram a participar, cada vez mais, e o educador responsável teve que intervir para conter a euforia desse alunado que estava se redescobrando. Não se pode esquecer que essa temática escolhida, o *bullying*, foi crucial para que houvesse uma maior participação de todos, porque se trata de um assunto demasiadamente abordado no meio escolar, de forma que, por consequência, as informações disponíveis proporcionaram um debate mais qualificado.

O tema escolhido para essa discussão em sala de aula foi muito proveitoso e levantou muitos pontos importantes, por exemplo: o conceito de *bullying*, as causas, as consequências e até possíveis soluções para o problema. Alguns pequenos textos foram lidos para embasar e fortalecer a opinião dos educandos durante o debate e serviriam de suporte teórico para produção do artigo de opinião. Igualmente, foi levado em consideração o filme “Mãos talentosas”, posto que nele abordam-se situações de *bullying*, e os alunos, em um momento anterior, haviam assistido a esse filme. A seguir expõe-se um trecho de um dos *slides* usados pelo professor durante o debate sobre *bullying* (figura 13).

Figura 13 – Tela de *slide* usado durante o debate sobre *bullying*

Fonte: captura de tela.

Nesse momento de discussão, mereceram destaque os *slides* que foram apresentados pelo professor, pois, ao verem as imagens no *data show*, os alunos fugiam um pouco daquela realidade cotidiana da sala de aula, em que prevalecia o uso exaustivo do caderno, do lápis e do livro didático; fazendo com que eles demonstrassem muito mais interesse do que com os tradicionais métodos pedagógicos que costumeiramente são utilizados pelo educadores atuais. Repensar os métodos de ensino são fundamentais para o educador conseguir melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem. Na imagem a seguir (figura 14), reproduzimos o *slide* inicial que foi usado durante o debate sobre *bullying*.

Figura 14 – Reprodução do *slide* inicial usado durante o debate sobre *bullying*



Fonte: captura de tela.

4.4.2 Produção do artigo de opinião sobre *bullying*

Após o fim do momento do debate sobre o *bullying*, na aula seguinte, foi dado início à produção do artigo de opinião cuja temática é a mesma da discussão da aula passada, isto é, o *bullying*. Para elaboração desse texto, foi tomado como referência a primeira fase desta intervenção, em que foi explanado sobre a estrutura do artigo de opinião, características deste, letramento crítico, assim como foi levado em consideração toda a troca de informações realizada durante o debate. Nesse momento, os alunos colocaram em prática tudo que aprenderam durante o processo de intervenção realizada pelo professor/pesquisador (figura 15).

Figura 15 - Professor orientando os alunos durante a produção do artigo de opinião (Temática – *bullying*)



Fonte: Acervo do autor.

Da mesma forma de antes, foi pedido que todos os alunos ficassem em seus devidos lugares e que, a partir daquele momento, iniciassem seu artigo de opinião, com base em tudo que fora vivenciado até então. A produção seria individual e não admitia nenhum tipo de ajuda e que qualquer dúvida fosse direcionada ao responsável pela turma, porque, apenas este poderia auxiliar. Diferentemente da outra vez, a tensão no rosto dos alunos não estava tão presente, pareciam mais tranquilos. Desse modo, foi iniciada a entrega da folha oficial, em que eles iriam produzir o seu texto (em anexo), folha essa semelhante à usada nos concursos e vestibulares por todo o país, e a entrega de uma folha em branco para que eles fizessem rascunho.

Vale salientar que o tempo destinado à produção do artigo de opinião foi o mesmo, eram duas aulas de 50 minutos, conforme já mencionado. É importante mencionar que nessa fase em que se encontra o alunado (Ensino Fundamental – 9º ano) não era exigido algo acima dos padrões, apenas foi solicitado que eles fizessem o melhor que pudessem, seguindo as orientações fornecidas nos momentos anteriores, em sala de aula, durante a intervenção (figura 16).

Figura 16 - Produção do artigo de opinião pelos alunos. (Temática – *bullying*)



Fonte: Acervo do autor.

Era esperado que alguns alunos precisassem de um pouquinho mais de tempo para conclusão do seu artigo de opinião, tudo dentro da normalidade, todavia nada que chegasse a privilegiar um ou outro aluno por causa disso, fato bem gerenciado pelo professor e os alunos, assim como houve um ou dois alunos que entregaram bem antes do esperado.

Finalizada a produção pelos alunos, eles iniciaram a entrega da folha na qual foi produzido o artigo de opinião, um após o outro foram entregando as produções. Também entregaram a folha de rascunho utilizada por eles, para que as informações da pesquisa não ficassem explícitas para terceiros em momentos não apropriados, com o intuito de se garantir a integridade das informações e a eficácia da pesquisa.

Coube ao professor da sala de aula, receber e guardar esses textos, para, no momento devido, realizar uma análise sobre o trabalho realizado. É importante frisar que os alunos não fizeram nenhum tipo de identificação na folha destinada à produção, somente o professor sabia quem era o autor de determinado texto. Foi usado um tipo de código pelo professor para identificar o aluno, por exemplo: “aluno 3, aluno 5, ...aluno 12, aluno 14. Procedendo dessa maneira, foi preservado o anonimato dos textos para o público externo; já que apenas o professor pesquisador sabia identificar os alunos através dessa numeração criada.

4.5 Construção do artigo de opinião/intervenção – temática: inclusão social.

4.5.1 Debate/intervenção sobre a temática: inclusão social

Novamente, e pela última vez, foi realizado um debate/discussão com os estudantes. De modo semelhante ao primeiro e ao segundo, aconteceu o terceiro. O professor pesquisador e responsável pela sala de aula foi o mediador do debate, que teve como temática uma grande problemática a inclusão social.

Antes mesmo de iniciar o novo e último debate, os alunos já estavam extremamente eufóricos, dessa vez estavam bem mais soltos, pois sabiam que aquele representava o final de um trabalho bastante gratificante e queriam aproveitar até o último instante. Estavam bastante participativos, já não tinham mais aquele medo inicial e já tinham a noção do que iria acontecer, o que aperfeiçoou a interação no debate (figura 17).

Figura 17 - Sala de aula do professor responsável e os alunos durante o debate sobre inclusão social



Fonte: Acervo do autor.

Os alunos demonstraram mais firmeza e segurança nas suas falas, porque estavam mais convictos de sua função nesta pesquisa, elevando o nível dos argumentos a um patamar excelente e superior aos outros debates realizados anteriormente. Entretanto é importante destacar que são alunos do 9º ano do Ensino

Fundamental apenas e que ainda não atingiram o seu maior potencial crítico argumentativo.

Um fator importante que vale a pena frisar é que, na sala de aula, havia um cadeirante, e isso fez com que a discussão se tornasse mais real e próxima da realidade. Os educandos sensibilizaram-se bastante com a situação do colega, procurando defendê-lo e justificar algumas atitudes dele, por exemplo: sua timidez em sala de aula. Todavia, apesar da timidez assumida pelo cadeirante, durante o debate, ele foi um dos que mais falou, parecia estar desabafando, estava leve e feliz.

Através desse debate, os alunos passaram a questionar a acessibilidade da sua comunidade e da própria escola, ao mesmo tempo, propondo algumas soluções como: rampas e barras de ferro em alguns lugares, principalmente na escola. É claro que na discussão foi falado das outras situações de inclusão que valem a pena mencionar, a saber: autismo, deficiência auditiva, deficiência visual, entre outras, entretanto, devido à presença do cadeirante na sala, foi dada uma certa ênfase ao caso específico.

Vale destacar que o aprendizado o qual os alunos tiveram durante a intervenção (figura 18) realizada sobre Letramento Crítico, despertou e estimulou a criticidade dos educandos perante as situações cotidianas.

Diante desse cenário, foi possível observar que o trabalho realizado foi exitoso e que é preciso desenvolver outros trabalhos dessa natureza para despertar no aluno o seu senso crítico e fazê-lo participar ativamente dos problemas sociais.

Figura 18 - Professor organizando os *slides* que foram usados durante debate sobre inclusão social



Fonte: Acervo do autor.

Demonstrando imensa alegria em participar, os estudantes tiveram, nesse último debate, participação integral da turma (figura 19). As falas foram diversas, os argumentos muito coerentes, e o entusiasmo dos alunos era visível. O professor responsável, mesmo satisfeito com o que estava acontecendo, teve que frear um pouco o ímpeto dos educandos quando havia alguns pequenos excessos, pois se tratava de jovens em fase de amadurecimento.

Nessa etapa da discussão, mereceram destaque novamente os *slides* que foram apresentados pelo professor, porque foram elaborados com muito cuidado, no intuito de fornecer informações úteis aos educandos e referencial teórico necessário para construção do artigo de opinião que seria realizado no encontro subsequente, levando em consideração a temática da inclusão social.

Figura 19 - Debate sobre inclusão social e participação ativa dos alunos



Fonte: Acervo do autor.

4.5.2 Produção do artigo de opinião sobre inclusão social

Após o final do debate sobre a inclusão social, na aula seguinte, começou a última produção de artigo de opinião por parte dos alunos, cuja temática foi a mesma do debate anterior, ou seja, inclusão social. Para a realização dessas produções, foi levado em consideração a primeira etapa desta intervenção, em que foi explicado sobre a estrutura do artigo de opinião, características, letramento, crítico, tipos de argumentos. Além disso, foi levado em consideração o debate previamente realizado. Nesse momento, os alunos colocaram em prática todas as informações adquiridas durante todo o processo de intervenção realizada pelo professor/pesquisador.

Dando continuidade, sem interferência, seguiu-se a produção do artigo solicitado, sendo entre para isso a folha de rascunho e a oficial. Se em algum momento os alunos pareciam estar preocupados, não era o mais caso, pois estavam muito tranquilos e concentrados (figura 20).

Figura 20 - Parte dos alunos produzindo o artigo de opinião sobre inclusão social



Fonte: Acervo do autor.

Em relação à duração, seguiu-se o mesmo padrão das demais anteriores, com as mesmas exigências básicas das características de um texto argumentativo e a manutenção das características do artigo de opinião.

Era preciso que se despertasse no aluno o desejo de aprender mais sobre o assunto, já que, eles em algum momento de suas vidas, poderiam precisar desse conhecimento. Vale salientar que, diferente das outras vezes em que alguns alunos precisaram de um pouquinho mais de tempo, dessa vez isso não aconteceu. Os estudantes entregaram as produções em tempo hábil, mostrando que também houve melhora nesse quesito, pois eles passaram a administrar melhor o seu tempo no tocante à produção textual.

Figura 21 - Alunos concentrados produzindo o artigo de opinião sobre inclusão social



Fonte: Acervo do autor.

Finalizada a produção textual por parte dos alunos, eles começaram a entrega da folha na qual foi produzido o artigo de opinião. Individualmente, cada aluno foi entregando as produções e o rascunho, momento em que foi possível perceber, no rosto deles, a sensação do dever cumprido, visto que sabiam que se tratava da última etapa (figura 21).

O professor da sala de aula ficou responsável por receber e guardar os textos que foram construídos, com o intuito de, no momento apropriado, efetuar uma análise sobre o trabalho realizado. É importante salientar que os educandos não fizeram nenhum tipo de identificação na folha destinada à produção, já que apenas o professor sabia quem era o autor de determinado texto. Da mesma forma que, nas outras vezes, foi usado um código pelo professor para identificar o aluno, por exemplo: “aluno 2, aluno 3, ...aluno 10, aluno 11, mantendo-se, assim, o anonimato.

4.6 Análise dos letramentos críticos nos textos produzidos pelos alunos na sala de aula

Finalizados todos os debates e todas as produções textuais realizadas pelos alunos, coube ao professor pesquisador/responsável pela turma realizar uma análise geral da intervenção executada durante todo esse tempo.

Para facilitar a compreensão, foi feito um diagnóstico de alguns pontos que chamaram a atenção no decorrer da pesquisa. Na parte da organização estética, os alunos, na primeira produção, deixaram um pouco a desejar, pois não tiveram preocupação com borrões, espaçamento, rasuras, entre outros, mas, nas outras duas, melhoraram consideravelmente, porque o professor da sala ficou atento a esses detalhes e os orientou novamente. É importante frisar que a caligrafia não foi analisada com rigor, visto que no geral foram bem, só seria ruim caso compromettesse a coesão e a coerência do texto, e isso não ocorreu.

No tocante à estrutura do artigo de opinião, levando em consideração a introdução, desenvolvimento e conclusão, os alunos no geral foram muito bem, talvez tenha sido a parte que melhor se saíram, conseguiram organizar bem seu texto seguindo essa divisão que foi sugerida durante as aulas. Outro ponto importante foram os argumentos usados pelos alunos, alguns inclusive chamaram atenção, como a alusão a fatos históricos que aconteceram, enriquecendo o trabalho. A argumentação utilizada por eles foi muito convincente e persuasiva, da mesma forma, quando eles sugeriam a solução para os problemas da sociedade, conseguiam impressionar, levando em consideração que se tratava de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e em uma faixa etária entre 13 e 15 anos.

Durante os debates, constatou-se uma grande evolução com relação à participação dos alunos nas discussões, estes passaram a falar mais, propor mais, ficaram bem à vontade e evoluíram à medida que avançavam os debates. A capacidade crítica deles prosperava, era evidente que a criticidade aumentava à medida em que eram instigados a falar, a expor sua opinião, até mesmo aqueles que eram tímidos no início soltaram-se no final à proporção que as discussões progrediam. Outro fato importante foi a capacidade de oralidade que foi desenvolvida, ao debater as temáticas escolhidas, perdiam a timidez e aprimoravam essa importante ferramenta que é a capacidade de falar em público.

Nas partes das produções, além de aprimorar este instrumento que é a capacidade criativa através da escrita, os alunos também passaram a organizar melhor o seu tempo para produzir seus textos, uma vez que, conforme foi evidenciado ao longo das produções, alguns alunos extrapolaram o tempo no início. Todavia, ao final, esses mesmos alunos conseguiram produzir dentro do tempo hábil, o que mostra também essa evolução.

Portanto, pode-se afirmar que, no início, as produções construídas foram apenas satisfatórias, mas, com as intervenções feitas ao longo de todo o processo, houve uma melhora bastante significativa e no geral houve um desempenho exitoso, ocasionando um excelente resultado.

O êxito desta pesquisa advém de se ter conseguido concretizar o seu objetivo maior e também os objetivos específicos. Isso se deu no momento da intervenção, na sala de aula de Língua Materna, no Ensino Fundamental, com o gênero artigo de opinião, favorecendo o Letramento Crítico através das inúmeras estratégias empreendidas ao longo de todo o processo e dos resultados obtidos com esta intervenção.

Vale salientar que, infelizmente, os trabalhos concretizados pelos alunos não puderam ser expostos para a comunidade escolar, pois os próprios alunos foram incisivos em não permitir tal atitude, foram muito exigentes quanto a isso, em todas as etapas. Segundo eles, os outros alunos da escola, devido ao contato frequente, conheciam a letra deles e iriam expô-los ao público, identificando os textos produzidos. Desta forma, os textos dos alunos ficaram restritos à própria pesquisa, sem exposição na escola, mas o mais importante foi resultado obtido e a certeza de que este trabalho poderá de alguma forma ajudar outros pesquisadores.

Dito isso, segue-se a análise individual de alguns trechos das produções do artigo de opinião dos alunos, abordando alguns pontos interessantes, no tocante ao letramento crítico. Vale destacar que os trechos dos alunos foram escolhidos de forma aleatória, assim como foram mantidos no anonimato, fazendo uso de expressões do tipo: aluno 01, aluno 04 e aluno 12, para se evitar qualquer possibilidade de identificação. Para iniciar tal análise, segue um trecho retirado do artigo de opinião sobre preconceito racial do aluno 01 das linhas 17 a 28.

Figura 22 - Trecho do artigo de opinião sobre preconceito racial (aluno 01, linhas 17 a 28)

17	Para combater o racismo é essencial que a
18	sociedade compreenda a necessidade de combater
19	o racismo, ajudem a promover a igualdade racial
20	incluindo as futuras gerações ensinando sobre o
21	respeito, a diversidade de cultura, envolvendo a
22	política e o governo para garantir o acesso
23	a todos, o direito e a oportunidade, incentivar
24	a todos que militam sobre o preconceito e
25	seus direitos no meio da sociedade.
26	A luta contra o preconceito da cor requer
27	o esforço coletivo e individual, deixar cada
28	pessoa ter um papel sobre esta causa.

Fonte: Acervo do autor.

Através desse trecho retirado do artigo de opinião (anexo C) produzido pelo aluno 01, constata-se a presença contínua do letramento crítico. Nota-se que ele exerceu sua capacidade crítica, mostrando ser um sujeito ativo na sociedade através da escrita, e, principalmente, incitando a sociedade a participar do processo de transformação social, inclusive, com uma posição de questionamento das relações de poder vigentes.

Isso se torna claro quando o aluno, em seu texto, diz: “para combater o racismo é essencial que a sociedade compreenda a necessidade de combater o racismo” e quando diz: “a luta contra o preconceito da cor requer o esforço coletivo e individual”. Da mesma forma, ao propor soluções para o problema do preconceito racial, o aluno evidencia sua emergente capacidade crítica, adquirida em grande parte nos debates realizados em sala de aula.

A seguir, um trecho retirado do artigo de opinião sobre preconceito racial produzido pelo aluno 13 das linhas 11 a 22.

Figura 23 - Trecho do artigo de opinião sobre preconceito racial (aluno 13, linhas 11 a 22)

11	É fundamental combater a discriminação
12	racial em todas as formas, seja através
13	da educação, da conscientização e criação
14	de novas leis para que tenha a igualdade
15	e o respeito entre a sociedade.
16	A discriminação racial é um mal
17	que precisa ser combatido. Cabe a
18	cada uma de nós fazer a sua
19	parte para promover a igualdade
20	e o respeito entre as pessoas, independen-
21	temente de sua raça, origem étnica
22	ou qualquer outro característica racial.

Fonte: Acervo do autor.

Por meio desse trecho produzido pelo aluno 13 (anexo C), constatou-se que houve letramento crítico, pois, ao utilizar a língua escrita de forma crítica e reflexiva, questionando a atual conjuntura social e propondo soluções para os problemas da sociedade, tendo como parâmetro o preconceito racial, chegou-se ao intuito desta pesquisa que é o letramento crítico.

Nesse trecho também fica evidente, principalmente na parte final, o momento em que aluno cria e propõe alternativas/soluções para o problema em pauta, que é o racismo, ao afirmar: “cabe a cada um de nós fazer sua parte para promover a igualdade e o respeito entre as pessoas”. Também ocorre a presença marcante do letramento crítico, já que este envolve a interação entre os indivíduos através da língua escrita; permitindo que sejam compreendidos e questionados os significados presentes nos mais diversos textos na sociedade.

A seguir, um trecho retirado do artigo de opinião sobre preconceito racial do aluno 02 das linhas 1 a 11.

Figura 24 - Trecho do artigo de opinião sobre preconceito racial (aluno 02, linhas 1 a 11)

1	O racismo no Brasil, é um acontecimento muito antigo
2	desde a época do descobrimento do nosso país, até os
3	dias atuais, é um assunto bastante discutido no nosso
4	cotidiano. Embora as grandes conquistas realizadas ao longo
5	do tempo como o fim da escravidão, cotas e leis... essa
6	luta continua presente.
7	O desrespeito dos povos negros, é visível no nosso
8	dia a dia, esses temas de preconceito é comum acontecer em
9	escolas, ambientes de trabalho, nas ruas e entre outros. a ma-
10	ioria discriminados, ou em "bairros" maldosos, nesses casos
11	a vítima é oprimida e constrangida.

Fonte: Acervo do autor.

No fragmento construído pelo aluno 02, em seu artigo de opinião (anexo C), verificou-se que ocorreu o letramento crítico, posto que, ao produzir o texto o aluno passou a questionar as relações de poder existentes na sociedade, promovendo a justiça social através de práticas de escrita e um visível amadurecimento crítico demonstrado ao longo de toda produção realizada por ele.

Além disso, demonstrou muito conhecimento de mundo ao descrever as conquistas que vêm sendo concretizadas em favor das pessoas que sofrem ou

sofreram de alguma forma o preconceito racial/racismo. Da mesma forma, reconhece que, mesmo diante de tantas conquistas, muito ainda deve ser realizado em favor da causa e que a luta precisa continuar para que seja feita a verdadeira justiça social. Essas afirmações são confirmadas através da escrita do aluno quando ele diz: “Embora as grandes conquistas realizadas ao longo do tempo como o fim da escravidão, cotas e leis...essa luta continua presente”.

Outro ponto que vale ser destacado do texto do aluno 01 é o seu senso crítico com a relação à temática em questão, ao reconhecer o desfavorecimento notório que ocorre no nosso cotidiano com relação à população negra. Também demonstra conhecimento sobre em que esferas da sociedade esse preconceito racial/racismo faz-se presente no dia a dia das pessoas, de modo que demonstra entender como se manifesta esse desfavorecimento. Fatos comprovados através da escrita do aluno, em seu texto, quando ele diz: “o desfavorecimento dos povos negros, é visível no nosso dia a dia, essas formas de preconceito são comuns de acontecer em escolas, ambientes de trabalho...a maioria disfarçados, ou em brincadeiras maldosas...”. A seguir será exposto outro trecho do aluno 02 do seu artigo de opinião sobre o preconceito racial/racismo (em anexo) das linhas 12 a 17.

Figura 25 - Trecho do artigo de opinião sobre o preconceito racial/racismo (aluno 02, linhas 12 a 17)

12	Um acontecimento histórico muito importante foi a abolição da escravidão, constituído no dia 13 de maio de 1888.
13	Desde então os negros adquiriram seus direitos, porém nem sempre são respeitados, em muitas situações, são xingados, agredidos e opressões, e visto como "bretões" e odeia sendo de esquerda.
14	
15	
16	
17	

Fonte: Acervo do autor.

No trecho em destaque, constatou-se que aconteceu o letramento crítico, porque o aluno ao promover uma reflexão sobre as práticas sociais e linguísticas de um fato histórico através da escrita, permite que a história seja analisada não como um conjunto de fatos estáticos e isolados, e sim como um processo dinâmico, ou seja, em constante transformação e socialmente construído pelos sujeitos.

Adotando uma perspectiva crítica, os cidadãos podem questionar as tradicionais narrativas históricas, reconhecendo e valorizando a influência dos diferentes grupos sociais; desafiando e atuando frente a visão unilateral que na

maioria das vezes é apresentada pelos livros didáticos e outros veículos de comunicação.

O aluno, ao trazer um acontecimento histórico em seu texto, acerca da abolição da escravatura, em 1888, no Brasil, demonstra um relevante conhecimento de mundo e senso crítico que merece ser destacado, e reconhece que, com a abolição da escravidão, surgiram os direitos dos negros. Porém, reforça que, mesmo existindo “os direitos”, a população negra continua sendo marginalizada e vítima de preconceito.

Essas falas são confirmadas quando o aluno diz, em seu texto: “Um acontecimento histórico muito importante foi a abolição da escravatura, constituída no dia 13 de maio de 1888. Desde então os negros adquiriram seus direitos. Porém nem sempre respeitados...”.

A seguir, analisa-se um excerto retirado do artigo de opinião (anexo D) sobre *bullying*, do aluno 07 das linhas 11 a 25.

Figura 26 - Excerto do artigo de opinião sobre *bullying* (aluno 07, linhas 11 a 25)

11	Além disso é importante visar as conse-
12	quências do Bullying, que são profundas
13	e duradouras, As vítimas enfrentam pro-
14	blemas emocionais, como insegurança
15	com sua aparência, ansiedade e depressões
16	meios alunos que sofrem Bullying,
17	tendem a apresentar um desempenho
18	escolar inferior, resultando em dificul-
19	dades futuras, tornando o ambiente
20	escolar em algo desagradável.
21	Diante disso é importante que a
22	escola implemente campanhas e palestras
23	contra o Bullying, para conscientização
24	dos alunos sobre as consequências
25	de seus atos.

Fonte: Acervo do autor.

No excerto em evidência, verificou-se que ocorreu o letramento crítico, já que o texto oferece uma perspectiva crítica e estimula uma reflexão sobre as consequências do *bullying* no ambiente escolar, questionando as desigualdades que constroem e alimentam o problema.

O texto do aluno mostra que o desempenho dos alunos que são vítimas de *bullying* é afetado diretamente, resultando em baixo rendimento escolar, e principalmente, tornando a escola um ambiente desagradável para o convívio diário, conseqüentemente, também, para a aprendizagem. Essas falas são justificadas quando o aluno em seu texto diz: "...muitos alunos que sofrem de *bullying*, tendem a apresentar um desempenho escolar inferior, resultando em dificuldades futuras..."

Ainda vale ressaltar que o aluno também deixou claro que as conseqüências da prática do *bullying* são "duradoras e profundas" e que geram graves transtornos emocionais, como: depressão, ansiedade e insegurança com a aparência. Isso quer dizer que as conseqüências da prática do *bullying* permanecem por muito tempo, e seus resultados representam um alto grau de insatisfação no meio escolar.

Outro ponto interessante que vale frisar sobre a existência do letramento crítico nesse texto é que o aluno, ao incentivar campanhas e palestras sobre o *bullying* para os alunos, estimula uma conscientização e reflexão por parte dos estudantes, estimulando-os a agir contra o *bullying*, seja denunciando, seja promovendo o respeito e a tolerância. O letramento crítico contribui para a transformação das relações sociais e culturais, impulsionando a criação de ambientes mais inclusivos e ajudando a mudar o comportamento tanto da pessoa que sofre *bullying* como do eu agressor.

Ao produzir sua atividade de escrita (artigo de opinião), expondo seu pensamento e propondo soluções para o problema, o aluno externa sua criticidade, comprovando que, de fato, houve o letramento crítico e mostrando ser capaz de criar um ambiente mais justo e igualitário para todos. Essas considerações são comprovadas quando o aluno, no seu texto, escreve: "...é importante que a escola implemente campanhas e palestras contra o *bullying*, para conscientização dos alunos sobre as conseqüências dos seus atos".

A seguir, será exposto um trecho retirado do artigo de opinião (anexo D) sobre *bullying*, do aluno 09 das linhas 13 a 22.

Figura 27 - Trecho do artigo de opinião sobre *bullying* (aluno 09, linhas 13 a 22)

13	Normalmente, os praticantes sofrem com algo causado
14	pela família, que desencadeia problemas na autoestima, e por
15	isso acabam descontando sua raiva e frustração em alguém
16	que eles acham humilháveis, e também eles não procuram atendi-
17	mento psicológico para tratar dos problemas mentais.
18	Por isso, é essencial que os pais sempre conversem com
19	os filhos sobre isso. É nas escolas - principal lugar onde ocor-
20	tece - sempre estão abordando os atos para impedir o bullying,
21	e também as escolas devem ter uma rede de ajuda para as
22	vítimas.

Fonte: Acervo do autor.

No fragmento do aluno 09, constatou-se que ocorreu o letramento crítico, porque a compreensão do *bullying* é um fenômeno social que expõe as desigualdades e mostra como o poder pode ser praticado de forma excessiva. Ao questionar as relações de poder e os discursos construídos pela sociedade, o aluno, em seu texto, especificamente o trecho analisado, desenvolve sua consciência crítica sobre as causas do *bullying*.

Ao focar suas atenções na pessoa do praticante do *bullying* e na atuação da família nesse processo, o aluno demonstra que compreendeu bem como surge o *bullying* e que fatores contribuíram para que os excessos ocorram e se façam presentes, principalmente no ambiente escolar. O letramento crítico é uma ferramenta importante para debater o *bullying*, pois proporciona aos estudantes analisar criticamente as causas do comportamento e refletir sobre o papel da família e da sociedade sobre esta temática.

Essas falas acima são comprovadas quando o aluno no seu texto escreve: "...os praticantes sofrem com algo causado pela família, que desencadeia problemas na autoestima, e por isso acabam descontando sua raiva e frustração em alguém...".

A seguir, expõe-se um trecho retirado do artigo de opinião (anexo E) sobre inclusão social, do aluno 02 das linhas 18 a 23.

Figura 28 - Trecho artigo de opinião sobre inclusão social (aluno 02, linhas 18 a 23)

18	Diante do exposto, a inclusão social é um direito
19	fundamental que deve ser garantido a todos, por meio
20	de leis, cotas e Campanhas de conscientização. além dis-
21	so é de grande importância a participação do governo em
22	projetos sociais, para juntos, construirmos uma socieda-
23	de justa e inclusiva.

Fonte: Acervo do autor.

Nota-se que o trecho expressou letramento crítico, posto que este e a inclusão social estão intimamente conectados e que o letramento crítico busca instruir os cidadãos a compreender as práticas sociais e os diversos discursos que levam à exclusão. E assim fez o aluno 02 ao propor alternativas que garantam os direitos fundamentais a todos. Isso é comprovado no momento em que o aluno, no seu texto, escreve: "... a inclusão social é um direito fundamental que deve ser garantido a todos..."

Nesse trecho, fica claro que o aluno desenvolveu sua capacidade crítica ao contribuir com sugestões para solucionar o problema e, conseqüentemente, para a criação de uma sociedade mais justa e inclusiva, em que todos, sem exceção, tenham voz e oportunidades. Entender e reconhecer que, para garantia de direitos fundamentais de todos, é necessária a criação de leis, é fator que atesta sua evolução crítica e deixa nítido que o aluno tem um conhecimento de mundo satisfatório.

Da mesma forma, ao propor o uso de cotas para amenizar o problema e sugerir campanhas de conscientização, deixa claro seu senso crítico, adquirido ao longo desse processo interventivo. Tal ponderação é comprovada quando o aluno no seu texto escreve: "... por meio de leis, cotas e campanhas de conscientização..."

É importante mencionar o fato de o aluno chamar atenção da grande importância da participação do governo em projetos sociais, para que, juntamente com a população, os governantes desenvolvam soluções para criar uma sociedade verdadeiramente inclusiva em todos os seus aspectos. Esta fala é comprovada quando o aluno no seu texto escreve: "... além disso é de grande importância a participação do governo em projetos sociais, para juntos, construirmos uma sociedade justa e inclusiva".

Dando continuidade à análise, apresenta-se um excerto extraído do artigo de opinião (anexo E) sobre inclusão social, do aluno 12 das linhas 15 a 19.

Figura 29 - Excerto do artigo de opinião sobre inclusão social (aluno 12, linhas 15 a 19)

15	a conduta de incluir pessoas de diferentes
16	características em diversos grupos, é uma das
17	muitas formas de transformar o lugar em
18	um ambiente melhor, seja nas escolas, lo-
19	cas de trabalho, de lazer entre outros.

Fonte: Acervo do autor.

Conclui-se que, semelhantemente aos excertos anteriormente apresentados, ocorreu o letramento crítico, visto que incluir refere-se a ações e atitudes que visam garantir a participação e o acesso de todos a vida em sociedade, na qual todos se sintam acolhidos e respeitados. E isso ficou claro no texto do aluno ao escrever: “a conduta de incluir pessoas de diferentes características em diversos grupos, é uma das formas de transformar o lugar em que vivemos...”.

É relevante mencionar que o aluno deixa claro, em seu texto, que a inclusão pode e deve acontecer em várias esferas da sociedade, seja no trabalho, no lazer ou no ambiente escolar, e o que importa de verdade é promover a inclusão de todos sem distinção, criando cidadãos críticos e capazes de transformar o meio em que vivemos. Esta fala é comprovada quando o aluno no seu texto escreve: “... transformar o lugar em que vivemos, seja nas escolas, locais de trabalho, de lazer, entre outros”.

Por fim, segue um trecho retirado do artigo de opinião (em anexo) sobre inclusão social produzido pelo aluno 05 das linhas 5 a 11.

Figura 30 - trecho do artigo de opinião sobre inclusão social (aluno 05, linhas 5 a 11)

5	A exclusão social gera desigualdade, pobreza
6	e conflitos. A inclusão por outro lado, promove o
7	crecimento econômico, promove a educação, a acessi-
8	bilidade, empreendedorismo, a inclusão contribui
9	significativamente para o desenvolvimento em vários
10	âmbitos, garantindo o acesso a oportunidades e recur-
11	sos, reduzindo a pobreza e as desigualdades.

Fonte: Acervo do autor.

Tal trecho, por sua vez, manifesta o letramento crítico, porque as práticas de leitura, e principalmente a escrita, que são essenciais para o letramento, foram

usadas aqui para impulsionar a consciência crítica perante a realidade social, política e ideológica, no intuito de modificar a sociedade, através da luta contra as desigualdades, gerando igualdades de oportunidades.

Um fato bem destacado pelo aluno foi mencionar as consequências da exclusão social, abordando também a inclusão social e seus benefícios à sociedade. Isso se comprova quando o aluno, no seu texto, escreve: "... a inclusão contribui significativamente para o desenvolvimento em várias áreas, garantindo o acesso à oportunidade e recursos, reduzindo a pobreza e as desigualdades".

Ao reconhecer que a exclusão social "gera desigualdades, pobreza e conflitos", o aluno demonstra que adquiriu o conhecimento necessário através da intervenção realizada pelo professor/pesquisador, ou seja, alcançou um nível de letramento crítico desejável para um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como a educação se desenvolve ao articular-se com as relações sociais necessita ser esclarecida através de um série de elementos no intuito de não passarem de meras abstrações. É preciso pensar o sistema educacional não como um processo mecânico e isolado, mas como um conjunto de movimentos sociais próprios de uma sociedade que está em constante evolução. Dessa forma, os questionamentos que surgem em torno da educação demonstram a preocupação dos educadores em relação à busca de solução para os problemas existentes e a consequente formação de cidadãos conscientes, ativos e participativos

Ao longo de toda essa pesquisa-ação, busca-se sempre empoderar os alunos de sua verdadeira criticidade, ou seja, fazer com que o educando deixasse de ser um cidadão passivo e passasse a ser um cidadão ativo dentro de sociedade, conhecedor dos seus direitos, mas também cumpridor dos seus deveres, analisando, compreendendo e questionando as relações de poder e injustiça sociais. Através de uma abordagem voltada ao letramento crítico, tendo como ferramenta o artigo de opinião e desenvolvido em sala de aula durante toda intervenção, fazendo uso de debates e produção de textos, foi possível colocar tudo isso em prática e mostrar ao nosso alunado que necessitam e podem exercer seu papel crítico e reflexivo na sociedade na qual ele está inserido. Ficou evidente que, por intermédio desse estudo, é possível e factível trilhar caminhos com o intuito de contribuir para melhoria da proficiência produtora de textos dos alunos.

A escolha do gênero textual artigo de opinião possibilitou aos estudantes entrar em contato com a arte de argumentar, prática de linguagem essencial à vida em sociedade, fundamental para resolução dos mais variados conflitos que estão presentes no nosso cotidiano. O artigo de opinião tem como finalidade defender uma opinião ou uma tese, a qual é sustentada com base em argumentos, daí a importância de se conhecer bem o que está por trás da intenção de cada um ao expressar seu ponto de vista, pois nem sempre aquilo que está sendo veiculado é verdadeiro, e cabe a nós identificarmos o seu real propósito. Durante todas as etapas da intervenção, os alunos passaram a se expressar mais e melhor, entendendo a real funcionalidade dos diversos discursos, fato que comprova a escolha acertada de gênero textual em análise.

Dessa forma, fica claro que a prática da produção de textos deve ser estimulada no meio escolar, não apenas para cumprir as exigências do currículo elaborado e exigido pela escola, mas também desenvolver no aluno habilidades criativas e aguçar o seu senso crítico, preparando-o para enfrentar os vários problemas com os quais se deparam em situações do dia a dia. Nosso tipo de pesquisa configurou-se como uma estratégia capaz de ajudar os professores no aperfeiçoamento de suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, na intervenção de modo satisfatório no aprendizado dos alunos. A pesquisa foi construída a partir de uma abordagem de caráter interpretativo e qualitativo, por isso a necessidade de análise de produções de textos, visando compreender e interpretar as informações contidas nos discursos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A pesquisa-ação, nessa perspectiva, mostrou, então, alternativas que estimularam os alunos a se tornarem proficientes produtores de texto.

Esta pesquisa teve início através de um levantamento bibliográfico que serviu de referencial teórico para embasar o trabalho, até a realização da intervenção, em que foram realizadas várias atividades: começou por explicações sobre artigo de opinião, passando por letramento crítico e tipos de argumentos. Durante a intervenção, os estudantes participaram de debates sobre alguns temas de grande relevância na sociedade: preconceito racial, *bullying* e inclusão social, de modo que eles expuseram suas opiniões, questionaram, refletiram e debateram acerca das mencionadas temáticas. Após as calorosas discussões dos educandos, estes produziram artigos de opinião sobre esses mesmos temas, com a mediação do professor responsável pela sala de aula, encerrando a participação dos alunos na intervenção.

No início dos debates, alguns alunos demonstraram uma certa timidez, porém, com o passar do tempo, eles foram progredindo e passaram a participar ativamente das aulas, graças à intervenção e às estratégias do professor que procurou de todas as formas inseri-los na discussão. No tocante à produção de textos, as primeiras produções, no geral, conforme citado anteriormente, deixaram um pouco a desejar, mas, devido à insistência do professor e ao empenho dos alunos em aprender, as produções melhoraram consideravelmente.

É importante frisar que o letramento crítico ocorreu de forma satisfatória, através de exemplos bastante práticos que foram utilizados pelo professor/pesquisador durante todo o processo interventivo realizado em sala de aula com os alunos. A constatação da eficiência desse trabalho foi comprovada mediante a produção de

artigos de opinião, elaborados pelos estudantes, sobre temas de relevância social. Vale destacar a análise feita de alguns trechos do artigo de opinião produzidos pelos alunos, explicando em detalhes a presença do letramento crítico nesse trabalho.

Portanto, avaliamos nossa pesquisa-ação como uma experiência exitosa, apesar de alguns problemas que enfrentamos, como falta de estrutura e materiais adequados, mas que conseguimos superar e realizar um excelente trabalho no nosso ponto de vista, tendo em vista os resultados obtidos graças à intervenção em sala de aula. Finalizamos nosso trabalho com a certeza de que podemos melhorar sempre nossa prática docente e que a produção textual precisa ter presença constante nas aulas de língua materna durante todo percurso escolar do alunado.

Com certeza, esta pesquisa pode servir de base para que outros trabalhos sejam criados e, assim, possam melhorar consideravelmente o ensino-aprendizagem das gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- ABREU-SILVA, Geraldo Emanuel de. **As inferências, os conhecimentos socioculturais e o alcance do letramento crítico**: a análise das coleções de espanhol (PNLD 2017). 2018. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AWUGA6?locale=pt_BR. Acesso em: 25 mar. 2025.
- ALBUQUERQUE, E. B. C. de. Conceituando alfabetização e letramento. *In*: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (org.). **Alfabetização e letramento**: Conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-22.
- ALVES, L. Educação à distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista RBAAD**, v. 10, p. 83-92, 2011. Disponível em: http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica, 1994. 103p.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 277-326.
- BAKHTIN, M. [1979] **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, J. R. A. Por uma prática de letramento crítico: leitura e produção escrita para mudança social. *In*: CARVALHO, A. M de; TAVARES, L. H. M. da C; SILVA, M. B. da. (org.). **De linguagem e de sentidos**. 1ª. ed. Mossoró: Edições UERN, 2015, v. 1, p. 50-60.
- BAYNHAM, M. **Literacy practices**: investigating literacy in social contexts. London: Longman, 1995.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEZERRA, B. Letramentos acadêmicos na perspectiva dos gêneros textuais. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 247-258, out./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/download/1984-8412.2012v9n4p247/24296>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **REVEL**, v. 7, n. 13, p. 1-12, 2009. Disponível em: http://revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opiniao.pdf. Acesso em: 8 maio 2025.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. *In*: KARWOSKI, A. M., GAUDECKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005. p.18– 30.

BRAKLING, K. L. Trabalhando com artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. *In*: ROJO, Roxane. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC. Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 221-248.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 8 mar. 2025.

BRONCKART, J. P. [1997]. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo. 1ª. ed. 3. reimp. Tradução de MACHADO, A. R.; CUNHA, P. São Paulo: EDUC, 2003.

BRONCKART, Jean Paul. Entrevista com o Prof. Dr. Jean Paul Bronckart. Por: CAVALCANTE, Rivadavia Porto. Revista Prolíngua, v. 10, n. 3, 2015.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CALDAS, L. K. **Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética**. IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss16_09.pdf. Acesso em: 4 dez. 2024.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; DUARTE, M. C. **Artigo de opinião: sequência didática funcionalista**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens 1**. Ensino Médio. 9. ed. São Paulo. Editora Saraiva. 2013.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília, DF: UnB, 1994.

CLAY, M. M. **Emergent Reading behaviour**. Tese de Doutorado. New Zealand: University of Auckland, 1966.

COLLELO, S. M. G. Alfabetização e letramento: repensando o ensino da língua escrita. **Videtur**, n. 43-52, 2004. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>. Acesso em: 27 mar. 2015.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CUNHA, D. de A. C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. *In*: DIONÍSIO, A. R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais & ensino**. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

D'AMBROSIO, U. **A história da matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na educação matemática**. São Paulo, 1999.

DIONÍSIO, Â. P. Gêneros multimodais e multiletramento. *In*: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. de Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FIGUEIREDO, L. de; BALTHASAR, M.; GOULART, S. **Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. São Paulo: Moderna, 2012.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FICHER, S. R. **História da escrita**. Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FIORIN, J. L. Pragmática. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, v. 2, 161-185, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed.; São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, S. dos. S. **Discurso e interação em sala de aula nos eventos de letramento**. 2003.

JANKS, H. **Literacy and power**. Routledge: New York, London, 2010.

JORDÃO, C. M. Birds of different feathers: algumas diferenças entre letramento crítico, Pedagogia crítica e abordagem comunicativa. *In*: TAKAKI, N.; MACIEL, R. F. (org.). *Letramentos em terra de Paulo Freire*. Campinas: Fontes, 2014.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCHE, V.S; BOFF, O. M. B; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual**: gêneros textuais do argumentar e expor. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KLEIMAN, Â. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Cefiel/IEL/Unicamp – Ministério da Educação, 2005.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A. B. (org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LORENZETTI, L; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Ensaio**: pesquisa em educação em ciências, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 1-17, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epec/v3n1/1983-2117-epec-3-01-00045.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2018.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. P. *et al.* (org). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 22-23.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARCUSCHI, L. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONTE MOR, W. M. Investigating Critical Literacy at the University in Brazil. **Critical literacy**: theories and practices, v. 1, n.1, p. 41-51, jul. 2007. Disponível em: <http://www.criticalliteracyjournal.org/cljournalissue1volume1.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2025

MOTTA, I. F. Intervenções psicoterápicas no desenvolvimento psicológico: o trabalho com os pais. *In*: GOMES, I. C. **Família**: diagnóstico e abordagens terapêuticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 113-123.

OLBRECHTS-TYTECA, L.; PERELMAN, C. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OLIVEIRA, M.; TINOCO, G.; SANTOS, I. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2014.

OLIVEIRA, Izabel Cristina Barbosa de; SANTANA, Ângela Barbosa de. O internetês e as novas configurações da escrita na língua portuguesa. 2015. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/>. Acesso em: 24 março de 2020.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RAMOS, R. de A. **Coleção Ser Protagonista. Língua Portuguesa 1**. 2. ed. São Paulo. Edições SM. 2013.

RAVID, D.; TOLCHINSKY, L. Developing linguistic literacy: a comprehensive model. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 29, p. 417-447, mai. 2002.

RODRIGUES, H. R. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. H. R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000. 252. p. (Col. As faces da Linguística Aplicada).

ROJO, R. H. R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modos de pensar, modos de fazer. In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 7-18.

ROJO, R.; BARBOSA, J. M. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SWALES, J. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 mar. 2025.

ANEXO A - DECLARAÇÃO DE CADEIRANTE NA ESCOLA

Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer-SEEC
13ª Diretoria Regional de Educação e Cultura- Apodi-RN
Escola Estadual Sebastião Gomes de Oliveira
Ensino Fundamental e Médio
Distrito de Melancias- Apodi-RN
AUTORIZAÇÃO – 1280/2017-SEC/GS
E-mail: eesebastiaoogomes@educar.m.gov.br

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que esta instituição de ensino possui, em seu quadro de alunos, um estudante(s) com necessidades educacionais específicas, que faz(em) uso de cadeira de rodas e necessita(m) de auxílio de um cuidador para o acompanhamento de suas atividades escolares.

A presente declaração produz todos os efeitos legais e é assinada em duas vias de igual teor.

Apodi-RN, 20 de março de 2025.

Atenciosamente,


Prof. Esp. Francisco Gerson Gama de Oliveira
Vice Gestor
Mat.: 198.800-0 - CPF: 073.716.774-20
Autorização: 14/2025


Sec. da Ed. Cultura, Esporte e do Lazer
Esc. Est. Sebastião Gomes de Oliveira
Ato de Criação: 576/98
Distrito de Melancias - Apodi-RN

ANEXO B - FOLHA DE PRODUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO EM BRANCO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

ANEXO C- ARTIGO DE OPINIÃO - TEMÁTICA: PRECONCEITO RACIAL

Aluno 1

1	⊙ Racismo é um dos preconceitos mais presentes no
2	dia a dia e um dos mais antigos também, no tempo
3	contemporâneo era o problema mais preocupante e
4	devastador, causava muitas mortes. O racismo é um dos
5	problemas mais encontrados em diversos (200) locais
6	do mundo. É importante entender que o racismo é um
7	dos mais preocupantes e que não é algo individual,
8	e sim uma estrutura com raízes profundas na
9	história e na prática em meio a sociedade.
10	A parte estrutural do racismo se apresenta em
11	locais de educação, saúde, mercado de trabalho e na
12	justiça.
13	Pessoas negras têm mais em empresas, têm menos
14	oportunidades e enfrentam obstáculos para conseguir
15	um ensino de qualidade, sofrem com insultos e tem
16	problemas com o ciclo de pobreza.
17	Para combater o racismo é essencial que a
18	sociedade compreenda a necessidade de combater
19	o racismo, ajudem a promover a igualdade racial
20	incluindo as futuras gerações ensinando sobre o
21	respeito, a diversidade de cultura, envolvendo a
22	política e o governo para garantir o acesso
23	a todos, ao direito e a oportunidade, incentivar
24	a todos que militam sobre o preconceito e
25	seus direitos no meio da sociedade.
26	A luta contra o preconceito da cor requer
27	o esforço coletivo e individual, deixar cada
28	pessoa ter um papel sobre esta causa.
29	
30	

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 01

Aluno 2

1	O racismo no Brasil, é um acontecimento muito antigo
2	desde a época do descobrimento do nosso país, até os
3	dias atuais, é um assunto bastante discutido no nosso
4	cotidiano. Embora as grandes conquistas realizadas ao longo
5	do tempo como o fim da escravidão, estas e leis... essa
6	luta continua presente.
7	O desrespeitamento dos povos negros, é visível no nosso
8	dia a dia, esses fatos de preconceito é comum acontecer em
9	escolas, ambientes de trabalho, nos ruas e entre outros. a ma-
10	ioria dirijados, ou em "brincadeiras" maldosas, nesses casos
11	a vítima é oprimida e constrangida.
12	Um acontecimento histórico muito importante foi a abe-
13	lição da escravidão, constituída no dia 13 de maio de 1888.
14	Desde então os negros adquiriram seus direitos. porém nem
15	sempre são respeitados, em muitas situações, são xingados, ag-
16	ressões e ofensas, é visto como "besteira" e acaba sen-
17	do esquecidos.
18	Dessa forma o racismo continua presente, e na
19	maioria dos casos casos é passado despercebido. É de
20	extrema importância utilizar os leis, e conscientizar
21	nosso filhos e familiares, que racismo não é brincari-
22	deira, e sim, crime.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO : 02

Aluno 5

1	O racismo não é uma invenção atual. Pelo é
2	um assunto que vem sendo debatido desde os
3	séculos passados por ser uma forma de preconceito
4	com pessoas de pele negra.
5	Pessoas que cometem alguma forma de
6	preconceito por conta do tom da pele estão
7	sujeitas a uma pena infamante segundo
8	o Artigo 5º do código penal de 1988. O racis-
9	mo é ocasionado geralmente por
10	contos do tom da pele ou traços físicos
11	que são semelhantes aos traços indígenas ou
12	africanos.
13	O G1 Publicou uma reportagem que
14	afirma que pessoas negras sofrem de desigualdades
15	em diversas áreas como mercado de trabalho,
16	educação, seguradora pública. Essa forma de
17	preconceito é reforçada em seu valor por
18	conta do tom da pele.
19	Oito dias devemos denunciar pessoas que
20	cometem discriminação, com policiais ou órgãos de
21	defesa dos direitos humanos com ações coletivas ou
22	individuais o problema não relacionado.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 05

Aluno 6

1 O racismo é uma carga que pesa na sociedade, que cobra várias li-
 2 ções no mundo sendo ele o maior Pato negro, os números de
 3 discriminação racial nos últimos tempos um aumento de forma vergada
 4 indubitavelmente ainda mais na sociedade brasileira que tornou-se desigual
 5 a filosofia negra se mesclou com a filosofia branca...

6 A discriminação racial então em todo lugar não é no Trade
 7 alho ou salata e etc..., o Brasil é um País em que a discrimi-
 8 nação racial foi muito severa com os escravos no início
 9 de 1530, com isso os escravizados que por parte todos
 10 eram de negros passaram a ser alvos dos portugueses,
 11 que tipo em muita escravidão os indígenas por o uso de
 12 Trabalho escravo sem sequer nem um tipo de salário tudo
 13 isso durou muito tempo até o seu abolição em 1888.

14 A discriminação no Trabalho é uma violação dos direitos
 15 humanos, pode ser assumir várias formas sendo das
 16 discriminação racial ou ainda uma coisa que o Brasil que é
 17 negra não podem ter as mesmas oportunidades de que bi-
 18 rasos brancos no Trabalho, mas de acordo com o li-
 19 de nº 9.029/95 (Lei de discriminação racial ou étnica, Condi-
 20 ções Gerais do Brasil (art. 5º) Código Penal (art. 20 e 20-A).
 21 Por ocorrer com o racismo ou discriminação racial
 22 crimes não são delitos de lei e sim ter vontade
 23 de não julgar o Povo pelo cor da Pele, hoje o racismo
 24 está desdobrando em vários lugares como nos mercados
 25 e bairros e reuniões por causa do cor da Pele uma
 26 coisa que nos devemos ser conscientes em não ter que julgar
 27 ninguém por nada nem mesmo por algum ato que de-
 28 biza, devemos ocorrer com o racismo denunciando o Povo
 29 o que discrimina o outro Pelo bote dele ser negro
 30 ou branco, Por isso devemos evitar o próximo de fato dele

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 06

Aluno 7

1 A discriminação racial é um problema
2 persistente em diversas sociedades, manifesta-se
3 em diferentes formas, desde o preconceito sutil
4 até violência explícita.
5 Na música "Capítulo 4 Versículo 3" da Banda
6 Racionais MC's o grupo relata a realidade
7 preocupante quando fala "60% dos jovens de
8 periferia sem antecedentes criminais já sofreram
9 violência policial. A cada quatro pessoas mortas
10 pela polícia, três são negras. Nas universidades bra-
11-sileiras apenas 2% dos jovens são negros. A cada
12 quatro horas, um jovem negro morre violenta-
13-mente em São Paulo".
14 As consequências dessas violências são devas-
15-tadoras. Muitos jovens tem que enfrentar não
16 só o medo constante de ser alvo de ações
17 policiais, mais também dos traumas psicológicos
18 que acompanham essa ~~ex~~ experiência. Essa in-
19-segurança, pode afetar a saúde mental e
20 o Bem-estar geral.
21 Portanto, para enfrentar essa crise, é impor-
22-tante implementar políticas públicas, que
23 garantam a proteção dos cidadãos huma-
24-nos. Além de promover programas que
25 incentivem a inclusão racial no ambiente
26 acadêmico, é que a educação seja um
27 direito acessível para todos.
28
29
30

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 07

Aluno 9

1 Não é de hoje que acontece o racismo. Isso existe desde a época
 2 do descobrimento das terras brasileiras, onde os indígenas e africanos
 3 eram usados em trabalho forçado. Apesar da abolição da
 4 escravidão, esse preconceito nunca acabou, além disso, pode
 5 ser visto ~~(através)~~ através das contratações de ~~(trabalho)~~ empregos
 6 e também nos fatos do dia-a-dia.

7 Na época que o Brasil foi descoberto e colonizado, os in-
 8 dignos e africanos que eram trazidos para o País, eram vendidos
 9 e obrigados a fazer trabalho forçado. Não muito diferente, hoje em
 10 dia, País, na maioria das vezes, as negras não têm uma ~~(boa)~~
 11 educação boa e também disso elas têm dificuldades de conse-
 12 guir um emprego bom, além disso os empregadores brancos não
 13 costumam a contratar pessoas de pele escura por não acharem
 14 suficientes para exercer tal trabalho.

15 É evidente que todos os dias são usados expressões de todo
 16 tipo, e algumas são de origem racista, como: "Branca igualzinha", "cor de
 17 pecado", "olha negra", entre outras. Um bastante usado é "mãe
 18 seu tuas negras", que faz referência as mulheres que pertencem
 19 com os homens brancos e eram usados como um objeto
 20 sexual.

21 Por isso, já existem centros para ajudar as negras, mas
 22 o governo deveria deixar a lei contra o racismo mais rígida,
 23 e também criar mais projetos para dar mais oportunidades as
 24 negras em escolas públicas e em empregos.

25
 26
 27
 28
 29
 30

ALUNO: 09

Aluno 10

1 Racismo é a discriminação com base
 2 baseada no tom de pele e características físicas
 3 que remetem a uma raça marginalizada e
 4 inferior, ou segregada como uma raça num
 5 dos lados da sociedade.
 6 É usual que o racismo vem sendo praticado
 7 há muito tempo, mesmo com a assinatura da lei
 8 Áurea assinada em 1888 pela princesa Isabel,
 9 hoje o racismo é considerado crime, mas
 10 ainda é comum ver pessoas praticando racismo
 11 é evidente que vemos muitos negros ocupando
 12 cargos pesados em muitas situações perigosas
 13 muitos trabalhadores negros não recebem um
 14 salário compatível com o trabalho.
 15 frequentemente vemos negros vivendo em lares
 16 periféricos envolvidos com crimes e drogas
 17 justamente por conta do racismo, na sociedade
 18 os brancos têm poder de escolha, mas no caso
 19 dos negros em muitas situações não têm o poder
 20 de escolher onde morar consequentemente são
 21 obrigados a morar em favelas e periferias
 22 onde não têm o acesso de uma boa educação
 23 financeira e são obrigados a viver com uma
 24 expectativa de vida.
 25 Com esse tema que é de extrema imp-
 26 ortância o combate do racismo na sociedade.
 27 Para isso, é necessário a criação de campanhas
 28 de intervenção para divulgar mensagens
 29 contra o racismo nas mídias sociais,
 30 escolas e comunidades.

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 10

Aluno 11

1 Atualmente o conceito de racismo de é muito frequente
 2 em escolas e principalmente no ambiente de trabalho,
 3 as pessoas hoje acham que o racismo é só uma
 4 humilhação moral, mas o que as pessoas não
 5 sabem é que isso pode causar vários problemas
 6 como, problemas psicológicos ou o próprio suicídio
 7 da vítima que está sendo julgada.
 8 O racismo é um conceito que está sendo
 9 bastante discutido nos dias atuais, principalmente
 10 no Brasil. O racismo é um preconceito que
 11 está relacionado a raça, cultura e etnia, esse
 12 conceito está sendo relacionado a superioridade
 13 de raça, ou seja, que é raças superiores
 14 a outras. nele existem diversos tipos de racismo
 15 ou preconceitos, como: o racismo individual, cul-
 16 tural e ambiental. Os Negros atualmente enfrentam
 17 diversas desigualdades em áreas como: educa-
 18 ção, Moradia, acesso a saúde e mercado de trabalho.
 19 A discriminação racial ocorre nas empresas e escolas
 20 brasileiras por meio de diferenças de salário e de
 21 bônus entregue para os estudantes negros ou de origem
 22 indígena, alguns meios de combater o racismo
 23 em ambientes de trabalho e escolas, são reali-
 24 zar debates, ~~criar~~ debates para o combate a discrimina-
 25 ção racial e estabelecer metas de diversidade racial,
 26 assim são algumas das maneiras de combater o
 27 racismo
 28
 29
 30

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 11

Aluno 12

1 O racismo, também conhecido como, discriminação racial.
 2 é um dos vários tipos de preconceito, sendo, baseada
 3 em cor de pele ou etnia, isso ocorre desde os tempos
 4 passados tendo em vista a escravidão como o principal motivo.
 5 Alciato com a população negra ou pessoas de pele
 6 mais escuras, essa discriminação inclui e despreza a
 7 a raça negra em muitos aspectos, como, etnia, línguas,
 8 religiões ou rituais que venha pertencem aos povos de
 9 ~~Africanos~~ e de descendência africana.
 10 Há vários formas de discriminação racial, e, um
 11 das muitas exemplos disso são ocorridas dentro
 12 das próprias residências ou locais de trabalho como,
 13 lugares de profissões, diferenças salariais, acesso moral
 14 ao trabalho e em diversas bases as demissões sem motivos.
 15 No cenário contemporâneo o racismo é considerado
 16 crime. tendo em vista isso, surgiu uma lei
 17 contra o racismo. lei como a de numero nº 9,029/95
 18 que é contra o discriminação, o ~~constituição~~,
 19 federal do Brasil art. 5º. de Lei de Penal art. 20 e 20-A.
 20 muitas pessoas famosas também influenciam
 21 o bem contra o racismo, como citações
 22 famosas, o de Paulo freire "a educação o combate
 23 quando se aprende bem as diferenças e não
 24 bem as igualdades". entre outras que também fazem bem
 25 devemos combater o racismo coletivamente,
 26 todas juntas, denunciando situações de preconceito,
 27 fazendo pressão contra o discriminação racial,
 28 defendendo a igualdade de raça, pois, o racismo
 29 é crime, e vai contra os direitos humanos.
 30

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 12

Aluno 13

1	A discriminação racial é um problema
2	que infelizmente ainda é muito presente na
3	sociedade. Ela se manifesta de várias maneiras,
4	como piadas e comentários preconceituosos até
5	atos de violência.
6	A discriminação racial é injusto e cruel,
7	ninguém deve ser julgado ou tratado
8	de maneira diferente por causa da sua cor
9	ou pele, ou qualquer outra característica
10	racial.
11	É fundamental combater a discriminação
12	racial em todas as formas, seja através
13	da educação, da conscientização e criação
14	de novas leis para que tenha a igualdade
15	e o respeito entre a sociedade.
16	A discriminação racial é um mal
17	que precisa ser combatido. Cabe a
18	cada um de nós fazer a sua
19	parte para promover a igualdade
20	e o respeito entre as pessoas, independen-
21	temente da sua raça, origem étnica
22	ou qualquer outra característica racial.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 13

ANEXO D - ARTIGO DE OPINIÃO - TEMÁTICA: BULLYING

Aluno 1

1 O Bullying é uma palavra de origem ameri-
 2 cana, "Bully" Significa "Valentão" e "ing" signi-
 3 fica ações contínuas. O Bullying se apresen-
 4 ta em diversas formas como física, psicológicas,
 5 verbal, virtual, sexual e social. Envolvendo agre-
 6 ssões contra as vítimas, xingamentos e apelidos
 7 ofensivos, manipulação e intimidação, assédio e
 8 gestos de natureza sexual e excluir a vítima de
 9 grupos podem causar um impacto muito grave
 10 nas vítimas.

11 É importante entender a causa do Bully-
 12 ng para tentar combater e ajudar as vítimas.
 13 Os agressores podem começar o Bullying por
 14 problemas familiares, pela influência dos amig-
 15 os, para se sentir inferior a vítima e por inf-
 16 luências das redes sociais.

17 O Bullying pode gerar problemas emocionais
 18 como ansiedade, depressão e crise de pânico, prob-
 19 lemas físicas como dores de cabeça e dificuldade
 20 para se alimentar, distanciamento social e dificulda-
 21 de para iniciar um relacionamento. Se não tratado
 22 pode prejudicar a vida adulta ou até levar a
 23 vítima a cometer suicídio.

24 Combater o Bullying é necessário para criar
 25 um local acolhedor para vítimas e agressores.
 26 Consentizar os alunos que apoiam e assistem,
 27 reunir pais e responsáveis da educação para aju-
 28 dar no emocional das vítimas, dialogar com os
 29 agressores, disponibilizar psicólogos para as vit-
 30 mas e agressores.

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 01

Aluno 2

1	O bullying é um assunto preocupante nos dias atuais, pois se consiste em ataques físicos, ameaças, insultos,
2	comentários maldosos... Todos esses problemas acontecem por
3	conta de preconceitos. Os vítimas são intimidados, por
4	sua cor, sexualidade, características físicas, síndromes e
5	entre outros...
6	
7	As consequências são preocupantes, podendo afetar a
8	psicologia e trazer problemas irreversíveis. Por meio
9	os vítimas guardam o sofrimento e acabam ficando
10	ulceradas em meio os agressores, desse modo eles são
11	expostos a diversos perigos. Como Ansiedade, depressão
12	e suicídios.
13	A sociedade criou um "padrão de beleza", esse
14	o qual deve ser seguido para ser aceito. Por conta des-
15	ses pensamentos, o bullying começa a ocorrer, norm-
16	almente o agressor procura vítimas fora desses padrões p-
17	ora rir ou agredir.
18	Diante disso, é importante ficar atento aos sinais
19	dos vítimas, assim evitando o prolongamento desse so-
20	frimento. Atualmente existe leis relacionadas ao bullying,
21	que pode ajudar a solucionar esse problema, além
22	dos importantes diálogos em família e companhias de
23	conscientização.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 02

Aluno 5

1 O bullying é uma forma de opressão
 2 que atinge milhões de estudantes brasileiros,
 3 afetando o desempenho das notas, o desempenho escolar
 4 e afeta a vida social tanto de forma física
 5 como mental.
 6 Geralmente pessoas que praticam o bullying andam
 7 em grupos pequenos compostos por estudantes. As
 8 vítimas sentem-se vulneráveis e impotentes diante
 9 as ofensas e as agressões. O bullying provoca
 10 o isolamento da vítima, a baixa autoestima, insegurança
 11 e até a ansiedade. Se os danos cometidos não forem tratados, a vítima poderá
 12 sofrer futuramente em sua vida adulta.
 13 Geralmente os agressores selecionam as vítimas
 14 as relações, estrutura física, peso, sexualidade
 15 e outros fatores. O bullying pode acontecer no dia
 16 a dia, na vizinhança, em grupos e etc., mas a
 17 escola é o local onde mais acontece pois
 18 é no escola onde jovens passam a maior
 19 parte do seu tempo, e onde passam o tempo
 20 todo interagindo com pessoas do seu cotidiano.
 21 Diante disso os agressores deveriam ser
 22 punidos mas não de forma segregativa pois
 23 violência não é combatido com mais violência.
 24 A melhor maneira é pela conversa e conscientização,
 25 e deveriam conscientizar quem assiste e
 26 quem participa. Com ações individuais e
 27 coletiva o problema será solucionado.
 28
 29
 30

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 05

Aluno 6

1	
2	O Bullying é um Problema que Persiste e obtém
3	milhares de vítimas sendo no maior delas crianças e adolescentes em todo o mundo, mas também
4	de realidades psicológicas, físicas e jurídicas, não apenas
5	casos de danos imediatos mas também danos morais
6	Profundos podendo levar a pessoa afetada a cometer
7	suicídio e etc..., os sintomas do Bullying muitas
8	vezes são chamados por vítimas e testemunhas
9	e como vários outros tipos de ataques seja física
10	ou jurídica.
11	O Bullying pode ser manifestado de diversas
12	formas desde fofocas de mau gosto, agressões físicas
13	ou verbais frequentemente sofrem de insultos ou
14	raiva autêntica e depreciação mas pode levar a pessoa
15	a se sentir sozinha, além disso pode levar a
16	consequências muito mais extremas, como o suicídio.
17	A vítima deve ser um ambiente seguro para
18	podem sofrer essas coisas, mas nos dias atuais
19	o ambiente está se tornando o local e que o Bullying
20	tem um lado muito mais cruel e a vítima
21	está de forma constante com isso de um momento
22	para outro o ambiente evoluiu para que
23	o agressor não seja afetado por isso também
24	O Bullying é um Problema grave que exige
25	ação de forma imediata. Também é necessário
26	que todos nos tornemos juntos para poder
27	combater e criar ambientes mais seguros para
28	as pessoas.
29	
30	

www.000dlx.com.br/fclha-de-redacao.php

ALUNO: 06

Aluno 7

1	O Bullying é um Problema Preocupante,
2	que se manifesta em diversas formas,
3	de agressão, seja ela física, verbal ou
4	psicológica, o local onde mais ocorre
5	-ce esse tipo de crime é na escola.
6	O Bullying pode ser identificado por
7	ações que visam humilhar ou intimidar
8	um indivíduo, entre as manifestações mais
9	comuns estão os apelidos, a exclusão
10	social e as agressões.
11	Além disso é importante visar as conse-
12	-quências do Bullying, que são profundas
13	e duradouras, as vítimas enfrentam pro-
14	-blemas emocionais, como insegurança
15	com sua aparência, ansiedade e depressão
16	meios alunos que sofrem Bullying,
17	tendem a apresentar um desempenho
18	escolar inferior, resultando em dificul-
19	-dades futuras, tornando o ambiente
20	escolar em algo desagradável.
21	Diante disso é importante que a
22	escola implemente campanhas e palestras
23	contra o Bullying, para conscientização
24	dos alunos sobre as consequências
25	de seus atos.
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 07

Aluno 9

1	
2	O bullying é uma prática muito comum, principalmente
3	entre crianças e adolescentes. Essa prática consiste em jul-
4	gar as vítimas por causa de questões econômicas, sexualida-
5	de, cor, etc. Isso gera sérias transformações mentais para quem
6	sofre esse tipo de agressão verbal e física. Além disso, mui-
7	tos das vezes, os agressores fazem isso para se sentir melhor.
8	Devido às violências que as vítimas sofrem, elas
9	acabam sempre tendo danos sérios no psicológico, e muitos
10	das vezes, irreparáveis. O bullying pode ser de duas maneiras, por
11	meio de zingamentos e julgamentos, ou, por meio de agressões
12	físicas. Mas as duas são extremamente prejudiciais para a
13	saúde mental de quem sofre com isso.
14	Normalmente, os praticantes sofrem com algo causado
15	pela família, que desencadeia problemas na auto estima, e por
16	isso acabam descartando sua raiva e frustração em alguém
17	que eles acham humilháveis, e também eles não procuram atendi-
18	mento psicológico para tratar dos problemas mentais.
19	Por isso, é essencial que os pais sempre conversem com
20	os filhos sobre isso. E nas escolas - principal lugar onde ocor-
21	tece - sempre esteja observando as atitudes para impedir o bullying,
22	e também as escolas devem ter uma rede de ajuda para as
23	vítimas.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 09

Aluno 10

1 Bullying é a intimidação que
 2 o agressor provoca na vítima
 3 pelo simples fato de não gostar
 4 de alguma particularidade especifi-
 5 ca como gênero, características físic-
 6 as, hábitos, etc.....

7 O bullying normalmente é praticado
 8 por crianças e adolescentes, aconte-
 9 cendo geralmente na escola, geralmente
 10 praticantes de bullying fazem isso
 11 para se sentirem melhor consigo mes-
 12 mo, elevando suas necessidades
 13 acima das de outra pessoa, para
 14 melhorar seu ego.

15 Os danos causados pelo bul-
 16 llying geralmente são irreversíveis,
 17 em muitos casos pode levar a dis-
 18 turbos e comportamentos, depressão,
 19 ansiedade, fobia social, etc, em
 20 casos extremos pode levar ao suicí-
 21 dio.

22 A melhor maneira de solucionar
 23 o bullying é o diálogo e a consci-
 24 entização das pessoas que o bullying
 25 traz a viola de umidade, implementar
 26 campanhas para mostrar as pessoas
 27 que o bullying é extremamente errado
 28 e causa danos irreversíveis.

29
 30

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 10

Aluno 11

1	O bullying é como se fosse uma violên-
2	cia física ou psicológica contra uma pessoa, é
3	bastante praticada de forma repentina, ela é bastan-
4	te evitada em escolas, casas e em outros
5	ambientes. Essas violências são cometidas por
6	um ou mais agressores, esses tipos de agressões
7	tem como intuito de prejudicar negativamente
8	esses tipos de agressão são bastante comuns
9	em sociedade brasileira, especificamente por
10	conta da violência como um poder forte
11	contra a vítima, a maioria dos autores de
12	bullying, são aquelas pessoas que são
13	basicamente fora de classe ou aquelas que
14	estão em grupos de estudos.
15	Diariamente as práticas de bullying estão
16	sendo mais "normalizadas" hoje em dia,
17	nas escolas muitos dos alunos hoje são viti-
18	mas de bullying. De mais é comum que o
19	bullying se baseia na ideia que a violên-
20	cia é um método de conseguir poder
21	perante qualquer minoria.
22	Uma das maneiras de amenizar o bully-
23	ng é fazendo palestras e grupos de
24	ajuda para que essa prática se amenize
25	ao longe dos anos essa prática de violência
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 11

Aluno 12

1 O Bullying, considerado uma prática de des-
 2 criminação, ocorre por diferenças físicas, religiosas
 3 ou físicas entre outras distinções que possam levar
 4 a situações de isolamento do vítima por diferenças.
 5 Bullying ou Bully significa violência, que
 6 na mitologia, seria o vicesimor, pelo qual a ação
 7 é cometida. O Bullying consiste em uma série
 8 de discriminação à vítima ou vítimas.
 9 Essas agressões, com desde apelidos
 10 maldosos ou pejorativos até agressões físicas
 11 podendo ocasionar em lesões no corpo ou
 12 lacerar, problemas psicológicos isolamento da
 13 vítima entre outros problemas expostos a eles.
 14 Tendo isso em mente também podemos
 15 trazer várias soluções. Já que em ambientes
 16 escolares, as vítimas podem desenvolver de pre-
 17 sões ou levar os mesmos a morte. por te-
 18 nte de alguns conhecimentos e técnicas, promover
 19 do comportar sobre a conscientização de
 20 Bullying para os mesmos compreendendo o certo
 21 sobre esse tema.
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30

ALUNO: 12

Aluno 13

1	O bullying é um problema sério que
2	afeta milhares de estudantes em todo o mundo,
3	causando danos emocionais e psicológicos que
4	podem durar a vida toda. Infelizmente, as
5	escolas não estão imunes a essa prática e
6	muitos alunos sofrem diariamente com agressões
7	verbiais, físicas e emocionais por parte dos
8	colegas.
9	Uma das principais razões para o bullying
10	continuar nas escolas é a falta de conscientiza-
11	ção, muitas vezes, as vítimas do bullying
12	sofrem em silêncio, com medo de serem julgadas
13	os professores, diretores e funcionários da escola
14	devem prestar atenção aos sinais de bullying
15	e agir imediatamente.
16	Além disso, é fundamental promover a edu-
17	cação e o diálogo sobre o bullying nas escolas,
18	envolvendo não apenas os alunos, mas tam-
19	bém os pais e responsáveis. É importante que
20	todos saibam que o bullying não é apenas
21	uma brincadeira, mas sim um comportamento
22	que pode ter consequências para a saúde mental
23	do aluno.
24	Os programas de prevenção ao bullying
25	podem ajudar a conscientizar os alunos sobre o
26	impacto negativo do bullying e a importância
27	de se respeitar as diferenças.
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 13

ANEXO E - ARTIGO DE OPINIÃO – TEMÁTICA: INCLUSÃO SOCIAL

Aluno 1

1	Inclusão é uma maneira de criar um ambiente
2	onde as pessoas se sintam valorizadas, respeitadas
3	e tenham igualdade de oportunidades, independentes
4	das suas diferenças, características ou condições. Existem
5	muitos tipos de inclusão como social, laboral,
6	digital cada uma com suas características.
7	Inclusão social integra um grupo de pe-
8	soas com deficiência, idosos, minorias, étnicas etc.
9	A inclusão educacional fala sobre o acesso para
10	todos a educação independente da raça ou deficiência.
11	A inclusão laboral é a igualdade de oportu-
12	nidade no mercado de trabalho, na política de
13	diversidade e treinamento. A cultural tem reconhe-
14	cimento e valorização da diversidade cultural.
15	Com a inclusão temos maior nível econô-
16	mico, menos conflitos na sociedade, diversidade de idéias,
17	melhoria na qualidade de vida, respeito ao próximo,
18	redução da pobreza. Na vida temos muitos preconce-
19	itos e discriminação que dificultam para o público.
20	A inclusão é um direito humano fundamental,
21	todos devem ter responsabilidade e incluir as
22	pessoas. A inclusão não é apenas uma questão social,
23	mas também econômica, cultural e política. Para a
24	inclusão temos várias leis, tipo a lei de acessi-
25	bilidade (10.098/2000) que garante acessibilidade e
26	edifícios, transporte e comunicação. A IBGE tem
27	pesquisa nacional sobre diversidade e inclusão.
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 01

Aluno 2

1	Os desafios para inclusão social no Brasil é fun-
2	damental para garantir igualdade para todos, independe-
3	nte de deficiência, cor, sexualidade ou condição finance-
4	ira. É importante construirmos uma sociedade que val-
5	orize e respeite as diferenças.
6	É crucial observar as pessoas que estão sendo ex-
7	cluídas, ou seja, que não tem acesso aos direitos básicos
8	ou não são beneficiados. É essencial que todos tenham pri-
9	vilégio a educação, saúde e lazer. Dessa forma atender
10	as necessidades de todos que são colocados à margem
11	da sociedade.
12	Os grupos mais afetados são negros e deficientes
13	físicos, considerando que eles são os mais impactados
14	pelo preconceito, são pessoas que precisam de apoio e elim-
15	inação. A falta de possibilidade trás a essas entidades
16	vulnerabilidade, e são cada vez mais esquecidos e isolados
17	dos seus direitos como cidadãos.
18	Diante do exposto, a inclusão social é um direito
19	fundamental que deve ser garantido a todos, por meio
20	de leis, cotas e Campanhas de conscientização. além dis-
21	so é de grande importância a participação do governo em
22	projetos sociais, para juntos, construirmos uma socieda-
23	de justa e inclusiva.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 02

Aluno 5

1	A inclusão social é a integração de todos
2	os indivíduos da sociedade, independentemente
3	de gênero, religião, raça, características físicas ou
4	condições socioeconômicas.
5	A exclusão social gera desigualdade, pobreza
6	e conflitos. A inclusão por outro lado, promove o
7	crescimento econômico, promove a educação, o acessi-
8	bilidade, empreendedorismo, a inclusão contribui
9	significativamente para o desenvolvimento em diversas
10	áreas, garantindo o acesso a oportunidades e recur-
11	sos, reduzindo a pobreza e as desigualdades.
12	Atualmente existem instituições governamentais
13	que ajudam pessoas necessitadas, como o Bolsa fami-
14	lia, o sistema único de saúde o (SUS) entre
15	instituições promovem acesso universal de saúde
16	para moradores e famílias pobres. Há progra-
17	mas de habitação populares como o Programa Brasil
18	de moradia popular, muitas vezes que dá acesso a
19	morádias para pessoas necessitadas.
20	Diante disso é necessário uma abordagem
21	semelhante, envolvendo governos, instituições, para
22	promover a igualdade de oportunidades e garantir um
23	futuro mais justo e próspero para todos os
24	cidadãos.
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 05

Aluno 6

1	A inclusão social é um processo que visa a re-
2	integrar na sociedade entre as indivíduos ou grupos
3	de pessoas que foram historicamente marginalizadas
4	ou excluídas, A inclusão social se dá pelo fato de
5	uma Ter alguma deficiência, sexo, gênero, religião
6	ou condição social econômica baixa.
7	A inclusão social contribui Para: reduzir
8	a pobreza e desigualdade entre pessoas, Promover
9	a educação e saúde Para crianças e adolescentes
10	combater a violência social e Também incluir
11	grupos vulneráveis, e promover o bem-estar so-
12	cial entre pessoas.
13	Estratégias Para a inclusão social Pode
14	ser implementado através formas de desenvolvimento
15	Por Para Todos como pessoas que sofrem de "exclu-
16	são", como Políticas Públicas inclusivas, educação
17	inclusiva, acessibilidade e Participação Comuni-
18	tária e etc.
19	A inclusão social é baseada Para o desen-
20	volvimento sustentável e necessita uma orga-
21	nização integrada, envolvendo governos, insti-
22	tuições e sociedade civil, Para Promover a equi-
23	dade de oportunidades e garantir um futuro
24	mais justo e Próspero Para Todos.
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 06

Aluno 7

1	A inclusão social é um tema de alta
2	relevância nos dias atuais, refletindo a
3	necessidade de construir uma sociedade
4	mais justa. trata-se de um processo
5	que busca garantir a participação de
6	todos cidadãos apesar de suas diferentes
7	características.
8	Um dos pilares da inclusão social é
9	a educação. Garantir que todos os grupos
10	tenham acesso a uma educação de quali-
11	dade, é fundamental para romper ciclos
12	de pobreza e desigualdade. A educação
13	inclusiva promove um ambiente onde
14	todos os estudantes possam aprender
15	juntos respeitando suas diferenças.
16	É essencial que as empresas usem
17	a diversidade por meios políticos que
18	incentive a contratação de pessoas com
19	deficiência, mulheres, negros, e pessoas
20	de diferentes etnias, é uma forma de
21	garantir que todos tenham oportunidades
22	no mercado de trabalho.
23	A inclusão social é necessário para
24	o fortalecimento da sociedade e da de-
25	moocracia onde todos tenham oportuni-
26	-dades na vida.
27	
28	
29	
30	

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 07

Aluno 9

1	et inclusão social é o ato de incluir, certos ti-
2	pos de indivíduos na sociedade, dando oportunidades a todos,
3	para que possam ter uma vida digna. Por causa de algu-
4	mas características diferentes, muitos podem perder oportuni-
5	dades e além disso poucos lugares têm acessibilidade.
6	É importante destacar que muitos sujeitos perdem
7	oportunidades por falta de inclusão, por acharem que pes-
8	soas que tem alguma deficiência não possam fazer o mesmo
9	que uma pessoa "normal". Apesar de raça, gênero, defici-
10	ência, condições econômica dele sempre valer um acesso.
11	É notável que em muitos lugares não tenham muita
12	acessibilidade e por mais que seja simples, mas dele ter
13	para ajudar as pessoas com condições especiais. Ademais,
14	em muitos lugares, como: escolas, empresas, hospitais e outros,
15	não tem um apoio psicológico para ajudar pessoas com proble-
16	mas mentais, autistas, síndrome de Down e outros distúrbios.
17	Concluindo, é importante que todos sejam inclu-
18	ídos independentemente das deficiências ou problemas. O governo
19	dele criar mais centros e projetos para ajudar a inclusão, di-
20	ante disso, criar leis que dele ter um apoio em lugares
21	que tenha interesse, como psicológicos.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 09

Aluno 10

1	Inclusão social é o ato de incluir
2	peças na sociedade independente-
3	mente de gênero, raça, características
4	físicas, religião, étnicas, etc. Alguns
5	grupos sociais ficaram fora da
6	socialização.
7	É fato que o ato de incluir peço-
8	as não vem sendo utilizado por tu-
9	dos, ah muitos anos, frequentemente
10	nas nossas sociedades constantemente
11	as pessoas estão divididas em gru-
12	pos.
13	Preconceitos e estigmas sociais
14	constantemente na sociedade ainda são
15	comuns, dificultando a inclusão
16	dessas pessoas em diversos as-
17	petos.
18	Brasil tem quatro leis que en-
19	velvem ajudar a incluir essas
20	peças, sendo elas: Lei 7736/11/2012,
21	12.711/2012, 10.791.2003 e LBI, Arme-
22	ver campanhas para conscientizar as
23	peças pode ajudar a mudar sua
24	forma de pensar.
25	
26	
27	
28	
29	
30	

ALUNO: 10

Aluno 11

1	A inclusão social é um processo bastante com-
2	plexado aqui no Brasil no ambiente escolar, pois
3	na maioria das vezes a inclusão ela é iguerrona-
4	da, a inclusão é um meio de aproximar as pess-
5	oas que tem algum tipo de deficiência ou é de
6	culturas diferentes. A inclusão ajuda para que as
7	pessoas se sintam acolhidas socialmente.
8	Um dos meios de inclusão, é a integração
9	de pessoas com deficiência no ambiente de trabalho
10	loas físicas e sociais. A inclusão é uma forma
11	de dar oportunidades as pessoas sem julgar as
12	questões físicas, sociais e de deficiências, e
13	também é um meio de erradicar as barreiras
14	sociais criadas pelo racismo, desigualdades
15	de gênero, raças de classe e deficiência física
16	e mental.
17	Uma das melhores meios de inclusão é
18	lojas, companhias sociais que estimulam
19	a contratação de pessoas com deficiências e
20	utilizar o esporte como um meio de
21	integração de pessoas com deficiências nos
22	esportes, acessibilidade em espaços públicos e
23	lojas físicas e sociais.
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dlx.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 11

Aluno 12

1	
2	A inclusão social acontece quando vivemos
3	de forma igualitária com todos, sem discriminações,
4	ou, exclusão de alguém por causa de uma religião, etni-
5	co, cultura entre outras formas de intolerância.
6	O conceito inclusão significa o ato de re-
7	abrir a inclusão ou a integração de pessoas,
8	deixar as pessoas e grupos de lugares que antes
9	os mesmos não faziam parte ou não se incl-
10	uíam. Isso por discriminação ou por não se incluir.
11	O ato de exclusão social é caracterizado
12	principalmente pelo preconceito de alguém por-
13	reosas causas, entre elas estão a exclusão
14	por alguma religião por estilo de vida ou
15	características físicas ou mentais.
16	A conduta de incluir pessoas de diferentes
17	características em diferentes grupos, é uma das
18	muitas formas de transformar o lugar em
19	um ambiente melhor, seja nas escolas le-
20	rais de trabalho, de lazer entre outros.
21	Para realizarmos isso, devemos ser justos
22	com todos, agir de forma igualitária, para
23	que todos possam ter garantido os seus direitos,
24	e preciso conscientizar a população, trazendo
25	reflexões sobre esse tema.
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 12

Aluno 13

1	A inclusão social é um tema muito impor-
2	tante nos dias de hoje, pois trata-se da igualdade
3	entre todos da sociedade independentemente das suas
4	diferenças ou seja: ela atua como meio de integra-
5	ção entre administrações públicas e sociedade.
6	A inclusão social envolve todas as questões
7	temadas para integrar grupos marginalizados, como
8	homossexuais, negros e pessoas com deficiência.
9	Apesar dos avanços da inclusão social,
10	muitos desafios ainda persistem, barreiras físicas,
11	como a falta de acessibilidade em edifícios e trans-
12	portes, continuam a participação de pessoas com de-
13	ficiência na sociedade, além disso, preconceitos e
14	estigmas sociais ainda são comuns, dificultando a
15	aceitação e a inclusão dessas pessoas em diversos
16	contextos.
17	Existem algumas leis no Brasil que tem o
18	objetivo de proteger grupos vulneráveis de qualquer
19	discriminação, sendo elas: Lei 10.711/2012, Lei 9716/1998
20	e a Lei LBI, diante disso pode-se criar mais
21	leis sobre a inclusão social, promover campanhas de
22	conscientização sobre respeito à igualdade e à diversi-
23	dade
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

www.000dix.com.br/folha-de-redacao.php

ALUNO: 13